

KATIE KING

WALLACE LEAL V. RODRIGUES

CASA EDITORA
O CLARIM

UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS REAIS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



Close-up de Mrs. Elgie Corner, ex-Miss Florence Cook, nos últimos anos de sua vida. É uma foto rara.

ÍNDICE

| | Páginas |
|---|---------|
| Prefácio do autor | 1 |
| Apreciação de Gabriel Dellanne | 4 |
| Sir William Crookes | 13 |
| Florence Cook | 25 |
| William Crookes Repete a Experiência de Mr. Volckman | 46 |
| Katie King | 54 |
| John King | 61 |
| Dr. Edward Von Hartmann | 69 |
| Primeiras Aparições | 71 |
| Testemunho de Katie Cook | 79 |
| Depoimento de Alexandre N. Aksakof | 84 |
| Testemunho de Mr. Henry Dunphy | 103 |
| Testemunho do Dr. George Sexton | 106 |
| Testemunho do Príncipe Emílio de Sayn, Witt- genstein, Ajudante de Campo e General do Imperador da Rússia | 112 |
| Testemunho do Dr. J. M. Gully | 123 |
| Testemunho de Florence Marryat | 132 |
| Testemunho do Professor Willian Crookes .. | 146 |
| Sir. Willian Crookes A Mr. Cholmondolly, 1874 | 150 |
| Testemunho do Dr. Georges H. de Tapp | 152 |
| Depoimento de Mrs. Luxmoore | 166 |
| Testemunho de Mr. Benjamim Coleman | 171 |
| Cromwell Fleetwood Varley | 174 |
| "The Spiritualist" | 180 |
| Testemunho de Mr. Dawson Rogers | 183 |
| "The Spiritualist" | 185 |
| Depoimento de Mr. W. H. Harrison | 187 |
| Depoimento de Mrs. Castellan | 195 |
| As Últimas Aparições de Katie King | 197 |

PREFÁCIO DO AUTOR

Há muito tempo *Miss Florence Cook*, *Sir William Crookes* e o Espírito *Katie King* vêm exercendo incontível fascínio sobre nós.

Aqueles três anos — que foi o período em que o Espírito se materializou — pareciam-nos mágicos, uma espécie de conto-da-carochinha, e que jamais se repetiram na História do Espiritismo.

E *Katie King* surgia como uma espécie de *Cinderela* espírita. Nada mais belo do que a disposição heróica desse espírito de mulher, abandonando as suas esferas de vida no Além para vir submeter-se às exigências dos cientistas cépticos, a fim de provar a sobrevivência do Espírito e a sua possibilidade de se comunicar com os encarnados, os quais, muitas vezes, ao invés de gratidão, egoisticamente punham-se a infligir à pobre *Miss Florence Cook* as mais disparatadas, e, por vezes, inumanas exigências para o controle dos fenômenos.

A coragem e a humildade de *Miss Florence Cook*, a terna solicitude do Espírito em relação ao "seu" médium, sua docilidade para com aquele que foi sem dúvida o maior sábio de sua época, *Sir William Crookes*, a nosso ver, deviam ser perenizados em um livro, de modo que todas as gerações espiri-

tas os tivessem na retentiva, sem os perigos do olvido que, sentíamos, como uma fina poeira, ia caindo sobre suas figuras, apagando-lhes os traços e tornando esquecida a maravilhosa saga.

O trabalho foi árduo. A nosso favor tínhamos apenas as antigas coleções de órgãos espíritas dos arquivos schutelianos, e, inesperadamente, a descoberta de que os bombardeios de Londres não tinham destruído de todo as chapas fotográficas que *Mr. Harrison*, editor do "The Spiritualist" e o próprio *Sir William Crookes* haviam batido. Obter cópias foi um trabalho de obstinação.

O líder inglês, que se tornou guardião dessas "plates", não tem boa vontade em franquear o seu exame, e foi com infinita deliberação que o vencemos pelo cansaço, obtendo as fotos.

Tudo isso, mais o trabalho de tradução, resultam em quase quatro anos de preocupação constante. Este nosso filho poderá, por vezes, parecer rebarbativo, mas aconteceu que não tivemos por bem mutilar o testemunho de nenhum narrador, por respeito e, também, porque as personagens que por aqui transitam são exatamente os membros do grupo, — pequeno, por sinal, que se reunia para as sessões, harmonizando suas vibrações de carinho e respeito, a fim de que o trabalho do Espírito *Katie King* não se tornasse tão árduo, dado que por si só já era um trabalho de gigantes, como se irá ver.

Contristamo-nos com o fato de algumas das

fotos estarem tão retocadas, mas há, por outro lado, um excelente "close-up" de Katie King, que ameniza, de certa forma, a falta de qualidade de alguns dentre outros clichês. Lamentamos, igualmente, que os processos da fotografia, na época, não façam justiça à beleza do Espírito materializado, que, segundo o próprio William Crookes, era formoso como um botão de rosa, um anjo, pois estes são os anjos de que nos fala a Bíblia.

Aqui fica o nosso arrazoado; e se o livro prender a atenção do leitor, nós, com isso, nos daremos por muito bem pagos pela difícil empreitada.

Araraquara, verão de 1.975.

APRECIACÃO DE GABRIEL DELANNE

Paris, 19 de abril de 1899

"Evitar o fenômeno espírita, não lhe dar a atenção que merece e à qual tem direito, é condenar a verdade à bancarrota". Quem escreveu isto? O maior poeta de nosso século; Victor Hugo. O gênio tem suas intuições. Esta frase, que data de mais de oitenta anos, (*) hoje podemos assegurar que foi profética.

O Espiritismo tem sido escarnecido pelos ignorantes e por aqueles que têm interesse em destruí-lo. Todavia, como se apóia em fatos naturais, venceu os seus detratores e, mais forte do que nunca, caminha na conquista das esferas intelectuais. Como explicar seu incessante progresso? Simplesmente, porque tem por método a investigação científica, emprega a observação e a experimentação, recrutando seus adeptos entre as mentes positivas, ávidas de conhecimentos precisos acerca do que seremos depois da morte.

(*) Na época, 1899. Nota do tradutor.

A filosofia é insuficiente para nos informar a respeito da mente que pensa e seu futuro; seus mais célebres representantes chegaram a conclusões diametralmente opostas no tocante a esta questão fundamental. O espírito que busca, com imparcialidade, costuma vagar desorientado no labirinto das afirmações contraditórias e termina por cair no cepticismo ao verificar a impotência dos que tentaram decifrar o enigma de nosso destino.

As religiões apelam para a fé a fim de sustentar seus ensinamentos dogmáticos, mas como diferem entre si e pretendem, cada uma em separado, representar a verdade absoluta, deixam o investigador na mais completa indecisão.

Quem, pois, nos dará a certeza da realidade da alma e nos dirá se é ou não mortal?

De nossa parte podemos sustentar que o Espiritismo resolve todos esses problemas: lança mão da observação e da investigação para estabelecer que a alma existe durante a vida do corpo físico e sobrevive à sua destruição. Empregando o método positivo, criou a verdadeira psicologia experimental, que tem fundamento nos fatos sempre comprobatórios quando as circunstâncias em que se verificam sejam idênticas. Meio século tem a inovação desta ciência, mas só de vinte anos a esta parte assumiu o caráter rigoroso ao qual deve toda a sua autoridade.

William Crookes é, na Europa, o primeiro cientista que teve o valor de comprovar, escrupulosa-

mente, as afirmações dos espíritas. Muito céptico, a princípio, suas investigações o conduziram progressivamente à convicção de que esses fenômenos são verdadeiros e não titubeou um único momento em proclamar, alto e bom som, a certeza em que resultou o seu trabalho. Com a altiva firmeza que oferece quanto é comprovado, cientificamente, converteu-se em campeão de uma impopular mas indiscutível verdade. A partir daquele momento, ninguém foi mais capaz de deter o impulso recebido. Russel Wallace, Lodge, Myers, Hodgson seguem pela senda aberta. Na Alemanha, cientistas eminentes como Zöllner, Weber, Fechner, Ulrich, o Dr. Frièze, Carl Du Prel rendem-se à verdade que passam a defender. Na Rússia, Aksakof e Bouterow. Na Itália, o professor Falconer, Chiaia, Broffério, Finzi, Schiaparelli e o próprio Lombroso são levados a confessar a exatidão dos fenômenos espíritas que, antes, punham em dúvida. Na França, Gibier, Richet, De Rochas, Flammarion comprovam a mediunidade de Eusápia Paladino.

Em toda a parte estão na ordem do dia as investigações em torno desse assunto, e hoje já não é permitido a nenhum homem de inteligência negar "a priori" esses fatos relegados à conta de superstições populares. Já não é à meia-noite, na pradaria deserta, ou nos castelos em ruínas que se apresentam os fantasmas. Ao contrário, surgem nos laboratórios dos cientistas para se submeterem a todas as

condições, mesmo às mais rigorosas e escrupulosas pesquisas.

Este livro que oferecemos ao leitor possui grande força para levar à convicção a alma de todos quantos não são cegos pelos preconceitos. Em seus relatos vê-se que a aparição de Katie King, durante três anos, foi uma das mais bem investigadas entre numerosas outras semelhantes, existentes nos anais das pesquisas psíquicas. Pelo número e precisão das investigações de que foi objeto, merece ser considerada "clássica".

Nela não há lugar para dúvidas. A médium é uma juvenzinha de 15 anos, incapaz de organizar e levar a bom termo tão colossal embuste, sob a meticulosa observação de jornalistas, escritores e cientistas de primeira ordem. Tomaram-se todas as medidas, sempre com sua aquiescência, para impedir qualquer fraude. Procedeu-se em relação a ela como se teria feito com o mais hábil dos prestidigitadores. Imobilizam-se suas mãos por meio de cordas, cujos nós e laçadas são costurados e selados; com uma correia cinge-se sua cintura e fica sujeita às maiores precauções; as extremidades se fixam no solo mediante uma argola de ferro. Outras vezes passavam-lhe uma corrente elétrica pelo corpo de modo que um galvanômetro indicasse os seus menores movimentos. Entretanto, a aparição se mostrava completamente liberta, vestida com véus dispostos com arte e que desapareciam ao mesmo tempo que o fantas-

ma. Katie King difere tanto da médium Florence Cook que mesmo os incrédulos mais sistemáticos, como o Dr. Sexton, pôde vê-las juntas, enquanto Miss Cook jazia em transe, amarrada em sua cadeira. Seu testemunho confirma o da escritora Florence Marryat e o de Sir. William Crookes, que tinham podido ver a mesma cena.

Como não se convencer da realidade destas estranhas manifestações quando se assiste ao desaparecimento do fantasma que, em plena luz, se desagrega sob os olhos dos assistentes?

Que misteriosa operação será esta que resuscita, por um instante, um ser que há séculos desapareceu do cenário dos vivos? É a alma que vem tangivelmente afirmar sua existência, irrompendo em nosso materialismo para proclamar que sobreviveu à morte do corpo! Concebe-se, pois, o assombro e a incredulidade com que se têm recebido provas tão irrecusáveis. A negação se impõe como um dever, mas o fato é tão manifestamente contrário a todas as possibilidades, que se julgou indispensável recusá-lo sem mais discussões. Isso aconteceu durante algum tempo, até que outros investigadores, tão respeitáveis quanto os primeiros, chegaram a idênticos resultados; tornou-se imprescindível procurar uma explicação para os fenômenos e se invocou para isso a teoria da alucinação para destruir os fatos. A crítica movimentando-se habilmente permitiu que se vissem por toda a parte fraudes de mé-

diuns e que se suspeitasse sistematicamente da boa fé das testemunhas — o que é assaz difficil quando se trata de homens universalmente respeitados pelo seu talento. E se affirmou que os espectadores estavam enganados por alucinações provocadas pelos médiuns.

Acaso este ser que todos podemos ver de igual maneira, cujas mutações acompanhamos, que tocamos, que nos fala, não é mais do que uma fantasmagoria, um produto doentio de nossos cérebros enfermos? Sim! respondem gravemente os incrédulos. Estais sob a influência do hipnotismo, sonhais com os olhos abertos. A alucinação coletiva, que se explica facilmente pela sobre-excitação produzida pela expectativa do maravilhoso, é o que determina a confusão de que sois vítimas inconscientes.

Difficil parecia responder a alegações desta natureza e, entretanto, nós, os espiritas pudemos refutá-las vitoriosamente empregando a fotografia para testificar a objetividade do fenômeno. Se a chapa sensível reproduz a aparição tal como esta se mostra aos olhos dos assistentes, isso significa que ela tem existência real, objetiva; então, caem por terra todos os sofismas dos contraditores. Pois bem! Essa comprovação fotográfica foi obtida com tal abundância que desafia qualquer suspeita. *Mr. Harrison* foi o primeiro a obter o retrato de *Katie King*. E seu testemunho é apoiado pela declaração serena de *Mr. Luxmoore* e do *Dr. Georges H. Tapp*. Em segui-

da, *Sir William Crookes* afirma ter obtido mais de cinquenta outras, por intermédio de cinco câmaras enfocando o fantasma a um só tempo. Não deveria haver, pois, nenhuma dúvida quanto à materialidade de *Katie King*.

Ante semelhante evidência destruíram-se as objeções? Será possível negar-se a sobrevivência tão laboriosamente estabelecida?

Seria desconhecer os negadores acreditar que se rendem tão facilmente. Raciocinaram em seguida e afirmaram que a aparição não era um Espírito, mas, simplesmente, um desdobramento de *Miss Florence Cook*. Para emitir esse parecer, apoiaram-se nos relatos publicados pela "Sociedade de Investigações Psíquicas", de Londres, que registram mais de dois mil casos de aparição de vivos e de mortos. E eis aqui um caso estranho: os que fazem profissão de não crer na existência da alma, servem-se dos fenômenos de desdobramento para combater as materializações sem perceber que, com isso, caem em contradição.

Se a alma pode sair do corpo, isso supõe que é independente dele, e esta é a demonstração mais palpável de sua existência; portanto, sua sobrevivência não é impossível, visto que não é engendrada pelo organismo. Ademais, todos os fantasmas de vivos são sócios de seu corpo físico e, graças a essa identidade, podem ser reconhecidos. E, como *Katie*

King difere de *Miss Cook*, é mais do que provável que não é um desdobramento da juvenzinha.

Mas o que demonstra peremptoriamente a independência absoluta de Katie King, é que ela fala com a médium estando esta completamente desperta.

Pela leitura dos relatórios de *Sir William Crookes* vemos que, em sua última aparição, o Espírito se despediu de *Miss Florence Cook*, quando esta foi despertada e posta em seu estado normal.

Os documentos reunidos nesta obra estabelecem que, desde o início das manifestações, isto sucedia. Portanto, pode-se assegurar que foi um Espírito que, durante três anos, se submeteu a tão rudes provas a fim de demonstrar, de modo irrecusável, a existência da alma depois da morte.

Pela acumulação de testemunhos, faremos penetrar a luz da imortalidade em todos os ambientes. Quando se verificar que os fenômenos espíritas se produzem em todos os países e são comprovados por investigadores habituados às mais precisas e delicadas operações científicas, os homens sinceros não poderão resistir à autoridade dos fatos. A vida de ultratumba parecerá uma continuação lógica da presente e, sobrepondo-se à fé, ao misticismo, ao sobrenatural, a grandiosa certeza da imortalidade se fixará em todas as consciências com as consequências que lhe são correlatas. Em lugar da dúvida, ao invés de uma fé vacilante, teremos apresentado a

prova logicamente estabelecida e experimentalmente demonstrada.

Esta será a solução do grande problema que vem perturbando os mais poderosos pensadores em todas as idades da humanidade. Irradiando fecunda sobre o século XX, abrilhantaré os albores da emancipação intelectual, da regeneração moral que, por si sós, podem elevar nosso planeta a destinos infinitamente superiores.

Paris, 19 de abril de 1899

SIR WILLIAM CROOKES

Este livro, de per si difícil e exigindo incansável pesquisa, não estaria completo, nem seria entendível, por parte do leitor, se não apresentarmos ao menos um esboço de quem foi *Sir William Crookes* e de sua heróica participação na maior aventura psíquica de que se tem notícia. Nele têm papéis relevantes uma menina de 15 anos de idade, — Florence Cook, um dos maiores cientistas de seu tempo, — *Sir William Crookes*, e nada mais nada menos do que um Espírito, — Katie King.

Concordamos plenamente com o prof. Charles Richet quando afirma, em seu livro "Trinta Anos entre os Mortos", que a pesquisa psíquica começa, na História, com *Sir William Crookes*, e estaríamos dispostos a alongar sua biografia não fosse o fato de a Editora "O CLARIM" já ter em mãos *The Life of Sir William Crookes*, de E. E. Fournier D'Albe, lançado por T. Fisher Unwin Ltd., London: Adelphi Terrace.

Quanto à médium *Miss Florence Cook*, queixamo-nos de que tão poucas referências sobre ela mesma e sobre o panorama humano em que viveu tenham chegado ao nosso tempo, alertando os escritores espíritas de que é preciso enfeixar em livros

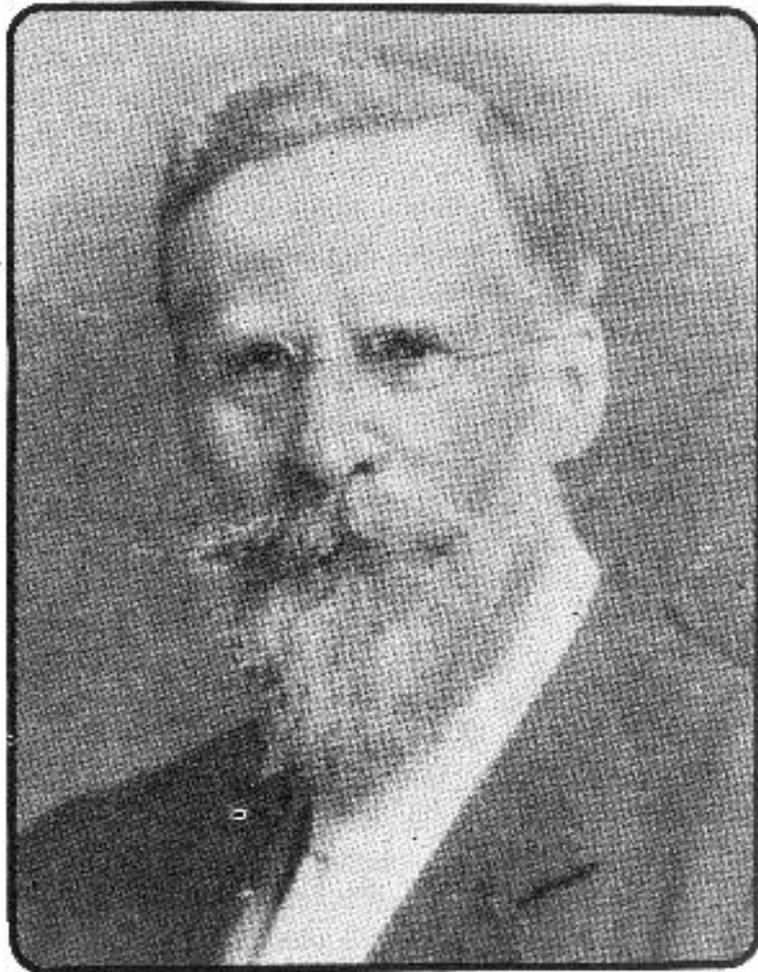
a vida e a obra dos grandes sensitivos de nossa época, se não quisermos que os pósteros repitam a nossa acusação.

No que diz respeito ao Espírito Katie King, foi uma espécie de "Cinderela" que fascinou três continentes no século XIX. Cremos, todavia, que, embora as dificuldades encontradas, as personagens desta obra surgem de corpo inteiro; e, se nos perguntarem em que consiste ela, teremos dificuldades em responder, pois, dada a sua ambiguidade, pode até mesmo ser considerada uma espécie de biografia de um Espírito.

Relativamente a Sir William Crookes, nasceu a 17 de junho de 1832, em Regent Street, Londres, e desencarnou a 4 de abril de 1919, no n.º 7 de Kensington Park Gardens, filho de uma família residente no vilarejo de Masbore, Yorkshire.

Seu primeiro contato com os fenômenos psíquicos se deu em julho de 1869, em uma sessão com Mrs. Marshal; sua curiosidade voltou a ser provocada por J. J. Morse, em julho e em dezembro de 1870; após a chegada de Henry Slade a Londres, ele anunciou sua intenção de se aprofundar inteiramente na investigação dos fenômenos espíritas. Em um artigo intitulado "O Espiritismo visto à luz da ciência moderna", declarou:

"Não posso dizer que tenho pontos de vista ou opiniões sobre um assunto que não tenha a pretensão de entender".



Sir William Crookes

Mais tarde voltou a declarar:

"Prefiro entrar na questão sem nenhuma noção preconcebida, quanto ao que pode ou ao que não pode ser, mas com todos os meus sentidos alertados e prontos para transmitir informações racionais, acreditando que não temos de modo algum esgotado todo o conhecimento humano ou galgado todos os degraus do conhecimento humano e das forças físicas".

A investigação havia sido sugerida a Crookes *"por homens eminentes que exerciam grande influência no pensamento do país"*. A sentença conclusiva do artigo aclarou as suas expectativas: *"O crescente emprego dos métodos científicos produzirá uma raça de observadores que conduzirá o residuo imprestável do Espiritismo daqui até o limbo desconhecido da mágica e da necromancia"*.

A imprensa recebeu a notícia com um júbilo que viria a ser de pouca duração. Tinha-se por certo que o Espiritismo seria posto a descoberto, meridianamente, como uma simples asneira. Todavia, conclusões posteriores nunca colimaram decepções mais amargas. As pesquisas foram iniciadas em maio de 1871, depois que Daniel Dunglas Home regressou da Rússia. Os testes foram realizados por um grupo do qual faziam parte: Williams, Walter Crookes, irmão do cientista, ambos auxiliares químicos de Crookes e ainda por Sir William Huggins, eminente físico e astrônomo, ex-presidente da "Royal

Society" e Sergente Cox, um advogado proeminente. Os secretários da "Royal Society" recusaram o convite de Crookes para participarem das experiências.

O relatório de Crookes foi submetido à "Royal Society" em 15 de junho de 1871. Entretanto, como não demonstrava a falsidade das propaladas maravilhas do Espiritismo, foi rejeitado, e essa repulsa chegou ao ponto de se proibir a publicação de artigos, em que Crookes descrevia os fatos presenciados, no periódico editado pela Sociedade. Essa infeliz medida era tomada pelo prof. Gabriel Stokes, que era, então, secretário dessa mesma Sociedade.

Foi somente a partir de julho de 1871 que Crookes conseguiu a publicação de seu relatório nas páginas do *Quartely Journal of Science*. Só então o público tomou conhecimento das suas primeiras investigações.

Em uma resolução especial, a Sociedade Real expressou o seu pesar por essa publicação, visto que, a seu ver, o relatório era incorreto e representava uma brecha no regulamento da mesa.

Nos anos seguintes, inumeráveis honrarias científicas e medalhas de honra científicas foram conferidas a Crookes, e ele foi eleito Presidente daquela Sociedade.

Podemos escrever em *Modern Spiritualism*: "A flagrante serenidade dos artigos de Crookes no "Quartely Journal of Science" e sua tônica judiciosa contrastam com as incorretas e levianas deprecia-

ções a que, sob o manto do anonimato, faziam coro os grotescos pontos de vista de outros indivíduos que só serviam para desfigurar o criticismo do "Dr. Carpenter".

Muitos outros cientistas discutiram as experiências de Crookes em diversos campos do conhecimento humano.

A alegação de que Crookes desistira de convencer seus companheiros cientistas é verdadeira. Todavia, ele nunca voltou atrás ou modificou as convicções que adquirira em 1874. A fúria da oposição alarmou-o; ele percebeu que sua carreira científica estava correndo perigo e se tornou mais cauteloso. Nunca permitiu que se publicasse a fotografia em que aparece de pé, de braços dados com Katie King. Em uma carta dirigida ao prof. Ângelo Brofferio, em 1894, diz o seguinte: "*Do meu ponto de vista, seres invisíveis e inteligentes existem, os quais dizem ser Espíritos de pessoas mortas. Todavia, as provas que eu desejaria ter, no sentido de apurar se elas são realmente as personalidades que se dizem ser, estas não pude obter embora esteja disposto a admitir o que muitos dos meus amigos asseveram, isto é, que tiveram provas indubitáveis; e eu próprio já tenha estado frequentemente e em várias épocas prestes a ter essa convicção*". (Für den Spiritismus, Leipzig, 1894).

Ante a *British Association*, em Bristol, em seu discurso presidencial, em 1898, ele declara o se-

guinte: *"Acerca de outro interesse, no qual ainda não toquei, para mim o de maior peso de todos, embora a distância do tempo, nenhum incidente em minha carreira científica é mais vastamente conhecido do que a parte que tomei, há alguns anos, em certas pesquisas psíquicas. Trinta anos se passaram desde que publiquei um relatório de experiências tentando mostrar que além do conhecimento científico que possuímos, existem forças exercidas por inteligências diferentes da inteligência comum dos mortais. Nada tenho que retratar. Mantenho o meu relatório já público e, de fato, teria ainda muito mais que acrescentar"*.

Em entrevista publicada no *The International Psychic Gazette*, em 1917, ele repete: *Jamais tive motivo para modificar meu ponto de vista a respeito. Estou perfeitamente satisfeito com o que disse nos dias do passado. É uma verdade indubitável que uma conexão foi estabelecida entre este mundo e o outro"*.

O prof. Richet, em seu livro "Trinta Anos de Pesquisas Psíquicas", estabelece a idade do Espiritismo a partir das investigações que Crookes iniciou. Descrevendo suas experiências com D.D. Home, ele diz: *"Até que eu encontrei Eusápia Paladino, em Milão, estava absolutamente seguro de que Crookes incidira em um terrível erro. O mesmo pensava Ochorowicz, porém ele se arrependeu e diz como eu também digo, batendo no peito: "Pater, peccavi."*

REFERÊNCIAS ENCICLOPÉDICAS SOBRE SIR WILLIAM CROOKES

Crookes (William), químico e físico inglês, nasceu em Londres em 1832. Foi, aos 20 anos, professor suplente do Colégio Real. Em 1854, era nomeado Inspetor do Departamento Meteorológico do Observatório Radcliffe de Chesham (1855). Em 1859, fundou a revista científica "Chemical News". Em 1864, assumiu a direção do "Quarterly Journal of Science". Desde 1851 Crookes fazia notáveis experiências sobre os "solenóides". Em 1861, descobriu e estudou o Talium. Em 1863, foi eleito membro da Sociedade Real. Em 1865, inventou um novo método para separar o ouro e a prata de seu mineral, por meio do *sodium*. Em 1872, inventou o "radiômetro", que aperfeiçoou e transformou, em seguida, chamando-o "othescope". Resumiu todas essas preciosas pesquisas e as comunicou, em 1873, à Sociedade Real, em um trabalho intitulado: "*Experiments on repulsion resulting from radiation*", que lhe valeu a grande medalha real. Crookes dedicou-se também ao estudo dos fenômenos espíritas; comunicou suas pesquisas à Sociedade Real em um relatório: "*Researches in the phenomena of Spiritualism*" (1874). Em 1876, foi eleito vice-presidente da Sociedade de Química e, no ano seguinte, membro do conselho da Sociedade Real, à qual apresentou, em 1878, o memorável trabalho intitulado "Física molecular no vácuo". De acordo com esse trabalho, publicado nos



"Close-up" do Espírito Katie King tomado em uma de suas rápidas aparições.

"Philosophical Transactions", admitiu um quarto estado da matéria, o estado ultragasoso, onde a matéria é radiante. Em 1887, Crookes, sempre ousado em suas concepções, apresentou à Sociedade Química de Londres um trabalho sobre a gênese dos elementos e a natureza dos corpos simples; mas as afirmações em semelhante matéria saíam do domínio puramente científico. Além das obras citadas, publicou várias outras, das quais algumas foram notoriedades; eis aqui as principais: "Métodos escolhidos de análise química" (1870); "Fabricação do açúcar de beterraba na Inglaterra" (1880); "Manual de tintura e de impressão no percal" (1881); "Tintura e impressão nos tecidos" (1882); "Manual de tecnologia; "Solução da questão dos enxurros (canos), 1883, e "Maneira de estabelecer um sistema de canalização vantajosa" (1885). Traduziu para o inglês o "Tratado de Metalurgia" de Kel, a obra de Riemann intitulada: "A anilina e seus derivados, assim como o livro de Wagner, "Tecnologia química" e a de Tille sobre os adubos artificiais. (Nouveau Larousse Illustré).

William Crookes, físico e químico inglês contemporâneo, nasceu em Londres em 1832. Presidente da Sociedade Química de Londres, este sábio eminente é conhecido por suas inúmeras pesquisas sobre variadas descobertas, tanto em física quanto em química. Eis os títulos das principais memórias que publicou em diversos compêndios ingleses: "Aplicação da fotografia no estudo de certos fenômenos de polarização", "Sobre a sensibilidade do iode-

to de brometo de prata à luz colorida"; "Pesquisas fotográficas sobre o espectro"; "Sobre a fotografia da Lua"; "Sobre a opacidade da chama amarela do *sodium* para os raios desta cor"; "Sobre novos elementos supostos da família do *calcium*"; "Sobre um novo elemento pertencente provavelmente ao grupo do enxofre"; "Memórias e notas sobre o Talium"; "Notas sobre a cristalização da glicérina"; "Pesquisas experimental sobre uma nova força"; "Novas experiências sobre a força psíquica"; "Notas sobre o radiômetro"; "Foco de calor produzido pelos choques moleculares"; "Sobre a constituição da matéria e o estado ultragasoso"; "Sobre a matéria radiante"; "Dos espectros fosforescentes descontínuos no vácuo quase perfeito"; "Estudos espectroscópicos sobre a matéria radiante"; "Os caracteres espectroscópicos dos corpos simples."

A leitura dos títulos destas memórias mostra a natureza variada dos trabalhos do físico inglês; mas ela não pode dar uma idéia da extrema originalidade que caracteriza a obra deste sábio. Em seguimento a pesquisas interessantes de espectroscópio, Sir William Crookes encontrou um novo corpo simples, o talium, do qual descreveu as propriedades em certo número de notas. Foi este o início de sua reputação científica. Suas experiências sobre a matéria radiante tiveram ressonância considerável e merecida; os fatos observados são dos mais curiosos e trouxeram luz nova sobre a constituição do gás muito rarefeito. Nada mais espantosos que os fenômenos de

incandescência produzidos pelo que Crookes chama de bombardeio molecular. Este trabalho lhe concedeu o prêmio de três mil francos da Academia de Ciências. Suas pesquisas sobre o radiômetro, este curioso e pequeno instrumento que gira, constantemente, sem causa aparente, quando exposto à luz, são também extremamente originais." (A. Joanes, doutor em Ciência, professor de Química Industrial da Faculdade de Ciências de Bordéus — Colaborador da Grande Enciclopédia de Berthelot).

FLORENCE COOK

A vida da maioria dos médiuns é comumente absorvida por sua mediunidade e deles não resta — para os investigadores do futuro, — senão indecisos vestígios de sua personalidade, de sua identidade íntima. No passado, em plena idade-de-ouro das ciências psíquicas, a bem poucos ocorreu redigir a sua autobiografia. Ressalva se faz a Daniel Dunglas Home, e, parcamente, a Amália Domingo y Soler. Por outro lado, não surgiram escritores interessados em dar-se ao trabalho de acompanhá-los e entrevistá-los, tendo em vista oferecer uma visão da paisagem humana em que viveram, do médium no exercício de sua mediunidade, reunindo fatos que poderiam auxiliar a compreensão desta última.

É o que está acontecendo no Brasil com relação, por exemplo, a Zilda Gama e ao extraordinário Peixotinho. Nos Estados Unidos, a célebre Mrs. Eleanor Piper vive em um volume para o qual uma de suas filhas se encarregou de anotar, além das narrativas de sua mãe, os fatos que ela mesma presenciou.

Quanto ao mais, restam as sínteses do Dr. Nandor Fodor e os dois volumes ácidos de Frank Fodmore.

Essa lamentável ausência biográfica ocorreu



Miss Florence Cook, que no facto de sua meditação
tinha apenas 15 anos.

até mesmo com uma das mais célebres médiuns dos anais do paranormal, Miss Florence Cook. Muito se sabe a respeito das entidades que se materializaram através de suas prodigiosas faculdades mediúnicas e quase nada da própria médium.

É sabido que nasceu em data não conhecida do ano de 1856, talvez em família destituída de maiores recursos, pois a menina só não procurou trabalho para auxiliar o orçamento da casa porque um homem de recursos, Mr. Charles Blackburn, de Manchester, altamente interessado em pesquisas psíquicas, garantiu-lhe um estipêndio anual sob a garantia de que ela, despreocupada financeiramente, pudesse conceder todo o seu tempo aos investigadores do paranormal.

O *Daily Telegraph* descreve-a como “uma bonita jovem judia”, mas não se têm provas de que a família Cook fosse realmente judia.

Sabe-se que possuía duas irmãs, também elas médiuns, mas a literatura faz menção tão somente de Katie, portadora das mesmas faculdades da irmã, (Florence), mas dedicando-se, de preferência, a sessões particulares; e nunca se submeteu a testes científicos.

Algumas narrativas acerca de sua mediunidade podem ser encontradas na obra de Florence Marryat *There is no Death*.

O insigne cientista, Sir Alfred Russel Wallace assistiu a uma série de sessões realizadas com Katie

Cook e em sua autobiografia, *My Life*, escreveu o seguinte:

“Os acontecimentos havidos nessas sessões eram similares aos ocorridos nas experiências realizadas com sua Irmã Florence; Katie Cook era dotada de várias faculdades. As sessões em que ela atuou, como médium, ocorreram na residência do Signor Randi, um pintor de miniaturas que vivia em Montague Place. Havia na casa uma grande sala destinada a recepções. Era onde se realizavam as sessões”.

E prossegue informando que a família Cook vivia na parte Norte de Londres. Respiremos a sua narrativa:

“Em um dos cantos uma cortina era esticada e uma cadeira posta para a médium. Havia habitualmente seis ou sete pessoas presentes; “Miss Cook e sua mãe vinham do Norte de Londres”. Miss Cook estava sempre vestida de preto, com uma gola de renda; calçava botinhas altas, fechadas por cordões trançados e trazia brincos nas orelhas.

Pouco depois de ela entrar na cabina a cortina era parcialmente aberta e uma figura de mulher, vestida de gaze branca, se mostrava. Por vezes saía para fora e estacava com a cortina às suas costas. Acenava a cada um de nós para que nos aproximássemos. Eu pude examinar de perto o seu rosto, gravar na memória os traços de sua fisionomia e o aspecto de seus cabelos. Tomei-lhe as mãos e pude

igualmente tocar e examinar detidamente suas orelhas que não tinham perfuração para o uso de brincos; a médium tinha-o e usava constantemente sua singela jóia.

“A figura mostrava-se descalça e era bem mais alta do que Miss Katie Cook. Embora houvesse alguma semelhança entre ambas, os traços fisionômicos, o porte e os cabelos diferiam completamente. Depois de mais ou menos meia hora, o vulto se retirou e fechou as cortinas da cabina. Após uns breves segundos veio lá de dentro uma voz que nos convidou:

— Vinde e vede.

Então, acendemos a luz e abrimos a cortina. Encontramos Miss Cook mergulhada em profundo transe, sentada na poltrona. Seu vestido preto, suas botinhas de amarrar e seus brincos estavam em perfeita ordem, exatamente como quando ela chegara. A esguia figura envolta em gazes havia desaparecido sem deixar sinal”.

Escrevendo sobre uma sessão realizada com Mrs. Ross, em New York, o Dr. Alfred Russel Wallace declara ainda o seguinte:

“Todavia, o que realmente me interessou foi que duas figuras acenaram-me querendo significar que eu entrasse na cabina. Uma delas estava esplendidamente envolta em gazes brancas. Era uma mulher e me apertou a mão em um cumprimento; olhou-me sorrindo, e, ao perceber minha hesitação, impos-



Katie King junto do cientista Sir William Crookes. Esta foto ele jamais permitiu fosse divulgada. Nela vê-se o verso que o sábio escreveu sensibilizado pela beleza do Espírito materializado.

sível de ser oculta, em um sussurro, disse que estivera comigo em sessões realizadas com Miss Florence Cook, em Londres. Então mostrou-me suas orelhas e levou minha mão a elas tal como eu fizera antes para comprovar que não era a médium. Percebi que se parecia muitíssimo à figura com a qual tinha tantas vezes falado e feito brincadeiras na residência do Signor Randi, fato que era totalmente desconhecido por qualquer pessoa na América”.

A respeito da outra irmã, também médium, não nos foi possível obter nenhum informe.

Florence via Espíritos e ouvia vozes desde sua infância, mas suas narrativas eram atribuídas à vivacidade de sua imaginação. Sua mediunidade parece ter aflorado mais perfeitamente em 1871.

Quando tinha quinze anos, durante um chá na companhia de alguns amigos, foi proposto que se fizesse a sessão da mesa. Ela se recusou a participar, mas, da segunda vez, com a permissão de sua mãe, aderiu à experimentação. Coisas extraordinárias aconteceram. A mesa se tornou difícil de controlar e Miss Cook levitou. Depois disso, ela e sua mãe passaram a se concentrar sozinhas em casa. A mão da menina começou a escrever independentemente de sua vontade. As mensagens, escritas de trás para frente, só podiam ser lidas em um espelho. Em visita disso, Mrs. Cook decidiu-se a procurar certo livreiro e tomar informações sobre a *Dalston Association*, que iria realizar um congresso espírita alguns

dias depois. Nessa oportunidade a família Cook travou conhecimento com o editor do "*The Spiritualist*", Mr. W. H. Harrison.

Miss Cook foi instada a assistir a sessões de materializações com os médiuns Herne e Williams, promovidas pela *Dalston Association*. Convidado por Mr. Cook, o médium Herne consentiu em fazer algumas sessões em sua casa.

Alguns autores escrevem que, por estas alturas, Mr. Cook já frequentava a *Dalston Association*.

Quanto a Mr. W. H. Harrison, era o editor de *The Spiritualist*, semanário londrino que exerceu forte influência sobre a opinião pública, tendo circulado entre 1869 e 1881. Anteriormente, era publicado sob o título de *The Spiritualist New Papers*, órgão oficial, até 1888, da *British National Association of Spiritualists*.

No tocante a Herne, apura-se o seguinte:

Era um médium muito conhecido na Inglaterra. Suas primeiras sessões foram realizadas em janeiro de 1869. Era clarividente e fazia descrições dos Espíritos e da aura dos assistentes. Logo em seguida, desenvolveu faculdades para manifestações físicas.

Em 1870, em uma sessão, sua estatura alongou-se, fenômeno este bem pouco conhecido. Em 1871, começou a realizar sessões com Charles Williams. O grupo se reunia no número 61 da *Lamb's Conduit Street*, em Londres, com excelentes resulta-

dos. Vozes, luzes psíquicas, música independente de instrumentos, aportes e levitações eram testemunhados frequentemente pelos assistentes. O famoso transporte de Mr. Guppy, de sua casa, no outro extremo da cidade, para a mesa de sessões, ocorreu ao estar a dupla atuando.

Charles Williams foi sempre um médium de materializações, controlado por John King.

Como foi dito, Herne reuniu-se a Charles Williams em 1871. As sessões eram públicas e tiveram por "patronesse" Mr. Guppy. Williams fez sessões com o famoso escritor espírita Stainton Moses. *The Research Committee of the British National Association of Spiritualists* construiu, para as sessões com Williams, um gabinete dotado de aparelhos de controle. Um observador assentava-se em outro gabinete com uma luz acesa para registrar as ocorrências. Uma forma espiritual surgiu, a uma distância de dez ou doze pés, afastada do gabinete. Essa aparição correspondia à oscilação registrada pelo aparelho do outro gabinete. A máxima perda de peso correspondia a 100 libras. Não havia peso no gabinete, o qual era fixado na balança da plataforma.

Médium de reputação muito controvertida, recebeu, no entanto, as maiores e mais entusiásticas referências nos livros *Experiences in Spiritualism*, de Catherine Berry, e em *Some Reminiscences*, de A. Smedley.

Durante uma visita que fez à Rússia, subme-

teu-se a experiências com os professores Blouterof e Aksakof. Em um relatório feito por Blouterof no *Psychische Studien*, Aksakof acrescenta a seguinte nota:

“Posso testificar ter visto a aparição de John King na própria casa de William Crookes enquanto Mrs. Crookes permanecia por detras dos ombros de Williams, ao estar em transe; o mesmo sucedeu na residência de Mrs. MacDougall Gregory enquanto Williams permanecia em um nicho hermeticamente selado. Mesmo assim John King surgiu sobre a mesa, em torno da qual estavam assentados os assistentes”.

Enquanto isso, a mediunidade de Florence se desenvolvia, e, em breve, as manifestações resultavam tão estupefacientes que se tornava para ela embaraçoso comparecer às sessões públicas da *Dalston*. Ela era levantada acima da cabeça dos assistentes, mãos invisíveis tiravam-lhe as roupas e tornavam a vesti-las, de modo que pareceu mais sensato realizar as sessões no domicílio familiar. Logo a jovem caía em transe profundo e, nessas condições uma personalidade estranha se manifestava. Dizia chamar-se Katie King, era filha de John King, aliás, Henry Owen Morgan. O Espírito conversou com Mr. Crookes e prometeu voltar durante três anos. Iria realizar coisas ignoradas e estranhas. Essa promessa foi generosamente cumprida.

O “Circulo Hacney”, composto por seus pais,

duas irmãs — que eram também médiuns — e Mary, a governanta da casa, bem cedo se tomava famoso.

Os primeiros pormenores são fornecidos pela própria Miss Cook, em carta dirigida a Mr. Harrison com data de maio de 1872, na qual diz:

“Tenho dezessets anos de idade. Desde minha infância vejo os Espíritos e ouço-os falar. Tinha o costume de sentar-me a sós e conversar com eles. Eles me cercavam e eu os tomava por pessoas vivas. Como ninguém os via nem ouvia, meus pais procuraram inculcar em mim a idéia de que tudo era produto de minha imaginação. Todavia, não conseguiram modificar o meu modo de pensar a respeito do assunto e foi assim que passei a ser considerada como uma menina excêntrica. Na Primavera de 1870 fui convidada a visitar uma amiga de colégio. Ela me perguntou se eu já ouvira falar em Espiritismo, acrescentando que seus pais e ela se reuniam em torno de uma mesa. Nessa situação obtinham certos movimentos; disse que, se eu consentisse, ainda naquela tarde ensalariam uma experiência comigo”.

Miss Cook pediu permissão a sua mãe e, em seguida, realizaram a primeira sessão, obtendo-se a comunicação de um Espírito que dizia ter sido sua tia. Mais tarde, quando a jovem ficou a sós junto à mesa, esta se ergueu a uma altura de uns quatro pés. Miss Cook dá continuidade ao relato contando:

“Voltei para minha casa perplexa com o que

se passara. Alguns dias depois voltei com minha mãe para fazermos uma segunda sessão. Os Espíritos nos deram algumas provas de identidade, mas não chegamos a ficar de todo convencidas. Por fim, recebemos, por tiplogia, uma comunicação orientando-nos para que deixássemos o aposento em penumbra. Eles me ergueriam e dariam comigo volta à sala. Não consegui conter o riso. Aquilo não era possível. Entretanto, decidiu-se a apagar a luz. Apesar disso, a claridade que entrava pela janela não deixou a sala inteiramente às escuras. De imediato, senti que alguém me tirava da cadeira, e, no instante seguinte, fui erguida até o teto, fato que todas as pessoas presentes na sala puderam ver. Experimentei tal espanto que um grito se me morreu na garganta; em seguida, transportaram-me por sobre as cabeças dos assistentes até que fui posta sobre uma mesa existente no extremo da sala. Minha mãe indagou se podíamos obter esse fenômeno. A mesa respondeu que sim, visto que eu era médium. No dia seguinte, à tarde, reunimo-nos em nossa casa. Os Espíritos quebraram a nossa mesa e duas cadeiras, fazendo, além disso, vários estragos menores.

“Em vista disto, resolvemos que, de modo algum, tornaríamos a realizar sessões. Então os Espíritos começaram a nos atormentar, atirando sobre mim livros e outros objetos; as cadeiras passeavam sozinhas pela casa, a mesa se erguia violentamente enquanto fazíamos as refeições e fortes ruídos eram

ouvidos durante a noite, fazendo-nos estremecer de medo. Por fim, nos vimos obrigadas a nos reunirmos em torno da mesa e a tentar um diálogo com eles. Disseram que fôssemos a "Navarino Street, 74", onde existia uma sociedade espírita. Eu e minha mãe seguimos o conselho, mais por curiosidade do que por outro motivo. O endereço estava certo. Ai encontramos Mr. Thomas Blyton que nos convidou a assistirmos a uma sessão; nessa noite fomos apresentadas a Mr. Harrison, o qual solicitou permissão para assistir a reuniões em nossa casa. Daí por diante já não tínhamos dúvida quanto à possibilidade da comunicação com os Espíritos. Desde a primeira sessão com Mr. Harrison presente, eu entrei em transe e por incorporação; uma entidade disse, aos meus pais, que se contássemos com o auxílio de Mr. Herne e Mr. Williams, obteríamos comunicações de valor.

"Reunimo-nos várias vezes com os ditos senhores e, finalmente, obtivemos os fenômenos prometidos. O Espírito que dirigiu a sessão disse chamar-se Katie King".

No dia 21 de abril de 1872, foi organizada uma sessão com a presença de Miss Cook e Mr. Herne. A ata do que sucedeu foi publicada por Mr. Harrison em seu periódico "The Spiritualist", de Londres.

Nessa sessão ocorreu um curioso incidente. Mal o grupo se reunira e ouviu-se bater nos vidros da janela; alguns dos presentes foram abri-la mas

não descobriram o motivo até que se ouviu a voz de um Espírito que dizia:

— *“Mr. Cook, é preciso que façais desobstruir o canal da calha, se desejais evitar que os alicerces da casa sofra.”*

Muito surpreendidos, os presentes procederam a um exame imediato da calha e foi verificado que era certo o que dizia o Espírito. Chovera e o pátio se encherá de água, por falta de encanamento. Ninguém pensara no que poderia suceder até que o Espírito dera o aviso.

Acompanhando-se a marcha da mediunidade de Miss Cook, percebe-se que as suas faculdades se vão desenvolvendo e os fenômenos produzem-se cada vez com maior facilidade.

Até então, as sessões feitas com Miss Cook eram realizadas na penumbra. Mr. Harrison, querendo melhorar as condições, realizou diversos ensaios com diferentes luzes; por fim, obteve uma luz fosforescente, empregando uma garrafa revestida, interiormente, por uma película de fósforo misturado a óleo de sementes de girassol.

No dia 22 de abril de 1872, realizou-se outra sessão, na qual estavam presentes a mãe da médium, seus irmãos, sua irmã e a criada. O Espírito de Katie King se materializou parcialmente pela primeira vez.

Miss Cook não adormeceu durante a experiência. É o que conta em uma carta dirigida a Mr.

Harrison datada de 23 do mesmo mês e ano; ela descreve:

"Durante a tarde de ontem Katie King nos disse que tentaria produzir alguns fenômenos se colaborássemos construindo um gabinete escuro, empregando cortinas. Acrescentou que seria preciso dar-lhe um frasco contendo o azeite fosforescente, pois que não era possível colher o fósforo necessário de meu corpo, tendo em vista o relativo desenvolvimento de minha mediunidade; seu desejo era iluminar sua figura e fazer-se visível.

"Encantada com tal idéia, fiz os preparativos necessários; às oito horas da noite tudo estava pronto. Minha mãe, minha tia, as crianças e a criada tomaram assento fora da sala, nos degraus da escada, deixando-me sozinha na sala de jantar. (Para dizer a verdade não me sentia muito tranquila, pelo contrário, bastante assustada!).

"Katie se mostrou na abertura das cortinas; seus lábios se moveram; por fim, falou durante alguns minutos com minha mãe. Todos puderam acompanhar os movimentos de seus lábios.

"Como eu não a via muito bem de onde me encontrava, pedi-lhe que se voltasse para mim. Ela atendeu e virou-se. "Com muito gosto desejo atender-te," disse. Então pude observar que a parte superior de seu corpo estava formada somente até o busto; o resto de seu corpo era uma nebulosidade vagamente luminosa".

Florence Cook foi a primeira médium entre os médiuns ingleses a obter materializações integrais em plena luz. A primeira aparição de Katie King deu-se em abril de 1872. Uma face, lembrando uma máscara de cera, foi vista entre as cortinas da cabina.

O frasco providenciado substituiu as luzes psíquicas. Assim foi que se pode ver a face de Katie. Nesse estágio a médium ainda permanecia consciente. Mais tarde passou a cair em transe. À medida que o tempo passava, Katie King ia adquirindo domínio da situação e conseguia mostrar-se mais e mais perfeitamente. Seu rosto a princípio dava a impressão de ser oco por detrás. Mais tarde preencheu-se, os crepes ectoplasmáticos se tornaram menos abundantes e, um ano depois, ela já conseguia caminhar do lado de fora da cabina.

Não muito tempo depois aconteceu quando lhe pediram que se deixasse fotografar à luz de flashes. Sua semelhança com a médium foi logo notada. Era um problema, e, para provar que era um ser distinto de Miss Cook, ela alterou a cor de sua face para tons de chocolate e azeviche. Em uma experiência feita em seguida, a médium foi amarrada pelos assistentes e pelos próprios Espíritos no interior do gabinete. Depois foi observada toda uma graduação de diferenças entre ela e a médium.

Estava reservado a Sir William Crookes fornecer as provas definitivas de que Katie King tinha uma existência à parte da de Miss Cook. O relatório de

sua longa série de experiências, conduzidas na casa dos Crookes e em seu próprio laboratório foi publicado em 1874 e levantou uma tempestade de sarcasmos e protestos. Ele, entretanto, já se preparara para enfrentar o público em defesa e Miss Cook valendo-se de um curioso incidente.

No dia 9 de dezembro de 1873, o conde e a condessa de Caithness e o conde de Medina Pomar foram convidados por Mr. Cook para uma sessão. Mr. W. Volckman, um outro convidado presente, suspeito de Katie King, apressadamente agarrou-a pelas mãos e em seguida apertou-a nos braços. O Espírito esforçou-se por se desvencilhar e dois amigos da médium correram em seu socorro. De acordo com o testemunho de Mr. Henry Dumphy, o Espírito pareceu ter perdido os pés e as mãos e fez um movimento similar ao de uma faca na água. Escapou sem deixar traço de sua existência corporal, nem ao menos um único dos véus com os quais se vestia. Volckman concordou que ela se libertara sem nenhum esforço. Quando a confusão cessou, o gabinete foi aberto, e Miss Cook encontrada perfeitamente composta em seu vestido preto e as botas abotoadas até o alto. Estava amarrada apertadamente por cordas que lhe prendiam o dorso e as mãos, tal como fora deixada no início da sessão. Os nós e o laço posto sobre eles, com o sinete do anel do conde de Caithness, mostravam-se intactos. Vistoriou-se a casa em busca de Katie mas nem ao menos um rastro foi encontrado. Todavia, como resultado, a médium adoeceu.



Foto muito retocada em que se vê o Espírito Katie King e a médium *Miss Florence Cook*, *William Crookes* menciona esta exposição.

É preciso consignar que foi a própria Florence Cook quem procurou o professor Crookes a fim de solicitar-lhe que investigasse sua mediunidade. Eis como ela narra o episódio:

“Fui à casa de Mr. Crookes sem dizer nada aos meus pais nem aos meus amigos. Ofereci-me como um sacrifício voluntário no altar de sua incredulidade. Pouco antes se dera o desagradável incidente com Mr. Volckman. Os que não conheciam o fenômeno dirigiam palavras cruéis contra mim. Mr. Crookes fizera um comentário que me atormentava e foi por isso que me decidi a ir procurá-lo. Ele me recebeu e eu lhe disse:

— Já que acreditaís que sou uma impostora, se quiserdes virei submeter-me a experiências em vossa própria casa. Vossa esposa poderá vestir-me como quiserdes e deixarei convosco o que tiver trazido. Podereis vigiar-me como vos aprouver; submeter-me-êi às experiências que desejardes, de modo que vos contenteis em todos os sentidos. Só imponho uma condição: Se verificardes que sou agente de uma mistificação, denunciái-me publicamente; mas se vos certificardes de que os fenômenos são reais e de que eu mais não sou que o instrumento de forças invisíveis, isso direis ao público de modo que todo o mundo tome conhecimento da verdade.

William Crookes, como se vai ver, aceitou o repto, disso resultando um dos mais tumultuosos e dramáticos episódios da História do Espiritismo.

Após a despedida do Espírito Katie King, a mediunidade de Miss Florence foi utilizada por outra entidade que dizia chamar-se Marie, a qual, por mostrar-se cantando e dançando, foi denominada Marie, a dançarina.

Em 1899, atendendo a um convite da Sphiny Society, de Berlim, Miss Cook já então Mrs. Corner, pelo casamento, assentiu em realizar algumas sessões, nas quais Marie se materializou e produziu fenômenos sensacionais.

Por essa altura Miss Florence Cook já se havia casado, em 1874, com um cavalheiro por nome Elgie Corner e vivia em Usk, no País de Gales, onde teve vários filhos.

Em 1904, William Crookes recebeu uma carta, datada de 24 de abril, na qual era-lhe comunicada a desencarnação de Mrs. Corner. Ele respondeu expressando viva simpatia e declarando ainda que a vida post-mortem muito devia, quanto à sua certeza, à mediunidade da antiga Miss Florence Cook.

Com este episódio se encerra uma vida que conheceu tanto sensacionalismo quanto o das atrizes da atualidade.

A Doutrina Espírita deve eterna gratidão à menina de 15 anos, que, sacrificando sua juventude nos laboratórios dos sábios, prestou os mais relevantes serviços à comprovação científica da imortal obra de Allan Kardec.

WILLIAM CROOKES REPETE A EXPERIÊNCIA DE MR. VOLCKMAN

The Spiritualist — 30 de março de 1874

Em uma carta que escrevi a esse periódico mencionava uma série de sessões particulares, às quais assistimos apenas um ou dois de meus amigos e eu.

Em princípios de fevereiro próximo passado, escrevi sobre o fenômeno das materializações que se manifestavam através da mediunidade de Miss Florence Cook e adiantava: "Permito-me dizer que os que julgam duramente Miss Cook devem suspender seus ajuizamentos, neste assunto, até que eu traga certa prova que, presumo, será suficiente para resolver a questão".

Presentemente, Miss Cook se consagra exclusivamente a uma série de sessões que me levam a crer em sua perfeita honradez e sinceridade; e tudo me faz supor que as promessas de Katie King, a mim feitas, terão devido cumprimento.

Na aludida carta descrevia um incidente que, para mim, era suficiente para convencer-me de que Katie King e Miss Florence Cook são dois seres realmente distintos. Enquanto Katie estava fora do gabi-

nete, de pé, à minha frente, ouvi soluços que provinham de Miss Cook, a qual se encontrava no interior do gabinete. Sinto-me satisfeito de poder dizer que, por fim, descobri a prova que prometia na carta já mencionada.

No momento não falarei da maior parte das provas que me foram dadas por Katie nas numerosas ocasiões em que Miss Cook me favoreceu em sessões realizadas em minha casa. Só descreverei uma ou duas que foram efetuadas recentemente.

De uns tempos a esta parte, tenho usado, nas sessões, uma lâmpada que consiste em uma garrafa contendo azeite fosforado, garrafa esta hermeticamente fechada. Tinha muitas razões para esperar que, à luz desta lâmpada, alguns dos misteriosos fenômenos ocorridos no gabinete poderiam tornar-se visíveis, e Katie também esperava que se alcançasse esse resultado.

No dia 12 de março, em uma sessão realizada em minha casa, depois que Katie andou entre os assistentes, e conversou algum tempo com eles, retirou-se para o gabinete. Os assistentes tinham tomado assento em meu laboratório, enquanto a biblioteca provisoriamente servia de gabinete escuro.

Ao fim de um momento, saiu de novo, dizendo: "Entrai e erguei a médium; ela escorregou e sua cabeça toca o solo". Katie estava, então, junto a mim, de pé, vestida com seu habitual traje branco e a cabeça envolta em um turbante.

Imediatamente, dirigi-me à biblioteca para erguer a médium, e Katie se afastou para dar-me passagem. Miss Cook em parte havia resvalado e tinha a cabeça em uma posição penosa. Tornei a acomodá-la no canapé e pude observar que, com seu vestido simples e escuro, de veludo, mergulhara em profundo transe. Ora, não se passaram três segundos entre o momento em que conversei com Katie, vestida de branco, e o em que acomodei Miss Cook, vestida de veludo negro.

Quando voltei ao meu posto de observação vi Katie outra vez. Ela me disse que, ao que supunha, já me era possível vê-la e à médium a um só tempo. Extinguimos o gás e ela me pediu a lâmpada de fósforo. Depois de ter-se mostrado durante alguns segundos, à luz da lâmpada, devolveu-me dizendo:

— Agora entres e vejas a médium.

Acompanhei-a até à biblioteca, e, à claridade da lâmpada, vi Miss Cook repousando sobre o sofá, exatamente como eu a havia deixado. Olhei em redor procurando Katie, e, verificando que havia desaparecido, chamei-a sem obter nenhuma resposta.

Então voltei ao meu lugar, e Katie reapareceu, em seguida, dizendo-me que enquanto eu estava no gabinete ela permanecia às minhas costas. Tomou a lâmpada de minhas mãos, e se colocou atrás da cortina, pedindo-me que, naquele momento, não olhasse para dentro do gabinete. Depois de alguns minutos, devolveu-me a lâmpada, explicando que

não conseguira fazer o que desejava, embora tivesse empregado todo o fluido da médium. Em outra sessão tornaria a tentar.

Meu filho mais velho, um jovem de 14 anos, que estava sentado à minha frente e de modo que podia ver o que ocorria por detrás da cortina, me disse que vira a lâmpada de fósforo flutuando no espaço sobre Miss Cook, iluminando-a enquanto permanecia estendida e sem movimentos no canapé. Todavia, não vira ninguém sustentando a lâmpada.

Agora resumirei a sessão realizada em Hackney. Nunca Katie apareceu com tanta perfeição. Pelo espaço de umas duas horas, passeou pela sala conversando familiarmente com os presentes. Várias vezes se apoiou em meu braço e tive a impressão de que era uma mulher viva que tinha ao meu lado. Essa impressão foi tão grande que a tentação de repetir uma recente experiência foi quase irresistível.

Esquecido de que tinha ao meu lado um Espírito, pedi-lhe permissão para tomá-la em meus braços, repetindo o que um atrevido pesquisador tentara realizar. A permissão me foi graciosamente concedida, e, de minha parte, não perdi tempo, procedendo como qualquer homem educado o teria feito em idênticas circunstâncias. Mr. Volckmann (O homem que tentara agarrar Katie) ficará satisfeito em saber que posso corroborar sua assertiva de que o fantasma — que não opôs, desta vez, nenhuma resistência, era um ser tão material quanto a própria

Miss Cook. Com relação a Mr. Volckmann, o resultado mostra quão mal se comporta um observador por mais bem intencionadas sejam suas experiências, aventurando-se a formular uma conclusão importante quando as provas são insuficientes.

Katie disse, então, que, desta feita, acreditava-se capaz de mostrar-se, ao mesmo tempo, com Miss Cook. Diminuí a luz de gás e, em seguida, com minha lâmpada de fósforo, penetrei no gabinete escuro. Antes, entretanto, pedira a um amigo meu, hábil estenógrafo, que tomasse nota de todas as ocorrências que surgissem durante o tempo de minha permanência no gabinete, pois sabia da importância que têm as primeiras impressões e não queria confiar apenas em minha memória. Tenho essas notas comigo enquanto redijo esta narrativa.

"Entrei no quarto, com precaução, pois era muito escuro, e tateando procurei Miss Cook. Encontrei-a estendida no solo. Ajoelhei-me e deixei que o ar entrasse em minha lâmpada, à luz da qual vi a médium vestida de veludo negro, como se encontrava no começo da sessão. Parecia completamente insensível, e não se moveu quando lhe tomei a mão. Coloquei a lâmpada ao seu lado. Ergui uma de suas pálpebras, ela continuou a respirar tranquilamente.

Ergui a lâmpada, olhei ao meu redor, e vi Katie por detrás de Miss Cook, vestida com seu traje branco e flutuante, como a víamos durante a sessão. Sem soltar a mão de Miss Cook, e sem erguer-

me, elevei e abaixei a lâmpada de modo que iluminasse a figura de Katie por inteiro e me convencesse definitivamente de que era ela a mesma figura que havia apertado em meus braços, alguns minutos antes, e não a fantasia de um cérebro delirante. Katie não falou, mas acenou com a cabeça em sinal de assentimento. Por três vezes consecutivas examinei *Miss Cook*, convencendo-me de que a mão que tinha na minha era a de uma mulher viva e outras três vezes voltei-me para Katie, examinando-a com atenção, até que não tive nenhuma dúvida quanto à sua realidade objetiva. Por fim, *Miss Cook* fez um ligeiro movimento de cabeça e Katie acenou-me significando que eu devia sair. Retirei-me para um extremo do gabinete e não mais vi Katie, porém não abandonei o gabinete enquanto *Miss Cook* não despertou e os assistentes entraram.

Antes de terminar este artigo, desejo fazer conhecer algumas das diferenças que observei entre *Miss Cook* e Katie. A estatura desta é variável, — em minha casa, vi-a seis polegadas mais alta do que *Miss Cook*. Com os pés descalços, e sem pôr-se em suas pontas, media quatro polegadas e meia mais do que a outra. À noite Katie trazia o colo descoberto. A pele era perfeitamente lisa ao tato e à vista, enquanto *Miss Cook* tem no colo uma grande cicatriz, que, em condições semelhantes, vê-se distintamente e, além disso, é áspera ao tato. As orelhas



Foto de *Sir William Crookes*, junto de *Miss Florence Cook*, provando a dessemelhança existente entre a médium e o Espírito materializado.

de Katie não são furadas, enquanto *Miss Cook*, habitualmente, usa brincos. A tez de Katie é clara e a de *Miss Cook*, morena. Os dedos de Katie são muito mais compridos do que os de *Miss Cook*, que possui também o rosto mais largo. Na postura e modo de se comportarem são igualmente diferentes.

Durante algumas semanas, por causa de sua saúde, *Miss Cook* não poderá submeter-se a outras sessões, e, por conseguinte, vemo-nos obrigado a mantê-la em repouso antes de reiniciar a série de experiências que tenho projetadas. E espero poder dar a conhecer, dentro de algum tempo, novos resultados.

KATE KING

Katie King dizia ter sido filha, em uma encarnação longínqua, de Henry Owen Morgan — que se comunicava com o nome de John King — o célebre pirata dos mares do Caribe, que, por questões de estado, foi feito cavalheiro por Charles II, e nomeado governador da Jamaica. Essa paternidade não foi apurada, mas John King adiantava que Annie Owen Morgan — o verdadeiro nome de Katie King, fora uma de suas filhas ilegítimas.

O vulto de Katie King era entrevisto por *Miss Florence Cook*, quase que diariamente, até que, em abril de 1872, tendo a família Cook armado uma cabina, deixou que fosse visto, entre as cortinas, um rosto desfigurado como o de um cadáver. Mais tarde, suas materializações se tornaram mais perfeitas, mas foi depois de um ano de trabalhos e experiência que pôde sair da cabina e passear do lado de fora, mostrando-se de corpo inteiro.

Katie tornou-se uma espécie de habitante permanente da casa da família Cook, movimentando-se de um cômodo para outro, aparecendo e desaparecendo quando menos se esperava. Para aborrecimento de *Miss Florie Cook*, Katie, sem cerimô-

nias, ia para a cama com ela. A complicação aumentou quando a médium se casou. A crer no que a famosa escritora, Mrs. Florence Marryat escreve, o capitão Corner, com o qual *Miss Cook* contraíra casamento, queixava-se de que, por vezes, sentia-se como que casado com duas mulheres, e não tinha muita certeza de qual das duas era sua esposa.

De acordo com vários testemunhos, Katie King era uma linda jovem. *Sir William Crookes* conseguiu, com a luz de *flashes*, fotografá-la quarenta vezes.

Muitas das fotos que ilustram este livro foram penosamente obtidas diretamente dos "plates" do famoso cientista (Prêmio Nobel de Química em 1913), e que se acham sob sete chaves, em poder do proeminente líder espírita da Grã-Bretanha.

Em muitas dessas fotos nota-se certa semelhança entre Katie King e *Miss Florence Cook*. Todavia, *Sir William Crookes* não tinha dúvidas quanto à perfeita independência de identidade existente entre ambas. Ele escreve:

"A fotografia é impotente para registrar a beleza perfeita do rosto de Katie, e as palavras são insuficientes para descrever o encanto de suas maneiras. As fotografias podem, de fato, apresentar um mapa daquilo em que ela consistia, mas como poderia reproduzir a brilhante pureza de sua tez ou as suas expressões sempre móveis, ora espelhando

uma profunda tristeza, quando contava alguma amarga experiência de sua vida passada; ora sorrindo inocentemente ou feliz como uma menina, quando reunia meus filhos ao seu redor e os divertia contando episódios de suas aventuras passadas na Índia".

Seu nome era Annie Owen Morgan. Tinha cerca de vinte anos quando Charles II foi decapitado. Ela se casou, teve dois filhos e cometeu muitos crimes, assassinando-os com suas próprias mãos. Morreu muito jovem, com a idade de 22 ou 23 anos. Sua ligação com Miss Florence Cook é explicável pelo propósito que animava Katie, no sentido de convencer o mundo da realidade do Espiritismo. Essa tarefa foi-lhe contada no Mundo Espiritual, como uma expiação de seus desregramentos na Terra.

Quando ela se apresentou para as despedidas, depois de três ininterruptos anos de materializações, declarou, tristemente, que o seu sofrimento estava terminado. Deveria partir para um outro plano e só poderia corresponder-se com Miss Cook através da psicografia, a longos intervalos; por clarividência, a médium poderia vê-la de quando em quando.

Em suas manifestações nas sessões dos irmãos Davenport, Katie King se mostrava aparentemente menos espiritual do que nas experiências feitas no grupo de Sir William Crookes.



Valtosa e rara fotografia, uma das poucas em que o Espírito Katie King é visto em "close-up". Seus traços levaram um jornalista inglês a chamá-la "jovem judia".

Mr. Robert Cooper, a respeito, escreve o seguinte:

"Ao contrário de John King, que falava muito pouco e parecia nunca encontrar assuntos que o interessassem, Katie não era econômica quando lhe perguntavam algo. Demonstrava uma grande preocupação em mostrar-se inteligente e brilhante, mas do meu ponto de vista a maior parte do que dizia era passível de ser classificado como ninharia e frivolidades".

Em outra passagem, ele escreve:

"Ao contrário do Espírito John King, Katie falava sem parar, até que não tinha mais nada que dizer, nem mesmo as maiores leviandades, denotando total ausência do senso. Todavia, devo ser justo e dizer que, para minha surpresa, ela, por vezes, demonstrava ser dotada de sensibilidade e eu ouvia conceitos prontos de muita sabedoria em suas alocuções".

A Katie que assistia ao Espírito John King nas sessões realizadas por Herne e Williams, aparentemente não se identificava com a Katie das materializações realizadas em presença de Sir William Crookes. Depois de haver materializado uma mão inteiramente preta, ela declarou pertencer a essa raça. Sua voz era como um sibilo, mas perfeitamente audível.

Igualmente, dúbias eram as materializações

obtidas através da mediunidade de Mr. e Mrs. Holmes, de Filadélfia. O Dr. Henry T. Child e o Dr. Robert Dale Owen, filho do célebre inovador social, Robert Owen, viram-na materializar-se no dia 12 de maio de 1.874.

O Dr. Dale Owen acreditava que ela era idêntica ao Espírito que se valia das faculdades de Miss Florence Cook, na Inglaterra, embora a comparação das fotografias de ambas diferísse. O nariz de Katie era reto e não aquilino, e a expressão mais inteligente. Sir William Crookes ao ver as fotos não hesitou em declarar que tudo era fraude. Para justificar a sua aparição em Filadélfia, nos Estados Unidos, Katie King declarou:

— *Alguns dos meus amigos ingleses interpretaram mal as minhas palavras de despedida. Eu disse que ia deixar não a Terra, mas a querida Florie Cook, visto que, se continuasse empregando-a como fator mediúnico, teria prejudicado a sua saúde.*

Uma frágil explicação, pois que se podia facilmente provar o contrário, dada a circunstância de que Miss Florence Cook, sob controle de outros Espíritos, Marie, a dançarina, continuava realizando sessões de materialização sem que sofresse, a sua saúde, a menor injúria.

Em outubro de 1930, Katie King inesperadamente se manifestou no círculo do Dr. Glen Hamil-

ton, em Winnipeg, no Canadá. Fotos foram batidas e, de acordo com o que afirmava o Dr. Hamilton:

— ... obviamente seria impossível afirmar ou negar que esta *Mary M. — Mercedes — Katie King* são a mesma entidade que se apresentava nas sessões de experimentação de *Sir William Crookes*! Tenho a palavra dos *Espíritos-guias* das sessões, os quais afirmam que se trata do mesmo *Espírito*. E eu vi o quanto eles (os guias) insistiram, repetindo isto, suponho que eles sabem o que falam...

Embora haja, eu bem sei, alguns pontos dessemelhantes entre a *Katie de Londres* e a de *Winnipeg*, nos dois casos as faces estão longe de se apresentarem perfeitamente formadas; (*) os olhos de ambas eram largos e luminosos, o ângulo do maxilar era igualmente pronunciado; todavia a *Katie King* fotografada no Canadá parece mais jovem, sua beleza mais evidente, de modo que não podemos, de nenhuma maneira, empregar as fotos antigas como prova conclusiva de que havia ou não uma conexão entre elas".

(*) Aqui o Dr. Glen Hamilton se equivoca. Como é possível verificar-se, pelas fotos estampadas neste volume, a *Katie King* dos experimentos de *Sir William Crookes*, na maior parte das vezes, está perfeitamente formada.

Nota do compilador.

JOHN KING

Foi o mais romântico dos Espíritos que se apresentavam nas sessões da época.

Dizia que, em uma encarnação passada, fora Henry Owen Morgan, governador da Jamaica. Surgiu, pela primeira vez, nas sessões em que atuavam os irmãos Davenport, em 1850, e foi visto pela luz de uma pistola disparada no escuro por Ira Davenport.

Permaneceu como Espírito responsável nas sessões dos Davenport, em toda a sua carreira, por tipologia ou voz direta, avisando-os quando estavam em situações difíceis. Sua atividade era intensa. Enquanto dava assistência aos Davenport, participava dos trabalhos realizados na cabana da família Koon, (*) nos desertos do Estado americano de Ohio. Aí teve atuação notável. Como era o dirigente de 160 Espíritos, dizia-se descendente de uma raça de homens genericamente chamados Adão, sendo o líder de "Espíritos muito elevados". Eles assinavam suas

(*) Acuselhamos a leitura dessa empolgante aventura no livro BOZZANO 1, edição da Casa Editora O CLAREM. — Nota do autor.

comunicações como King nº 1, nº 2, etc.. e, às vezes, como "servo e aprendiz de Deus". Em sua última encarnação se desviara dos mandamentos da virtude e se tornara temível pirata. Ele se comunicava por voz direta, através da trombeta, sua invenção, e por psicografia direta. O tom desses escritos era elevado e admoestador, como por exemplo: "Sabemos que nosso trabalho será rejeitado por muitos e condenado como produtos do Rei (King em inglês) do Mal, o qual dizem repudiar, mas de quem tão constantemente se servem para crucificar a Verdade e rejeitar tudo quanto é contrário ao seu ferrenho orgulho e crenças vãs".

O *Telegraph Papers*, em 1885, publicou o texto de um escrito de John King, obtido através de *Mrs. Kellogs* e *Miss Jay*, de New York às quais o timbre do jornal fora remetido em envelopes selados. O teste era de psicometria. *Mrs. Kellog* caiu em transe e disse: "Uma pessoa de grande força e poder surge ante mim — um poderoso desconhecido. Não posso compará-lo a nada na Terra. Ele maneja uma arma poderosa. Não posso descrever ou explicar a influência que dele promana, posso apenas compará-lo a um daqueles a respeito dos quais se lê na Bíblia. É como alguém que dita "normas ao mundo". Não parece ser um ser humano em particular; todavia, tenho a impressão de que um mortal é sempre em-



O Espírito John King, em desenho feito por um artista que assistiu a uma de suas materializações.

pregado para esses escritos, como um instrumento. Isto está além do esforço humano".

Miss Jay ofereceu uma leitura similar: "Pode ser um poder tão exaltado na escala do progresso e difundir as grandes leis que regulam todas as combinações materiais. Não parece ser da Terra, mas sim, pertencer a uma outra raça de seres, cujo desenvolvimento tem sido contínuo através das idades".

Nos primeiros dias do Espiritismo, na Inglaterra, era a aspiração de muitos médiuns obter a sua influência. *Mrs. Marshall* foi a primeira, *Mrs. Guppy*, *Miss Georgina Houghton*, *Mrs. Firman*, *Williams*, *Eglinton* e *Husk* se seguiram, enquanto na América dizia-se que comparecia às sessões de *Holmeses* e de *Mme. Blavatsky* em sua primeira fase como espírita. *Solovyoff* também sugere que *Mahatma Koot Hoomi* era *John King* transformado por adição em uma versão à maneira do Oriente.

No dia 20 de março de 1873, em uma sessão à luz do dia, sendo *Williams* o médium, *John King* se manifestou com tanto sucesso que um artista presente pôde desenhar o seu retrato. Uma semana mais tarde ele tornou a aparecer em forma sólida e material. Era usualmente visto à luz, que ele mesmo trazia, a qual iluminava seu rosto e, por vezes, toda a sala. Em Paris, em 14 de maio de 1874, um jovem tentou medi-lo; *John King* frustrou esse seu intento

não deixando para trás nem mesmo uma parte de suas vestes. O médium foi encontrado em transe. Quando se procurou sinal de mistificação, nada foi encontrado.

Em tempos mais recentes, John King obteve fenômenos físicos com *Mrs. Wriedt*, em Londres. Ele chamou os assistentes dos grupos de William e Cecil Husk por seus nomes. Feda, o Espírito-Guia de *Mrs. Leonard*, a grande médium recém-falecida, informou a H. Dennis Bradley, durante uma sessão com este último, que John King costumava ajudá-la na produção de vozes e que o volume da sua era tonitruante.

De todas as atividades públicas de John King, sua associação com Eusápia Paladino é a mais memorável. Cientistas de todo o mundo o conheceram e o encontraram sempre ansioso em produzir fenômenos convincentes. Ele afirmou, em várias mensagens, que Eusápia Paladino era uma sua filha reencarnada; falava só em italiano e através da médium em transe.

Uma curiosa estória envolvendo a sua aparição, à plena luz, é narrada por Chevalier Francesco Graus, engenheiro italiano, em uma carta endereçada a Vincent Cavalli, e publicada em *Luce e Ombra*, em abril de 1907.

Ao tempo da narrativa, Eusápia desesperava-se e ficara doente, pois lhe haviam roubado as jóias.

Ficara tão transtornada com o inquérito policial, que desmaiou. A mesa começou a movimentar-se e transmitiu por tiplogia o seguinte: *“Salvem minha filha! Ela está mal!”* Um minuto depois, escreve Graus — *em plena luz, um fenômeno ocorreu, o qual jamais poderei esquecer. A minha esquerda, no espaço que me separava de Mme. Paladino, surgiu a forma de um homem idoso, alto, magro, com uma abundante barba negra. Sem nada dizer, colocou a palma da mão direita sobre minha cabeça, que apertou entre os dedos, como se tivesse a intenção de “espremer” dela alguma espécie de fluido. Quando retirou a mão colocou-a sobre a de Eusápia, em uma ação que parecia do cérebro a cérebro. Repetiu essa operação três vezes sucessivamente e, em seguida, desapareceu. Mme. Paladino, imediatamente, voltou ao seu estado normal. Quanto a mim, permaneci durante três dias em estado de prostração mental, sentindo falta do fluido que me fora tirado e não pude realizar nem mesmo os menores trabalhos mentais”*.

A identidade de John King, como Henry Owen Morgan, nunca foi satisfatoriamente estabelecida. Conan Doyle possuía uma coleção de retratos dos bucaneiros (piratas), porém aquele que fora o rei deles não tinha semelhança com a figura alta, trigueira, de nobre expressão e espessa barba escura, que era vista nas sessões de materialização. Ele narra que a filha do governador da Jamaica, na atualida-

de, conversou com John King, em uma sessão em Londres. Ele lhe disse:

— Você trouxe de volta da Jamaica algo que me pertenceu.

— Que? — ela indagou.

— O meu testamento.

O fato era real. O pai da moça trouxera o documento.

Para o almirante Moore, em uma sessão com Cecil Husk, no dia 28 de março de 1905, John King disse que estava procurando antigos documentos e que ele sucedera a Lynch como governador da Jamaica. Um Richard Morgan fora nomeado governador, mas os nomes eram confusos. John King afirmou que fora governador três vezes, porém não consecutivamente. Prometeu fazer outras pesquisas.

Um correspondente de *Light*, a 29 de junho de 1912, teve em mãos o livro oficial da ilha e apurou que Henry Owen Morgan sucedera a Sir Thomas Lynch, em 1673; ao lord Vaughan em 1677; e ao conde de Carlisle em 1680. Havia um ou outro Morgan, o coronel Edward, (e não Richard) que fora governador da ilha em 1664.

Através do grupo de Mrs. Wriedt, na Associação Júlia, de Londres, John King narrou muitas particularidades a respeito de sua vida na Jamaica, e, através da trombeta acústica, fez soar belas clarinadas dizendo que era assim que ele costumava cha-

mar os seus homens, nos dias em que era bucaneiro. Um terrífico toque era o toque de abordagem.

Em fevereiro de 1930, John King se manifestou no grupo do Dr. Glen Hamilton, em Winnipeg, Canadá, e manteve um diálogo com "Walter", guia espiritual de outro médium, dizendo que os presentes tinham sido membros de um navio pirata entre um grupo de rufiões. Depois explicou que se tratava de uma brincadeira com um propósito psicológico: relembrar memórias antigas e provocar a idéia de um navio, o qual, mais tarde, foi objetivamente construído com ectoplasma.

DR. EDWARD VON HARTMANN

Nos capítulos que se irão seguir, o nome do Dr. Hartmann será mencionado muitas vezes, visto ser um dos negadores mais recalcitrantes do fenómeno da materialização de Katie King.

Von Hartmann nasceu em 1842, e desencarnou em 1906. Escreveu um livro, *The Philosophy of the Unconscious*, que, segundo algumas autoridades, é o limiar da moderna Psicanálise. Escreveu também *Phenomenology*, ao que sabemos ainda não traduzido para o português. Foi um dos primeiros investigadores da fenomenologia espírita na Alemanha. Pretendia estabelecer o lugar definitivo para os fenómenos físicos e mentais em sua filosofia, e propôs, em sua obra *Spiritualism*, traduzida para o inglês por C. C. Massey, em 1885, a seguinte hipótese:

"Uma força nervosa, produzida além dos limites do corpo humano, realizaria efeitos mecânicos e plásticos. Uma consciência latente e sonambúlica seria capaz (o sujeito estaria em seu estado normal) de ler no "background" intelectual de outras criaturas, o presente e, outrossim, seria capaz de prever o futuro".

Esse livro foi brilhantemente refutado pelo

pesquisador Alexandre Aksakof, dando lugar à sua obra *Animism and Spiritism*, já no vernáculo.

Desta réplica nasceu todo o material acerca de Katie King, o que foi empregado nesta espécie de biografia de um Espírito materializado, quiçá a primeira e única experiência no gênero, feita em toda a história do psiquismo.

PRIMEIRAS APARIÇÕES

Os grandes médiuns — que são muito raros — não surgem de um momento para outro. É preciso tempo para que se desenvolvam as faculdades psíquicas, e hoje em dia já se compreendeu que urge uma espécie de treinamento, de *afinação* e refinamento, tanto por parte do dotado medianimicamente, quanto do próprio Espírito que vai exercer a sua função, deste ou daquele tipo, por razões que, na maioria dos casos, nos escapam. O fato é que fluidos sutis vão ser postos em função e essa sutileza é que exige maior preparação, sobretudo, mais engenhosas condições experimentais.

Outro fator, que hoje já se aceita, é que os assistentes, uma vez escolhidos, se mantenham constantemente no grupo, garantindo uma harmonia que resulta na obtenção de melhores efeitos. Parece que uma adição ou abstenção implica em novo trabalho para os Espíritos, acarretando alteração dos resultados.

Os primeiros fenômenos psíquicos de materialização ocorreram em 1871, nos Estados Unidos, através da mediunidade de *Mrs. Mary Andrews*, muito pouco citada pela imprensa espírita da atualidade.

Mrs. Andrews residia em Moravia, perto de Auburn. Diz-se que era de origem irlandesa, tinha pouco mais de trinta anos, e era mãe de três meninas.

Era mulher simples e trabalhava como doméstica. Os resultados obtidos através de suas faculdades se devem, praticamente, a Pierre L. O. A. Keeler, outro grande esquecido, e do qual, em "My Life", o respeitabilíssimo Dr. Alfred Russel Wallace narra notáveis sessões, obtidas em sua companhia. Keeler era também médium e obtinha, como era comum na época, a escrita nas ardósias, — hoje ultrapassadas nas escolas (parece-nos que no Brasil eram denominadas pedras-negras, e podiam ser apagadas depois de as lições terem sido feitas. Keeler foi investigado pela "Seybert Comission", em 1885.

Voltando a Mrs. Andrews, Mrs. Keeler possuía, por esse tempo, uma propriedade agrícola. As manifestações começaram com a sala às escuras. As perguntas eram respondidas por luzes espirituais; os fenômenos físicos eram abundantes; o piano tocava sem executante visível; água era borrifada no rosto dos assistentes; estes eram apalpadados por mãos fantasmas, e vozes espirituais se faziam ouvir. Essas sessões foram realizadas durante quatro ou cinco anos.

Em sua segunda fase, em plena luz, a médium sentava-se no gabinete: então, bustos, braços e mão se materializavam; os lábios dos fantasmas eram vis-

los movendo-se e, a despeito da penumbra, muitos dos parentes e amigos dos componentes do grupo, já desencarnados, eram reconhecidos. As sessões eram feitas diariamente e Mrs. Andrews não caía em transe. A sala era sempre invadida por agradável perfume, que não se sabia de onde vinha. Essas reuniões são descritas em "*Eleven Days in Moravia*", de T. R. Hazard; "*Proof Palpable of Immortality*", de Epes Sargent; e "*The Identity of Primitive Christianity and Modern Spiritualism*", de Eugene Crowell. Uma interpretação adversa pode ser lida em "*The Bottom Facts*", de John W. Truesdell, New York, 1884.

O grupo se manteve unido durante quatro ou cinco anos. As notícias chegaram à Inglaterra e os médiuns da ilha tentaram obter os mesmos efeitos. Começaram a fazer suas sessões às escuras e ficaram surpreendidos quando obtiveram idênticos resultados.

Constituíram-se grupos com Mrs. Guppy. Vale a pena abrir aqui um parêntese para esclarecer o feitor que houve duas Mrs. Guppy no história do Espiritismo. Ambas foram esposas de Mr. Samuel Guppy, mas ainda não conseguimos precisar se este senhor enviuvou ou se divorciou. Curioso é que ambas eram médiuns, a primeira com faculdades para fenômenos físicos, "aportes" escrita automática e luzes psíquicas. A descrição dos fenômenos obtidos através de sua mediunidade se encontra na obra

"*Mary Jane; or Spiritualism Chemically Explained, With Spirit Drawings*", livro publicado anonimamente em 1863, em Londres, e que se atribuiu ao próprio Samuel Guppy.

A segunda *Mrs.* Samuel Guppy chamava-se Agnes Nichol, era uma poderosa médium, cujas faculdades foram descobertas pelo Dr. Alfred Russel Wallace e por sua irmã, *Mrs.* Sim. As reuniões passaram a ser realizadas na residência de *Mrs.* Sim um ano depois que o respeitado sábio iniciou suas pesquisas em torno do Espiritismo, em 1865. *Mrs.* Guppy era muito jovem e fizera profissão de exhibições de mesmerismo, obtendo a movimentação de objetos sem o auxílio das mãos. A força parecia aumentar se ela e *Mrs.* Sim estavam sozinhas. Notáveis fenômenos eram observados na sala vazia após as sessões. O famoso naturalista ficou sabendo que *Mrs.* Nichol via Espíritos desde sua infância e passou a aguardar pacientemente o desenvolvimento de suas faculdades, realizando, por fim, estranhas experiências como "rapz", movimentos da mesa e levitações. Embora a médium fosse uma mulher alta e pesada, nas sessões, às escuras, era comum, enquanto segurava as mãos das pessoas do grupo, ser posta sentada em sua cadeira, sobre a mesa. Músicas e *aportes* de objetos vieram em seguida. Em centenas de sessões grandes quantidades de flores e frutos eram despejadas sobre a mesa, vindos de fonte ignorada.

Os pedidos dos membros do círculo eram sempre atendidos. Quando um amigo do Dr. Alfred Russel Wallace pediu um girassol, com seis pés de altura, e uma massa de terra em torno de suas raízes, essa planta caiu sobre a mesa. Na residência de E. W. Cox uma bola de neve, e flores de estufa, surgiram de igual maneira; era suficiente formular um pedido mentalmente. A princesa Marguerite, de Nápoles, desejou um espécime espinhoso de cacto. Mais de vinte caíram sobre a mesa e tiveram de ser removidos com o auxílio de pinças. Certos membros do grupo, incomodados por plantas e flores brancas de perfume irritante, surgidas em outras ocasiões, pediam que fossem atiradas na lareira. A duquesa de Arpinio desejou areia do mar. Imediatamente foram transportados, para cima da mesa, água e peixes marítimos vivos. A casa situava-se a mais de cem jardas do mar. Frequentemente, enguias e lagostas vivas eram transportadas. Mais tarde esses transportes se faziam à plena luz, embora um espaço às escuras fosse pedido para servir de depósito.

Catherine Barry, em seu livro — *“Experiences in Spiritualism”*, narra estranhas ocorrências havidas nas sessões com Mrs. Guppy. De certa feita, quando realizavam uma sessão na residência de Mrs. Berry, um gato branco e um cão maltês, pertencentes a Mrs. Guppy, surgiram inesperadamente sobre a mesa. Em uma sessão, na casa de Mrs.



Katie King em processo de materialização. Ao seu lado, vê-se a médium *Miss Florence Cook*.

Guppy, surgiram na mesa três patos já preparados para serem cozidos. Nuvens de borboletas desciam do teto. De outra feita, uma nuvem de penas caiu sobre os assistentes, amontoando-se no chão até considerável altura. Incidentes pouco confortáveis ocorriam. Certa noite, por travessura, *Mrs. Guppy* pediu que alcatrão fosse despejado sobre *Mrs. Berry*, "de modo que ela parecesse uma poga em seu vestido branco". Deu-se o fenômeno, e a dama, furiosa, cortou relações por muitos anos com a médium.

Miss Nichol casara-se com *Samuel Guppy* em 1867. Durante algum tempo residiram no Continente. Kardec, entretanto, não consigna a sua presença. Quando o casal retornou, foi para oferecer novos fenômenos importantes aos pesquisadores. A primeira fotografia de Hudson obteve-se em março de 1872, através da mediunidade de *Mrs. Guppy*. Nesse ano começaram a surgir as primeiras materializações. Escrevem os que a conheceram pessoalmente que o fato mais insólito de sua carreira, como médium, foi o transporte de um objeto, de sua casa, em *Highbury*, para *Lamb's Conduit Street*, n.º 61, a uma distância de três milhas. *Frank Herne* e *Charles Williams* (*Dr. Abraham Wallace* em "*Light*", 1918, pg. 259) estavam reunidos em uma sessão na noite de 3 de junho de 1871. Eram oito pessoas. Atendendo a um pedido algo leviano de *Mr. Harrison*, *Mrs. Guppy*, vestida com roupas leves, para dormir e des-

calça, surgiu, em estado de semitranse, sobre a mesa.

Mr. Samuel Guppy era homem muito rico. O completo desinteresse de recursos financeiros desse grupo e outros deixava Frank Podmore perplexo, visto que Podmore, o autor de *"Modern Spiritualism"*, considerava todos os médiuns fraudulentos e ávidos de ganhos e lucros. Ele escreveu:

"Todavia, Mrs. Guppy, mesmo durante os meses em que atuara como mesmerista, não recebeu pagamentos que a incentivassem a lhe dessem esperança de auferir ganhos. Na pressuposição de fraude, o simples custo das flores prodigalizadas aos assistentes teria absorvido qualquer lucro provindo de sua clientela mesmérica. E essa suposição teria sido posta definitivamente de lado com o seu casamento, pois Mr. Samuel Guppy era um homem de fortuna".

Após a morte de Mr. Guppy, sua esposa casou-se pela terceira vez e passou a ser conhecida como Mrs. Guppy-Volckman. Ela desencarnou em dezembro de 1917.

TESTEMUNHO DE KATIE COOK

(Irmã de Florence Cook).

A medida que as sessões prosseguiam, a mediunidade de Florence começou a desenvolver-se.

Katie King começou, depois de alguns minutos de espera, a trazer-nos aportes: folhas frescas de hera.— não as tínhamos em nosso jardim, e depois deixou que seu braço aparecesse do lado de fora da cortina. Trazia na mão a botelha luminosa e se iluminava. Era uma cabeça envolta em véus brancos. Quando Katie aproximou a botelha de seu rosto, todos pudemos vê-lo, perfeitamente, durante uns dois minutos. Depois desapareceu.

Seu rosto era oval, tinha o nariz aquilino, os olhos vivos e uma boca muito graciosa. Katie King, disse à minha mãe que não a olhasse muito atentamente, pois sabia que tinha um ar lúgubre. Quanto a mim, senti-me, como Florence, muito amedrontada quando o Espírito se aproximou. Tanta foi a minha emoção que não me foi possível fazer um único gesto e muito menos falar. A última vez que apareceu, entre as cortinas, deixou-se ver durante uns cinco minutos. Pediu à minha mãe que realizasse sessões como aquelas. Katie terminou a reunião rogando a

Deus que nos abençoasse a todos, manifestando grande alegria por ter podido mostrar-se.

O Espírito Katie King não se serviu de trombetas para falar conosco. Minha mãe diz que sua face parecia pálida e dotada de pouca vitalidade. Os olhos eram fixos, sem expressão, como se fossem de vidro.

Mr. Harrison agradeceu o convite de Katie e marcou o dia 25 de abril para realizar a próxima sessão. Tomaria interessantes notas que foram publicadas em seu periódico. Eis delas um extrato:

"Na residência de Mr. Cook, e em minha presença, no dia 25 de abril de 1872, realizou-se uma sessão com Miss Florence Cook; esta permaneceu assentada no gabinete escuro. Pouco tempo depois de nos termos assentado, ouvimos um ruído de algo que se arrastava a ligeiros intervalos: era o Espírito Katie King envolto em leve tecido que ela mesma fabricara e com o qual se esforçava por recolher, em redor da médium, os fluidos que julgava necessários para materializar-se completamente. Esses tecidos se estregavam na médium, pois foi estabelecido o seguinte diálogo:

— *Afasta-os, Katie. Não me estregues assim.*

— *Não sejas tola: Tira fora o que puseste nos cabelos e olha-me.*

Katie King prosseguia estregando, pois Florence se queixou:

— Já disse que não quero. Deixa-me Katie. Tu me dás medo.

— Ora, não sejas tola!

— Não quero prestar-me a essas manifestações. Desagradam-me. Deixa-me tranqüila!

— Tu és médium, e um médium não passa de uma máquina de que se servem os Espíritos.

— Pois bem! Se eu não passo de uma máquina nem por isso aprecio que me assustes deste modo. Afasta-te.

— Não sejas pueril'.

No decorrer desta sessão, Florence ainda não caía em transe. Ela notou que o Espírito tinha apenas a cabeça e os ombros formados; o resto do corpo parecia uma bruma.

Katie não mantinha sempre a mesma estatura: em certos momentos, parecia uma pessoa normal; logo em seguida movia-se ao rós do chão. Quando seu busto descia ao nível do assoalho, ela assustava Florence e a nós todos. Às vezes, só se via a cabeça, a qual se movia em todas as direções, sem corpo, sem pernas visíveis.

Foi na sessão seguinte que Florence caiu em transe. Uma lâmpada de benzina iluminava a sala. As sessões habitualmente não eram às escuras e o Espírito se contentava em diminuir a claridade quando esta a fatigava.

Mr. Harrison, que se encontrava presente, pôde disso dar igualmente o seu testemunho pessoal.

A médium era colocada em um circuito em conexão com uma bobina de resistência e um galvanômetro. Os movimentos do galvanômetro eram vigiados pelos assistentes em uma outra sala, através de uma grande escala graduada. Se a médium movesse as ataduras, o galvanômetro revelaria violentas flutuações.

Nada de suspeito ocorreu quando Katie apareceu, movimentou-se à vontade, agitou os braços, apertou as mãos dos participantes, todos seus amigos, e escreveu na presença deles.

Como um teste adicional, *Sir William Crookes* pediu ao Espírito que mergulhasse suas mãos em uma solução química. A impassibilidade do galvanômetro foi logo verificada. Os movimentos desse instrumento seriam infalíveis no caso de Katie ter tocado nas ataduras, pois que a solução teria modificado a corrente.

Florence Marryat, a famosa escritora, também testemunhou ter visto Katie e *Miss Cook* juntas. Em seu livro "*There is no death*" ela escreve:

"Ela me pediu que a seguisse até a sala de trás e tirou seu vestido de gaze branca, ficando inteiramente nua à minha frente.

— Agora, disse, — podes ver que sou uma mulher.

Era-o, de fato, e, além disso, a mulher mais perfeita que se poderia imaginar.

No dia 12 de março de 1874, *Sir William Crookes* presenciou a despedida de *Miss Cook* e *Katie*, por detrás das cortinas. *Katie* acordou *Florence* do transe. A despedida foi muito comovente. Elas dialogaram mui ternamente, e *Miss Cook* chorou. Ela ainda não vira *Katie King*.

Outro Espírito, que deu o nome de *Marie*, substituiu-a. Ela dançava e cantava em estilo profissional.

Sofrendo as perseguições das leis inglesas, que levavam os médiuns aos cárceres — O *Vagrancy Act* e o *Withcraft Act* — datados dos tempos do rei *James*, — a médium sentiu necessidade de ser protegida. Ela se casou, passando a ser conhecida pelo nome de *Mrs. Elgie Corner*. Por algum tempo, exerceu a mediunidade. Em 1899, foi convidada pela "*Sphinx Society*", e se apresentou, sob condições, em *Berlim*. *Marie* se materializou e conseguiu excelentes fenômenos. Dizer que tudo não passou de fraude, é questão muito delicada.

Sir William Crookes nunca mostrou sinais de decepção nas sessões tidas com *Florie*, e, ao tomar conhecimento de sua morte, em carta datada de 24 de abril de 1904, expressou profundos sentimentos e declarou que acreditava na vida *post-mortem* e na possibilidade da comunicação com os supostos mortos, graças à convicção que lhe deu *Florence Cook*.

DEPOIMENTO DE ALEXANDRE N. AKSAKOF

O Dr. Alexandre N. Aksakof nasceu em 1832, e desencarnou a 17 de janeiro de 1903, vítima de ataque de influenza.

Conselheiro do czar, entusiasta das doutrinas do célebre vidente sueco, Swedenborg, foi pioneiro do Espiritismo na Rússia, depois de se ter impressionado fortemente com a obra do norte-americano Andrew Jackson Davis, igualmente célebre vidente, intitulada "*Nature's Divine Revelations*", que lhe chegou às mãos em 1855. Disposto a investigar os fenômenos, seja do ponto de vista fisiológico, seja do psicológico, estudou medicina na Universidade de Moscou durante dois anos.

Traduziu as seguintes obras: de Swedenborg, "*Heaven and Hell*"; do conde Szapary, "*Magnetic Healing*", as obras principais dos professores Hare, Crookes, Edmonds, Owen, e relatórios da Sociedade Dialética.

Acontecia, entretanto, que as obras versando sobre o Espiritismo eram proibidas pela censura russa. As publicações alemãs eram toleradas, e, por isso, as atividades literárias de Aksakof precisavam

ser obviamente centralizadas na Alemanha. Ele fundou o "*Psychische Studien*" que, sob o título de "*Zeitschrift für Parapsychologie*", circulou até antes da 1.^a Grande Guerra. Essa publicação foi o primeiro veículo provocador das investigações estritamente científicas realizadas na Rússia.

Daniel Dunglas Home visitou aquele país pela primeira vez em 1861. Ele se tornou aparentado, por casamento, com a família Aksakof e foi por este apresentado, em 1871, ao prof. Boutlerof, e a outros catedráticos da Universidade de S. Petersburg. Os fenômenos obtidos não abalaram os fortes preconceitos dos sábios russos. Em 1874, foi a vez do médium francês Camille Fodif visitar a Rússia. Aksakof propôs que o prof. Wagner assistisse a uma sessão, e este ficou tão fortemente impressionado, que redigiu sobre ela um relatório, publicado na "*Revue de l'Europe*". Este artigo levantou tal controvérsia, na Universidade de Leningrado, que sua direção viu-se obrigada a designar uma comissão para investigar os fenômenos espíritas, solicitando a Aksakof que fizesse para isso os arranjos necessários. O ilustre sábio viajou para a Inglaterra, em 1875, e depois de ter tido sessões prévias e mal sucedidas com os irmãos Petty, de Newcastle, obteve a adesão de uma médium não profissional, conhecida pelo pseudônimo de Mrs. Clayer, à qual foi apresentado por Sir William Crookes, que a julgava à altura de ser inves-

tigada pela comissão russa. Essa dama, que é mencionada nas "Pesquisas" de Crookes, às pgs. 38-39, conseguiu realizar, à plena luz, fenômenos físicos julgados excelentes. Entretanto, a comissão recusou-se a admitir às provas e o prof. Mendeleeff, seu principal elemento, em seu relatório "*Material by which to Judge Spiritualism*", declarou que a médium dispunha de aparelhos sob sua saia, e produzia movimentos e "raps" na mesa, servindo-se deles. Aksakof respondeu com um artigo sob o título de "*Monument of Scientific Prejudice*", uma cáustica réplica.

Em 1876, pediu permissão para publicar, em S. Petersburg, uma revista mensal "*Review of Mediumship*". A petição foi recusada. Mais tarde, em 1881, um periódico com um título que nada significava, "*Rebus*", foi lançado e fartamente usado por Aksakof, quando os fundos para sua manutenção ficaram garantidos, para popularizar os ensinamentos espíritas. Ele fez investigações com Slade e Williams, quando ambos visitaram S. Petersburg. Além disso, recebeu Mrs. Kate Fox Jencksen, quando o czar desejou consultá-la, antes de fornecer-lhe salvo-conduto para assistir às cerimônias da coroação.

Eglington, Mme. d'Esperance e Eusápia Paladino foram os médiuns que, em seguida, despertaram sua atenção. A própria vida de Aksakof constituiu uma saga mediunística. Sua esposa revelou-se médium e veio a ser um poderoso auxílio ao seu tra-

balho. Em "*A Case of Partial Dematerialisation*" — 1896 — (já lançado no Brasil), ele relata uma extraordinária ocorrência por ele presenciada em uma sessão com *Mme. d'Esperance*. Seu livro mais importante "*Animismus und Spiritismus*", Leipzig, 1890, foi publicado em resposta ao livro do Dr. Edward von Hartmann, "*Spiritualism*". Já foi também traduzido no Brasil.

Myers, no volume VI, pág. 665 dos "*Proceedings*" da S.P.R., narra: "*Eu posso dizer que, na época em que assumi a Presidência, Mr. Aksakof era muito superior ao seu oponente*".

Nesse livro, Aksakof diz que, para a compreensão dos fenômenos da med'uidade, não dispomos apenas de uma hipótese, mas de três:

1) Personismo (com troca de personalidade), ocorrendo nos fenômenos psíquicos inconscientes, produzidos nos limites do organismo do médium; os fenômenos intramediúnicos, cujas características consistem em assumir-se uma personalidade que modifica a do médium; 2) Sob o nome de animismo, inclui-se o fenômeno psíquico inconsciente, o qual se mostra além dos limites do organismo do médium; movimentação extramediúnica de objetos, sem contato, e, finalmente, a materialização. Temos aqui as mais altas manifestações da duplicação psíquica em que os elementos da personalidade ultrapassam os limites do organismo até a completa exteriorização e

objetivação; 3) Sob o nome de Espiritismo, incluímos fenômenos semelhando, ao mesmo tempo, à personalização e ao animismo, os quais, entretanto, podemos classificar como extramediunísticos e extraterrenos. Diferem dos fenômenos de personalização e animismo, em seu conteúdo intelectual, sugerindo a interferência de uma personalidade independente.

• • •

ENTREVISTA DE KATIE KING COM O PROFESSOR ALEXANDRE AKSAKOF

Foi em 1873. *Sir William Crookes* já havia publicado seus artigos acerca da força psíquica, mas ainda não acreditava nas materializações, acrescentando que só acreditaria depois que tivesse visto, ao mesmo tempo, a médium e a forma materializada. Encontrando-me, em Londres, naquela época, eu naturalmente desejei ver com meus próprios olhos esse fenômeno, único de que se tinha notícia então.

Tendo travado relações com a família de *Miss Florence Cook*, fui gentilmente convidado a assistir a uma sessão, que se realizou a 22 de outubro.

Reunimo-nos em um aposento que servia de sala de jantar. A médium, *Miss Florence Cook*, assentou-se em uma cadeira no ângulo formado pela lareira e uma das paredes, por detrás de uma cortina suspensa em argolas. *Mr. Luxmoore*, que dirigia

a sessão, exigiu que eu examinasse, detidamente, o aposento e também as ataduras amarradas à médium, pois julgava que esta última precaução era sempre indispensável; Em primeiro lugar amarrou as mãos de *Miss Cook*, separadamente, usando uma corda de linho; depois lacrou os nós; então, ligou-as com uma comprida corda que foi enrolar, do lado de fora da cabina, em um gancho de cobre preso à mesa, junto à qual estava assentado, tudo de tal maneira que a médium não podia mover-se sem transmitir movimentos à corda.

O aposento era iluminado por um pequeno lampião colocado por detrás de um livro.

Ainda não havia decorrido um quarto de hora e a cortina foi erguida de um lado, o suficiente para descobrir uma forma humana em pé, junto ao gabinete, vestida inteiramente de branco, com as mãos e os braços nus. Era *Katie!*

Na mão direita segurava um objeto que entregou a *Mr. Luxmoore*, recomendando:

— É para o *Dr. Aksakof*. Faça-lhe um presente de tudo...

Ela oferecia um pequeno vaso, contendo doce, e a entrega do presente provocou um riso geral. Como se vê, o nosso primeiro encontro nada teve de místico ou dramático.

Tive a curiosidade de perguntar de onde vi-

nha aquele vaso, e Katie me deu esta resposta, não menos prosaica do que o próprio presente:

— Da cozinha.

Durante toda a sessão ela conversou com as pessoas presentes. Sua voz era fraca, não ouvíamos mais do que um débil sussurro. Ela repetia de instante a instante:

— Fazei-me perguntas, perguntas sensatas!

Então eu lhe perguntei:

— Não podes mostrar-me a médium?

— Sim! — ela assentiu. — Vem e olha depressa!

Imediatamente, abri a cortina, da qual eu não distava mais de cinco passos; a forma branca tinha desaparecido e, diante de mim, em um canto sombrio, divisei a médium sentada na cadeira. Ela usava um vestido de seda preta e, por causa disso, eu não podia vê-la, distintamente, na penumbra reinante. Voltei ao meu lugar, Katie reapareceu perto da cortina e me perguntou:

— Viste?

— Não muito bem! — respondi. — Está muito escuro atrás da cortina.

— Então leva o lampião e torna a olhar, porém, o mais rapidamente que poderes.

Em menos de um segundo, de lampião em punho, abri as cortinas e entrei. Não havia vestígio de Katie King, mas encontrei-me em presença da mé-

dium, assentada na cadeira e imersa em profundo transe. Tinha as mãos amarradas atrás das costas, como *Mr. Luxmoore* a dispusera. A luz do lampião, refletindo-se em seu rosto, produziu o costumeiro reflexo: ela gemeu e fez esforços para despertar. Então, um diálogo insólito se estabeleceu entre ela e o Espírito, cuja intenção era mantê-la adormecida ainda por algum tempo. Todavia, *Katie* teve que ceder. Despediu-se dos assistentes e o silêncio caiu sobre nós. Estava terminada a sessão.

Mr. Luxmoore convidou-me a examinar cuidadosamente os nós, os laços e o lacre. Estava tudo intacto. Quando tive de cortar os laços, experimentei grande dificuldade em introduzir a ponta da tesoura entre as cordas e a carne da *Miss Cook*, fão fortemente *Mr. Luxmoore* as atara nos punhos.

Examinei o gabinete assim que *Miss Cook* o deixou. Ele não media mais do que um metro de largura e menos de meio metro de fundo. As duas paredes eram de tijolos. Para mim era evidente que não tínhamos sido ludibriados pela médium. Todavia, nesse caso, de onde teria vindo e para onde teria voltado aquela forma viva, alva, que falava e se movimentava como um ser humano?!

Lembro-me perfeitamente da impressão que experimentei naquele dia. É certo que eu me preparara com antecedência para ver aqueles fenômenos, e, entretanto, tive dificuldade em dar crédito aos

meus próprios olhos. O testemunho dos sentidos e a lógica coagiam-me a acreditar, ao passo que a razão se opunha a isso, tão certo é que a força do hábito subjuga todos os nossos raciocínios; quando estamos habituados a uma coisa, julgamos compreendê-la.

Um observador superficial suporá naturalmente que o papel de Katie King foi representado por uma pessoa qualquer, que se introduzira por uma abertura dissimulada habilmente.

Não nos esqueçamos, porém, de que as sessões não se realizavam sempre na residência da família Cook. No dia 28 de outubro, tive o ensejo de tornar a ver Katie em uma sessão organizada por *Mr. Luxmoore* — vale a pena dizer que se trata de um homem sem fortuna, o que não o desabona — antigo Juiz de Paz, aposentado. Os convidados eram em número de quinze.

Enquanto aguardávamos a chegada de *Miss Florence Cook*, examinamos o aposento e especialmente o canto que fora empregado como gabinete escuro. Dava passagem para o salão de visitas. Havia aí uma segunda porta, que *Mr. Dumphey*, redator do "*Morning Post*", fechou à chave, guardando-a em seu bolso.

Pouco depois, *Miss Cook* chegava, acompanhada de seus pais. Fizeram-na sentar em uma cadeira, na cabina, e *Mr. Luxmoore* amarrou-a; porém,

não da mesma maneira. A cintura e os braços foram ligados, separadamente, e o cordão que daí saía era, dessa vez, fixado ao assoalho, por um gancho de cobre, perto da cadeira da médium. Em seguida, foi conduzida até o salão. Os nós foram selados, como da primeira vez. Todos os convidados assistiram àquela operação, depois da qual passamos ao salão. As cortinas foram cerradas. Sentamo-nos, em semi-círculo, em frente ao gabinete. O aposento estava iluminado suficientemente para que nos vissemos e nos reconhecêssemos.

Em breve, a cortina abriu-se, e a figura de Katie surgiu no desvão, vestida como sempre; e sustentou uma conversação natural. Eu tinha os olhos presos ao cordão esticado no assoalho, e que não se movia. Katie insistiu outra vez para que lhe fizéssemos perguntas sensatas.

Manifestei o desejo de que ela se aproximasse mais de nós, que passeasse pelo aposento, ou desse um passo, ao menos, como o fizera nas sessões precedentes. Ela explicou que isso não lhe era possível naquela noite. Desapareceu, por um instante, e reapareceu, trazendo, entre as mãos, um grande jarro japonês que se encontrava na sala, porém, à grande distância da cadeira em que *Miss Florence Cook* estava amarrada. Uma pessoa recebeu o jarro, e Katie girou, três vezes, em torno de si mesma. Com esse movimento ela queria, evidentemente, demons-

trar que seu corpo e mãos estavam livres, e, por conseguinte, que não era a médium que se nos mostrava.

A sessão durou cerca de uma hora. Katie apareceu e desapareceu por muitas vezes. Finalmente, Miss Cook começou a despertar. Conversou brevemente com Katie e a sessão terminou como a precedente. Um dos assistentes examinou os selos e os nós, cortou os cordéis e retirou-os.

Em meu canhenho de notas encontro a seguinte observação, referindo-se à época das experiências de que estamos tratando:

"Confesso que as sessões com Miss Cook me impressionaram profundamente. Por um lado, eu hesitava em dar crédito aos meus olhos e, entretanto, a evidência dos fatos, as condições em que eles se tinham decorrido obrigavam-me a aceitá-los. Não pude, entretanto, deixar de considerar todo aquele excesso de nós e cordas pouco apropriado a reforçar a confiança. O seu resultado maior é infligir ao médium um incômodo penoso e enervante.

"A genuinidade dos fenômenos não seria, por exemplo, tão convincente se Miss Florence Cook ostendesse um dos braços, sem deixar o lugar onde estava, e mantivesse a mão em uma cadeira fora da cortina, de maneira que o espectador pudesse, ao mesmo tempo, ver o fantasma e o braço. Ou, ainda melhor, considerando-se que o corpo do médium não

pode, em nenhuma parte suportar a luz, se a própria Katie abrisse as cortinas com as mãos, visível a todos, propiciando-nos ver a médium, ainda que por alguns instantes, como, aliás, eu lhe tinha pedido que fizesse. Diz-se que ela prometeu deixar-se fotografar juntamente com a médium: "Aguardemos!"

Katie cumpriu essa promessa. Ninguém teria imaginado, naquela época, que essas experiências fotográficas fossem feitas por Sir William Crookes. Por tal motivo não tínhamos, então, tanta confiança nas materializações.

No decorrer de uma conversa que tive com Sir William Crookes, depois das sessões descritas, ele pediu minha opinião acerca das manifestações. Respondi-lhe que me sentia obrigado a considerá-las autênticas. Ele replicou:

— Nenhum nó ou corda me fará acreditar nesses fenômenos. As ligaduras podem não oferecer resistência a uma força em atividade. Só me darei por convencido quando vir, ao mesmo tempo, a médium e a figura materializada.

Foi algum tempo depois de minha partida de Londres que ocorreu o incidente que tinha por pretensão "desmascarar" Miss Florence Cook, e cujo resultado foi colocá-la nas mãos de Sir William Crookes. Sabe-se como tudo se passou: Um "espírita" muito céptico resolveu tirar a questão a limpo; no momento em que a forma de Katie saiu de trás da

cortina, ele se atirou para a frente e agarrou-a. Houve um momento de confusão. O incrédulo persistia em sua obstinação, segundo a qual a figura materializada era a própria médium. A figura *desapareceu, entre seus braços* e foi, então, que os pais de Miss Cook dirigiram a Sir William Crookes uma súplica: que tomasse a filha sob sua fiscalização própria, coisa a que todos se negavam.

Ele aceitou, e por ocasião da visita que lhe fiz, em 1875, mostrou-me a primeira série de fotografias que tinha obtido.

* * *

COMENTARIO DO PROF. ALEXANDRE AKSAKOF
AO ARTIGO DE MR. HARRISON, EDITOR DE "THE
SPIRITUALIST".

Na segunda experiência, de que tenho de falar, tratar-se-á ainda da aparição clássica de Katie King, fotografada a 7 de maio de 1873, à luz do magnésio, por Mr. Harrison, editor de "*The Spiritualist*", que, na qualidade de fotógrafo amador, tinha feito, por suas próprias mãos, todas as manipulações. A descrição circunstanciada dessa experiência, A PRIMEIRA DESSE GÊNERO NOS ANAIS DO ESPIRITISMO, se encontra às pgs. 200 e 201 daquela publicação e é acompanhada de uma gravura em madeira, reproduzindo a fotografia obtida. Só tirarei dessa

minuciosa descrição os pormenores que são úteis ao meu argumento.

A sessão foi feita em condições da mais severa vigilância. Antes de começar, *Mrs.* e *Miss* Corner, que assistiam à experiência na qualidade de testemunhas, conduziram a médium, *Miss* Florence Cook, a seu quarto de dormir, onde lhe despiram os vestidos, revistaram-na e lhe puseram uma capa impermeável pardo-escura diretamente sobre as roupas íntimas, e conduziram-na, a seguir, à sala de sessões, onde *Mr.* Luxmoore lhe atou, solidamente, os pulsos, por meio de uma corda de linho. Todos os assistentes examinaram os nós, sobre os quais colocaram selos; feito isto, instalaram-na no gabinete, que também tinha sido inspecionado previamente. Em carta particular, *Mr.* Luxmoore diz que tinha examinado cuidadosamente o gabinete, de uma extremidade a outra, enquanto *Mrs.* Corner e sua filha estavam ocupadas em revistar *Miss* Cook. Ele verificou que naquele gabinete nada poderia ter sido disfarçado sem que fosse descoberto. A fita era presa em um gancho de latão pregado no assoalho; comunicava-se com o exterior por baixo da cortina, de maneira que, ao menor movimento da médium, qualquer fraude teria sido descoberta imediatamente. Podia-se depositar toda a confiança na solidez dos nós dados por *Mr.* Luxmoore: naquele mister ele se reconhecia na qualidade de marinho, que passa a maior par-

te do tempo a bordo de seu brigue. Logo que a médium penetrou no gabinete, caiu em transe, e, alguns minutos mais tarde, Katie entrou no aposento, completamente vestida de branco, conforme mencionai mais acima. No fim da sessão, todos os assistentes examinaram os nós e os selos e os acharam intactos; só então os desfizeram. As ligaduras eram tão justas que deixaram marcas nos punhos da médium.

Quatro fotografias de Katie King foram tiradas em tais condições. Durante a experiência fotográfica de que se acaba de tratar, deu-se ainda um fato curioso: "Lá pelo fim da sessão, Katie nos disse que suas forças diminuam, que ela ia dissolver-se completamente. De fato, sob a influência da luz que tínhamos deixado entrar no gabinete, a parte inferior da aparição desapareceu, e ela diminuiu a tal ponto, que tocava o chão com a região occipital; o resto do corpo já não existia. As últimas palavras que ela nos dirigiu foram para nos pedir que cantássemos durante alguns minutos, sem deixar os nossos lugares. Katie fez o seu reaparecimento; ela tinha o mesmo aspecto que dantes e nós conseguimos tirar ainda uma fotografia.

Pouco depois da produção da primeira fotografia, Katie abriu a cortina e pediu-nos que a olhássemos; ela parecia não ter mais corpo; apresentava um aspecto dos mais estranhos: sua cabeça estava

quase ao nível do chão e parecia sustentada apenas pelo pescoço; por debaixo da cabeça, via-se sua vestimenta branca”.

EXPERIÊNCIAS DO PROF. ALEXANDRE AKSAKOF COM MATÉRIAS CORANTES

Tive a oportunidade de verificar esse fenômeno em uma experiência que fiz com a Katie King em 1883. Eu estava sentado defronte dela em uma pequena mesa; como isso se passasse às escuras, eu tinha colocado as suas mãos sobre uma placa de vidro, luminosa no escuro, de tal maneira que as mãos eram visíveis; além disso, eu tinha posto as mãos sobre as dela. Em cima de uma outra mesa, ao nosso lado, achava-se uma ardósia com um papel coberto de negro de fumaça. Pedi que uma das mãos materializadas calcasse uma impressão no papel. Isto foi feito, e as extremidades dos dedos da *médium* foram encontradas enegrecidas.

Essas experiências nos dão a prova de que a mão que se vê aparecer, e que produz efeitos físicos, não é o resultado de uma alucinação, porém, sim, um fenômeno que possui certa objetividade, tendo o poder de reter e de transportar substâncias aderentes a uma superfície. Mas essa transmissão não é absolutamente necessária nem invariável, quanto à forma e lugar, pois não é sempre o mesmo efeito que se obtém; citam-se casos em que as mãos impregna-



Katie King fotografada, embora não apareça perfeitamente materializada.

das de substâncias corantes não as transportaram ao corpo do médium.

Em compensação, os casos em que a transferência da matéria corante para o corpo do médium se opera em um local não correspondente ao lugar do órgão materializado, tocado pela substância, têm, para nós, uma grande importância. Lemos por exemplo no *"The Spiritualist"*: *"Mr. Crookes deitou pequenas quantidade de anilina de cor na superfície do mercúrio que tinha sido preparado para a experiência; a anilina é um poderoso corante, tanto assim que os dedos de Mr. Crookes conservaram vestígios dela durante muito tempo. Katie King mergulhou os dedos na matéria corante, e, apesar disso, os dedos de Miss Cook não ficaram manchados. Em compensação, viam-se vestígios de anilina nos braços da segunda das duas."* (1876, v. 1, pág. 176).

Mr. Harrison, diretor do *"The Spiritualist"*, faz a narração de outra experiência desse gênero, obtida pela mesma médium: "No decurso de uma sessão com Miss Cook, tinha-se molhado a mão materializada com um pouco de tinta violeta; e aquela mancha, do tamanho de uma moeda de 5 francos, foi, em seguida, encontrada no braço da médium, perto do cotovelo." (*The Spiritualist* 1873, pág 83). Em teoria, poder-se-ia fazer a suposição de que, nos casos em que se produz o fenômeno do "desdobramento", há

transferência da substância aplicada ao corpo materializado, enquanto que, nos casos de formação de corpos heteromorfos, há desaparecimento daquela substância.

TESTEMUNHO DE MR. HENRY DUNPHY

Pude assistir à sessão que se realizou na residência de *Mr. Luxmoore*, no dia 9 de dezembro de 1873. Tomei assento entre *Mrs. C.* e *Mr. Blackburn* cujas mãos tinha nas minhas para estabelecer a cadeia magnética.

A aparição mostrou-se várias vezes e, por fim, avançou até o meio da sala. Vestia amplo traje branco e tinha os pés descalços; cobria a cabeça com largo véu branco, que lhe descia pelos ombros até os pés. Um dos presentes pediu-lhe permissão para se aproximar dela e, uma vez concedida, abandonou a cadeia e apertou a mão que *Katie* lhe estendia. Em seguida, voltou ao seu lugar. Então, a aparição dirigiu-se até o fundo da sala. Foi quando um dos presentes, que me era totalmente desconhecido, lançou-se para o fantasma e prendeu-o entre os braços, gritando:

— É a médium! Eu a tenho!

Então dois ou três cavalheiros se precipitaram para ela, com a intenção de fazê-lo largar a presa, estabelecendo-se um momento de confusão. Como não tomei parte no incidente, pude observar fria-

mente o que sucedia. O fantasma, de imediato, perdeu os pés, em seguida as pernas e, para escapar, fazia movimentos ondulantes, como uma faca dentro da água. A pessoa que havia agarrado Katie King tinha a impressão de retê-la firmemente, o que não impediu que esta lograsse escapar, desaparecendo dentre os braços brutais, sem deixar o mínimo vestígio de sua existência corporal, nem ao menos um pedaço de suas vestes.

O agressor, apesar de seus esforços, não conseguiu reter nada entre as mãos.

O efeito desse brusco ataque foi que a médium passou o resto da noite em convulsões violentas, exigindo cuidados de dois médicos que não a deixaram durante todo o tempo e ainda os cuidados de *Miss C.* e de *Mrs. Ross Church*.

Vários têm sido os médiuns que se apresentam pretendendo possuir faculdades para a materialização; uns se descobriu que agiam fraudulentamente, mas outros provaram que o fenômeno é autêntico. Na história da mediunidade talvez não se inscreva nenhum médium que se tenha submetido a maiores medidas de segurança do que *Miss Florence Cook*.

Outro médium autêntico, da qualidade de *Miss Cook*, era *William Eglinton*, que se submetia a ser posto dentro de uma jaula de ferro, cuja porta era fechada com cadeados que os assistentes à ses-

são traziam. Depois de trancá-lo, guardavam as chaves em seus bolsos. Desta forma, os Espíritos tinham de se formar fora da jaula, ou passar por entre os barrotes. Apesar disso, se apresentavam livremente na sala. Em tais condições, é impossível duvidar da boa fé dos médiuns.

TESTEMUNHO DO DR. GEORGE SEXTON

O Dr. George Sexton foi um célebre professor inglês de Secularismo, doutrina, segundo a qual, o destino do homem fica excluído de qualquer dogma, e as crenças e instituições religiosas passam a ser leigas. Durante muitos anos, o Dr. Sexton se notabilizou por sua hostilidade ao Espiritismo, seus princípios e fenômenos. Era um materialista acérrimo, que negava a imortalidade e não se cansava de combater a Doutrina Espírita em constantes conferências públicas. Após quinze anos de cepticismo, durante os quais terçou armas com os espíritas e, sagazmente, não deixou de realizar suas próprias investigações, coube a Robert Owen despertar sua atenção para outras formas de pesquisa. Depois de um conflito íntimo terrível, envolvendo suas antigas crenças e os fatos que as tornavam abstrusas, deu um golpe de morte em seus preconceitos depois de assistir a sessões com os irmãos Davenport.

Aceitando o Espiritismo, passou a proclamar sua veracidade em conferências tão ardorosas quanto tinham sido aquelas que pronunciara contra a Doutrina Espírita. Denunciou a pretensão dos esca-

moteadores, que alardeavam ter exposto as farsas de Espiritismo, e apontou as diferenças existentes em condições e efeitos. Para ilustrar suas audiências, ele próprio explicava os truques e exhibia instrumentos, cujos efeitos eram, entretanto, diversos de quanto ocorria nas sessões espíritas. Uma dessas conferências foi impressa sob o título de "*Scientific Materialism calmly Considered; A reply to Prof. Tyndall's Belfast Address*".

Realizava sessões em sua casa, lançando mão das faculdades mediúnicas desenvolvidas em seus familiares e amigos íntimos, obtendo provas irrefutáveis da comunicação de parentes e conhecidos já falecidos.

O Dr. George Sexton manifestou desejo de assistir às sessões organizadas por Mr. Luxmoore, cuja residência passou a frequentar com o fito de observar as manifestações de Katie King.

Seu primeiro encontro com o Espírito deu-se na sessão de 25 de novembro de 1.873. Tomaram-se as precauções de costume. A médium foi atada em sua cadeira a fim de satisfazer os cépticos. As medidas tomadas, de modo que coibissem qualquer movimento da médium, o satisfizeram. Eis como ele descreve as ocorrências da noite:

"Para iniciar a sessão, pusemo-nos a cantar, como era costume. As luzes foram diminuídas de modo que nos pudéssemos ver nitidamente como, aliás,



Katie King. Foto prejudicada por muitas reproduções e retoques.

a tudo o que pudesse ter ocorrência na sala. Assim que a médium entrou em transe, surgiram, por uma abertura nas cortinas, que constituíam o gabinete, em sua parte mais alta, duas mãos com as quais Katie nos deu a entender que já estava presente. Pouco depois as cortinas se abriram deixando passar a forma completa do Espírito, vestido de gaze branca e que todos pudemos ver.

Katie King pediu-me que lhe fizesse perguntas, conforme desejasse e versando sobre assuntos de meu interesse. Dialogamos durante cerca de meia hora. Minhas perguntas eram quase todas de caráter filosófico e se referiam principalmente às leis e às condições de acordo com as quais os Espíritos podiam materializar-se. É muito duvidoso que uma jovencinha, como a médium, pudesse responder-me do modo e com a desenvoltura com que Katie o fez.

As explicações que o Espírito me deu foram tão satisfatórias que muitos dos presentes, pessoas bastante instruídas, declararam que as informações dadas correspondiam ao que supunham, muito embora nunca as tivessem visto expressas oralmente ou por escrito.

O Espírito Katie saiu do gabinete várias vezes durante a sessão e passeou entre nós, exibindo seus pés descalços e, para demonstrar que não se sustinha nas pontas, como as bailarinas, bateu-os no soalho várias vezes. O exame de seus pés é um ar-

gumento de grande importância, visto que se mostraram quatro centímetros maiores do que os pés de *Miss Cook*. Seu porte e a coloração de sua tez eram totalmente diversos dos da médium.

Em certo momento, ela atravessou a sala e se aproximou de mim. Pôs suas mãos em minha cabeça e se afastou. Então, pedi-lhe que retornasse e me abraçasse. Respondeu que tentaria atender-me. Alguns instantes depois, voltou outra vez até onde eu me encontrava, cercou-me com os braços, e, mais do que isto, beijou-me a testa três ou quatro vezes. Devo fazer constar aqui que, embora o som dos beijos fosse distintamente ouvido por todos e todos a tivessem visto abraçar-me, eu não senti o contato de seus lábios.

Ao findar-se a sessão, *Katie* pediu-me que fosse ver se a médium continuava atada à cadeira.

Mr. Luxmoore ergueu a cortina e me disse:

— A médium se encontra ali, naquele canto.

Em seguida, deixou cair a cortina. Como eu me encontrava no fundo da sala, não me foi possível ver o interior do gabinete. *Katie* fez uma observação:

— Mas o *Dr. Sexton* não pôde ver nada! . . .

— De fato! — respondi.

— Aproximai-vos, — prosseguiu ela. Desejo que possais ver claramente.

Atravessei a sala e, erguendo a cortina, vi *Miss*

Cook sentada, ou melhor, caída para a frente, em transe, sempre atada à cadeira.

A sessão prosseguiu ainda por quase uma hora, durante a qual o Espírito escreveu vários bilhetes, endereçados às pessoas presentes. O que me foi dirigido dizia:

“Meu prezado Dr. Sexton, estou muito contente com as perguntas que me haveis dirigido. Sempre vossa,

Annie Morgan”.

Assim terminou uma das mais maravilhosas sessões a que tive a sorte de assistir. Quando examinamos os nós e os selos, encontramos tudo absolutamente intacto.

**TESTEMUNHO DO PRÍNCIPE EMÍLIO
DE SAYN WITTGENSTEIN, AJUDANTE
DE CAMPO E GENERAL DO
IMPERADOR DA RÚSSIA.**

As considerações que serão transcritas foram remetidas a M. Laymarie, diretor da "Revue Spirite", pelo príncipe E. de Sayn Wittgenstein depois de ter assistido a uma sessão espírita:

"No dia 16 de dezembro de 1873 voltei ao meu hotel maravilhado com o que vira e ouvira em uma sessão espírita. As oito horas já me encontrava na residência de *Miss Cook*; *Mr. Luxmoore* me permitira revistar com ampla liberdade os salões e os móveis, liberdade essa de que me aproveitei tanto quanto pude. Quando a médium entrou no salão suas mãos foram solidamente atadas, uma contra a outra, por mim mesmo, usando cordas de linho; outra corda, que lhe prendia a cintura, passava por um anel de metal preso ao solo e à sua cadeira. Seus extremos foram atados no colo de *Miss Cook* de tal modo que esta não podia erguer-se. Os nós foram selados em presença dos assistentes. Uma única lâmpada, cuja luz fora ligeiramente diminuída, recoberta com

um quebra-luz azul, iluminava suficientemente o salão. Então, formamos um meio-círculo de cadeiras, cujos extremos tocavam o gabinete escuro.

Depois de alguns minutos de espera, uma espécie de murmúrio nos preveniu da presença do Espírito; em seguida, a cortina que substituía a porta se agitou fortemente, e, quase de imediato, dela emergiu um braço que nos fez um sinal. Depois a cortina se abriu de todo e a mais formosa das aparições se apresentou aos nossos olhos. Mantinha-se de pé, com o braço direito colocado sobre o peito e o esquerdo pendente ao longo do corpo. Seu olhar parecia passar em revista as pessoas presentes.

Era o Espírito Katie King, mil vezes mais belo do que era visto nas fotografias; eu tinha à minha frente uma jovem ideal: alta, flexível, elegante; sob o seu branco véu, viam-se os anéis de seus cabelos castanho-claros; seus trajes, que chegavam até os calcanhares, como uma túnica adornada, cobriam inteiramente os pés desnudos; seus braços, maravilhosamente torneados, delicados e alvos, eram visíveis até a altura do colo. Todos os atrativos desse corpo são delicados; as mãos, um pouco afiladas, têm os dedos ligeiramente rosados nas extremidades; o rosto, em conjunto, é um pouco pálido; a boca, sorridente, exhibe dentes belíssimos; o nariz algo aquilino; e os olhos, muito grandes, têm o desenho da amêndoa e são orlados por compridos cílios que

parecem protegê-los; as sobrancelhas são formosas e finamente arqueadas.

Esta visão, que friamente contemplei e analisei é toda plena de vida, e até o vestido é real ao tacto. A certa distância, poderia ser tomada por *Miss Cook*. Conforme à lei, "o fantasma se forma à expensas do corpo do médium, guardando dele certa semelhança". E, pelo menos, o que me foi explicado. Todavia, neste caso a aparição é alta, esbelta, de ar aristocrático, enquanto *Miss Cook*, embora bem proporcionada, é pequena o bastante para que ambas não se confundam; finalmente, é indubitável que se trata de duas pessoas completamente distintas.

A aparição se retirou para reaparecer em seguida, junto a mim, ao lado da cortina em que eu estava sentado. Pareceu examinar-me, atentamente, com curiosidade; foi quando percebi que o que lhe dava a aparência de espectro eram os olhos. Formosos quanto dois olhos podem sê-lo, olhavam, entretanto, de um modo esquivo, fixo, glacial; apesar disso, sua boca sorria, seu peito arfava e tudo nela parecia dizer: "*Sou feliz em estar por um momento entre os mortais. Com sua vizinha roufenha, mas sumamente agradável, nos disse:*

— *Não posso distanciar-me muito da médium. Logo, porém, terei mais forças e o conseguirei.*

Quando alguém não compreendia bem o que

nos dizia, repelia a frase, mas com certa impaciência.

Depois se foi aproximando de mim, olhando-me com uma curiosidade receosa e fazendo ligeiros movimentos de cabeça, com verdadeira *coquetterie*, enquanto eu lhe dirigia a palavra. Atrevendo-se mais, perguntou-me como me chamava; quis também saber o que significava a condecoração que luzia em meu peito; em seguida, desapareceu para surgir quase de imediato no outro extremo das cortinas. Durante essa curta ausência, nos cômodos contíguos ouviu-se chocarem-se os móveis que pareciam rodar estrepitosamente e ainda batidas nas paredes.

Por duas vezes consecutivas, pedi a Katie que me mostrasse o seu pé; por fim, consegui que me atendesse, para o que ergueu graciosamente o vestido e mo mostrou até os tornozelos; era um pé delicado como o de uma estátua antiga, branco, bem torneado e lindo, de dedos perfeitos e irreprochável desenho; todavia, todo esse conjunto movia-se como se fosse uma única peça: faltava-lhe vida, realidade.

Katie King ria-se brincando com cada um dos circundantes; chamando-os pelo nome com graça infantil. Ao falar, fazia gestos com a mão direita, como costumam fazer as mulheres do Oriente, com os mesmos movimentos de dedos e flexões de pulsos particulares à raça semítica, acentuando assim as

palavras e acompanhando-as com graciosas inclinações de cabeça.

Frequentemente, com gesto pudico fechava o véu sobre o colo. Em uma palavra, tudo nela, gesto, talhe, vestidos e postura ostentava o selo das mulheres orientais:

Pedi-lhe que, se fosse possível, escrevesse alguma coisa. *Mr. Luxmoore* se opôs, mas *Katie*, dando-lhe um piparote na cabeça, solicitou papel e caneta. O que pedira foi posto no chão junto dela. Curvando-se rapidamente ela separou aquilo de que necessitava. Pegou uma folha de papel que eu lhe estendia, mas julgando-a excessivamente grossa, abriu a gaveta da mesa, escolheu, entre aquelas, a que mais a satisfez, e escreveu usando o porta-lápis que lhe oferecera *Mr. Luxmoore*. Sustentando o papel, sem apoiá-lo em nada, escreveu as seguintes palavras:

Meu querido *Emilio*:

Não esquecerei, de nenhum modo, minha promessa de ir à Alemanha. Voltarei a ver-te dentro de pouco tempo.

Sempre tua amiga,

Annie Morgan.

Esta caligrafia é parecida à de uma comunicação comum, mas o curioso do caso e extrema-

mente interessante, é ver o Espírito entregar pessoalmente o escrito.

O sentido daquelas breves linhas poderá ser compreendido sabendo-se que se tratava de um pedido meu. Desejava, efetivamente, que, em meu regresso à Alemanha, Katie se apresentasse aí. Katie pediu meu endereço e eu lhe solicitei que rogasse aos meus Espíritos protetores, pois estava certo do que eles a guiariam. Ela redargüiu:

— *Farei o que me pedes. — E acrescentou: — Não tenhas dúvidas de que me verás; não poderei ir até que deixe minha médium, dentro de alguns meses.*

Miss Cook me dissera, no início da sessão, que Katie deixá-la-ia dentro de poucos meses, o que pareceu lhe não produzir contrariedade, já que amiúde Katie e ela discutiam e isso embora ela, Miss Florence Cook, fosse muito submissa ao seu Espírito protetor.

Miss Cook apresenta a curiosa particularidade de, embora amando ternamente Katie King, o estando há tanto tempo ligadas, ter-lhe medo, sobretudo à noite, quando o aparecimento inopinado de Katie redundava em que esta, por vezes, faça com a médium brincadelras de mau gosto como, por exemplo, levitá-la até o teto. Evidentemente, em minha opinião, há nisso tudo um caso de obsessão.

Lá pelo final da sessão, Katie King pareceu

familiarizar-se um pouco mais comigo e tratar-me de maneira mais amistosa, talvez devido às palavras de atenção e carinho com que eu me dirigia a ela, em voz baixa. Dava preferência em aparecer do lado em que eu estava sentado, sem avançar além das cortinas e respondendo ingenuamente às minhas perguntas.

Um dos presentes, pouco inteligente, fez-lhe uma pergunta que em si era uma inconveniência. Então, colhendo algumas folhas de papel e fazendo com elas uma bola, atirou-a à cabeça do importuno, fortalecendo esse ato com gestos de desprezo. Em seguida declarou que ia despertar a médium. Enquanto cantávamos, dando a sessão por terminada, ela desmagnetizou Miss Cook, deu-nos as boas noites e desapareceu”.

Aqui termina o relato do príncipe. Quando este regressou à Alemanha teve a idéia de realizar uma nova sessão com Miss Cook e obteve absoluto resultado.

The Spiritualist publicou uma sua carta no número de 10 de julho de 1874, escrita em Nieder Walluf, sobre o Reno. Nessa carta, o príncipe relata os resultados obtidos na sessão, da seguinte maneira:

“Um fenômeno muito curioso, a escrita direta, acaba de ser obtido através de Miss Cook. Eu lhe havia pedido que colocasse, sobre seu criado-

mudo, uma carta selada com lacre, que eu lhe tinha remetido, e que deixasse ao lado dela lápis e papel de escrever.

Sir William Crookes, que tomou parte nessa experiência, colocou minha carta em outro envelope, que ele mesmo fechou com vários selos, para ter a certeza de que ela não podia ser lida sem que os selos fossem, antes, rompidos.

Katie King iria, pois, ser submetida a um teste de clarividência. Depois da experiência, a carta me foi devolvida — eu já me encontrava na Alemanha; — e reconheci tanto os selos de Mr. William Crookes como os meus. Estavam todos eles intactos.

Katie King copiara o conteúdo de minha carta, palavra por palavra, sem erro ou omissão, em uma folha de papel em separado. Na resposta pessoal que me dirigiu, lê-se o seguinte *post-scriptum*:

"Copiei vossa carta querido amigo, para demonstrar-lhe que eu realmente a li. Peço-te que tenhas a bondade de desculpar-me pelos erros, se algum houver, pois este é o primeiro trabalho desta espécie que realizo.

Annie Morgan, ou Katie King".

Compreende-se, em vista do interesse que apresentam estes múltiplos testemunhos, que se reconheça o extraordinário valor de que se revestem os fenômenos havidos com Katie King. Por esse

motivo, transcrevemos outra carta do príncipe de Sayn Wittgenstein:

"Nieder Walluf, 27 de setembro de 1874.

"Meu caro M. Leymarie,

"Mrs. Corner — em solteira Miss Florence Cook — acaba de passar algumas semanas em minha casa e trouxe consigo várias fotografias do Espírito Katie King, obtidas antes de sua desapareição e que foram obtidas por Sir William Crookes usando luz elétrica. Tenho verdadeiro prazer em enviá-las juntamente com esta. São cópias e eu lamento que não estejam à altura de mostrar a maravilhosa aparição, resplandecente de brancura e que a luz elétrica tornou quase negra. Também as mãos, que Katie possui notavelmente belas, estão aqui muito defeituosas, talvez por terem ficado muito em primeiro plano.

Emitio Wittgenstein".

Entre as testemunhas que tiveram o privilégio de assistir a essas notáveis experiências, durante as quais se manifestou, em toda a sua potência, a mediunidade de Miss Florence Cook, são vários os que emitiram dúvidas com respeito à legitimidade das aparições. Parecia-lhes impossível admitir que um Espírito pudesse materializar-se e fazer-se, desse modo, visível e tangível. Estranhava-se ver que Katie King se deixava tocar, que pudesse escrever sob os



Katie King junto do Dr. J. M. Gully

olhares dos espectadores. Mesmo a sua conversa provocava assombro, pois Katie apresentava tudo quanto é próprio de uma mulher jovem, brincalhona, e, por vezes, arrogante. Depois desaparecia rapidamente no interior do gabinete sem deixar rastro de sua presença.

Isto era mais do que suficiente para alertar todos os cépticos e até mesmo os espíritas que tinham podido contemplar suas altitudes e tocar seu corpo improvisado. Uns procuravam o modo de descobrir o embusto que supunham existir; outros buscavam explicar cientificamente os fatos. Estes últimos foram os que alcançaram ver realizada sua aspiração. Depois da partida de Katie King obtiveram-se os mesmos fenómenos com outros médiuns, o que demonstra que não são tão raros quanto se imagina; o certo é que são pouco conhecidas as condições em que se desenvolvem esses fenómenos.

TESTEMUNHO DO DR. J. M. GULLY

O Dr. J. M. Gully gozou de excelente conceito como prático hábil e distinto, dirigindo, durante vários anos, o estabelecimento situado em Great Malvern, Inglaterra, muito conhecido pelas curas obtidas através da água.

O Dr. Gully já havia estudado as manifestações espíritas obtidas na presença do célebre médium Daniel Dunglas Home e estava convencido da realidade dos fenômenos.

Transcrevemos o resumo que redigiu da sessão realizada na residência de *Mr. Luxmoore* no dia 28 de dezembro de 1873, atuando como médium *Miss Florence Cook*.

"O Espírito *Katie King* apareceu desta vez vestido com um traje branco, muito mais amplo e flutuante do que de costume; as mangas desciam até os punhos, onde se apertavam; um véu de maravilhosa transparência cobria sua cabeça e rosto, dando a toda a sua pessoa uma aparência de graça e pureza, que as palavras são impotentes para descrever. O Espírito cumprimentou todas as pessoas que faziam parte do grupo e, de cada vez, mencionava-lhes os nomes; depois voltou ao gabinete es-

curo; ouviu-se que arrastava os móveis e estabelecia um diálogo com a médium a qual estava atada como das outras vezes. Pouco depois, retornou trazendo uma cadeira baixa que colocou no centro do círculo que formávamos, sentando-se nela. Pediu-nos que cantássemos em coro, não muito alto, pois desejava experimentar se podia acompanhar-nos. Então, todos pudemos ouvir sua formosa voz de contralto misturando-se às nossas, como já o fizera em outras ocasiões. É impossível traduzir em palavras a emoção que nos causava a emissão daquela voz que parecia partir de habitantes das altas esferas da vida.

Depois nos pediu formássemos uma cadeira a fim de proporcionar-lhe maior quantidade de força para realizar o que desejava. Assim o fizemos, e ela regressou à cabina durante alguns minutos para recolher forças de sua médium e renovar energias e fluidos vitais.

Ao retornar, deu uma volta pela sala, lentamente, tocando cada um de nós, as senhoras nas faces, os cavalheiros nas mãos. Éramos catorze pessoas. A um senhor Katie pediu que descerrasse a mão, pois desejava apertá-la. Depois nos pediu que lhe fizessemos perguntas. Eis aqui, pouco mais ou menos, o diálogo que se estabeleceu:

— Ser-te-ia possível explicar-nos quais são

as forças que empregas para formar e dissolver o teu corpo?

— Não, não posso!

— É a electricidade ou algo parecido?

— Não. Seria uma leviandade dizer que neste fenómeno intervêm a electricidade.

— Mas não tens uma palavra, uma frase com que possas explicar o teu modo de proceder?

— É mais uma força da vontade que outra coisa. Pode-se dizer que a vontade é o que serve de alicerce às forças que movimento.

— Para onde vais, quando desapareces?

— Devolvo ao médium toda a vitalidade que lhe tomei de empréstimo. Quando retiro muita força, quase nenhuma lhe resta, e se um de vós a pegasse pela cintura e pretendesse erguê-la, poderia causar-lhe morte instantânea, pois se afogaria. Posso unir-me à minha médium ou formar-me distante de seu corpo muito facilmente. Todavia, compreendi bem que eu não sou ela, nem seu duplo. Eu sou sempre "eu mesma".

— Quando te desmaterializas, o que desaparece primeiro, teu corpo ou teu traje?

— O corpo, compreenda-se; o poder material que o anima retorna à médium e de imediato o traje volta aos seus elementos.

— Crês que alguma pessoa deste mundo po-

derá algum dia compreender "os poderes" que empregas ao te manifestares?

— Não! Jamais essa compreensão será alcançada.

— Disseste que és sempre a mesma e não o duplo da médium. Quem eras quando vivias na Terra?

— Chamavam-me Annie Morgan.

— Eras casada?

— Sim, mas não me faleis a esse respeito! (Ao dizer estas palavras, retirou-se para detrás das cortinas. Parecia magoada ou vexada pela pergunta. Já em outras ocasiões havia sucedido o mesmo ao lhe dirigirem perguntas a respeito de sua juventude. Pouco depois regressou e então perguntamos se atualmente tinha um marido:

— Certamente! Tenho um marido.

— Poderias dizer-nos em que época viveste na Terra?

— Desencarnei na idade de 23 anos; findava-se o reinado de Charles I, durante a República e inícios do reinado de Charles II (*). Recordo-me perfeitamente.

(*) *Essas informações levam a supor que a existência, à qual Katie King faz menção, tenha decorrido na primeira metade de 1650, ou pouco mais, uma vez que Charles I foi decapitado em 1649.*

Nota do Tradutor.

tamente dos chapéus pontiagudos do tempo de Cromwell e das grandes abas que se usavam sob Charles I e II; os homens usavam cabelos curtos, salvo Cromwell, que os trazia compridos.

Neste momento souu a hora de terminar a reunião a médium não podia continuar por mais tempo em transe sem que a sua saúde se ressentisse.

Katie King demonstrou desejos de prosseguir em suas explicações, mas *Mr. Luxmoore* instou vivamente com ela para que se retirasse, dando fim à sessão.

Não sucede sempre, nem amiúde, que Katie King se mostre disposta a dar notícias sobre a sua história no passado e no presente. Creio que o seu pedido se prendia ao fato de se haver acostumado a conversar muito à vontade com os assistentes. Katie apreciava as brincadeiras, o que nada tem de estranho, visto que ela mesma declarava pertencer a uma esfera espiritual pouco elevada. Tudo isto não passa, aliás, de suposições minhas”.

O escritor norte-americano, Epes Sargent (1813-1880), desejoso de terminar o seu livro *“The Proof Palpable of Immortality”*, solicitou ao Dr. Gully que lhe desse mais amplos pormenores sobre Katie King. A resposta foi a seguinte:

“Em resposta às vossas perguntas a respeito de minhas experiências pessoais, relativamente à materialização de Espíritos, através da mediunidade

de *Miss Florence Cook*, posso assegurar-vos que nos dois anos em que participei das sessões nunca tive a menor dúvida quanto à autenticidade dos fenômenos; pelo contrário, tenho a mais profunda convicção de que são reais.

Não creio que seja possível duvidar da honrabilidade dos presentes, nem chamar a algum membro do grupo de supersticioso.

Entre minhas observações devo mencionar que o poder de materialização do Espírito aumentava, gradualmente, à medida em que fazíamos mais e mais sessões.

No decorrer das primeiras, a figura parecia mal formada, sem cabelos e o crânio não era visível. Era como que uma máscara cujos olhos e boca se movimentavam. Depois de realizarmos uma ou duas sessões por semana, durante cinco meses, gradualmente a forma inteira do fantasma se formava mais rapidamente, mudando a cor dos cabelos, dos vestidos, da pele, conforme nossos desejos.

Outro fato é que podíamos ouvir a voz de Katie mesmo quando a forma de seu corpo não estava completa; era um som meio rouco, exceto quando Katie se juntava a nós para cantar; então ouvíamos a sua voz clara e sonora de contralto.

Ao tacto sua pele parecia suave e colorida; seus movimentos eram especialmente graciosos; todavia, quando se curvava para colher algo no assoa-

tho, tínhamos a impressão de que seu corpo e suas pernas se dobravam para trás.

Quando tiramos a fotografia em que eu apareço sentado a seu lado, tive as suas mãos entre as minhas pelo espaço de alguns minutos, durante as três poses. Quando se deu a explosão de magnésio, vi-me forçado a fechar os olhos, devido à intensidade da luz. Katie pediu-nos, antes, que nos abstivéssemos de olhá-la, fixamente, enquanto a retratavam, a fim de que se sustentasse àquela luz.

Creio que teria sido possível obter dela bom número de informações concernentes aos mistérios de além-túmulo, mas os assistentes preferiam palrear a respeito de outras coisas. Em cada sessão se repetiam os mesmos frívolos cumprimentos a Katie e o tempo era gasto em conversas inúteis e destituídas de interesse. Isso me aborrecia, pois desejava trocar idéias com ela a respeito de assuntos que interessassem a todos os espíritas. Apenas uma vez consegui dirigir-lhe a palavra. Em mais de uma ocasião perguntei a mim mesmo se os Espíritos podiam dar-nos uma idéia de seu estado, pois me parecia que o aperfeiçoamento moral acompanhava o físico. Se eu lhes propusesse perguntas inteligentes, eles também me responderiam com inteligência. Estou convencido de que, se os experimentadores tivessem o propósito de se instruírem, procurariam as sessões espíritas de ordem mais elevada, onde aprenderiam,

em ambiente simpático e harmônico, com o auxílio dos Espíritos, seja pela palavra, seja por escritos, ou o exame de seus propósitos e aspirações.

No momento em que o homem adquirisse a convicção da realidade dos Espíritos, e, portanto, abandonasse os pontos de vista criados pela ignorância, poderia receber a instrução espiritual.

As manifestações físicas começaram por batidas tipológicas, mas, se o fenômeno ficasse nisso, bem pouco proveito tiraria a humanidade dessas comunicações. Eu creio, como vós, que o Espiritismo está destinado a dissipar a espessa nuvem que torna todas as religiões, em menor ou maior grau, simples superstições.

O Espiritismo é uma verdade nova que permitirá às almas encarnadas na Terra estabelecerem contacto com as almas livres, do espaço; estas poderiam revelar-nos a misteriosa obra da "Grande Causa e do Grande Efeito", então, poderíamos ter uma religião verdadeiramente filosófica.

Por sua parte, a filosofia progrediria ao invés de movimentar-se no estreito círculo em que se encontra desde Platão até os nossos dias; e deixaria de ser um árido estudo com resultados negativos".

Assim termina a carta do Dr. Gully. Através dela pode-se ver que os propósitos de Kardec, isto é, alcançar a melhoria moral do momento em que a veracidade dos fenômenos estivesse estabelecida,

era o propósito do Dr. Gully, que após anos de pacientes estudos, converteu-se ao Espiritismo: compreendera a alta importância da Doutrina Espírita e a influência salutar que ela passaria a exercer na orientação do pensamento moderno.

TESTEMUNHO DE FLORENCE MARRYAT

Florence Marryat era o pseudônimo literário da escritora Mrs. Ross Church, nascida em 1837 e desencarnada em 1899. Era filha do conhecido capitão Marryat e teve contato com os mais célebres médiuns de seu tempo, tanto na América, quanto na Inglaterra. Testemunhou o famoso adeus de Katie King. As notáveis experiências espíritas por que passou estão registradas em dois livros: *There is No Death*, 1891, e *The Spirit World*, 1894, ambos muito populares. Mrs. Marryat possuía faculdades mediúnicas, entre elas, o pouco conhecido dom de evocar Espíritos de vivos.

O testemunho de Mrs. Ross-Church consiste no seguinte:

“Em 1873, fui convidada para assistir a uma sessão espírita, particular, efetuada no domicílio de Mr. Henry Dunphy. Aí fui apresentada à célebre médium Miss Florence Cook, a quem não conhecia ainda.

A sessão realizou-se no salão. Pesadas cortinas de veludo separavam este aposento daquele em que se encontrava a médium. Esta se assentou em

uma poltrona; as cortinas foram fechadas com alfinetes, deixando na parte superior uma abertura em forma de V. Eu não conhecia *Miss Cook* e, por isso, me surpreendeu ouvir a voz de um Espírito, o qual pedia que me pusesse do pé, junto às cortinas, para mantê-las fechadas, pois os alfinetes cediam ao peso do tecido.

Uma vez situada no local mencionado, passei a ouvir, perfeitamente, o diálogo que se estabelecia entre *Miss Cook* e os Espíritos. A primeira figura que apareceu foi a de um homem que eu desconhecia; em seguida a essa aparição, ouvi a seguinte e animada conversa, estabelecida entre a médium e seu Espírito orientador:

— Tira-os daqui! Deixa que se vão! Tenho medo! — dizia *Miss Cook*.

E o Espírito replicava:

— Não sejas boba, Florence! Não sejas má! Eles nada te farão.

Nesse instante, surgiu das cortinas a forma de uma menina que me olhava sorrindo. Eu já a vira em outra sessão, com outro médium; porém, no momento, não a reconheci. Chamavam-na "Pequena Religiosa". Não pude compreender porque *Miss Cook* mostrava tanta aversão para com esse Espírito, e, por isso, quando a sessão terminou, e a médium se encontrava em estado normal, perguntei-lhe se podia lembrar-se das figuras formadas enquanto se en-

contrava em transe. Respondeu-me que às vezes podia lembrar-se. Falei-lhe da "Pequena Religiosa", perguntando-lhe por que razão lhe dava medo. *Miss Cook* me respondeu:

— Nada sei a respeito dessa menina. É-me completamente desconhecida; parece-me, entretanto, que sua figura não está completamente formada; sua boca está mal feita; dá-me medo.

Suas últimas frases fizeram-me refletir muito, e quando voltei para casa escrevi a *Miss Cook* pedindo que perguntasse a seu protetor espiritual o nome do Espírito desconhecido. Sua resposta foi a seguinte:

"Mrs. Ross Church: Pedi a Katie King que me dissesse algo sobre o Espírito que apareceu na noite em que estivestes presente. Disse-me que pode dizer apenas que é uma menina muito familiar a vós".

Esta resposta não me satisfez. Em uma sessão realizada certo tempo depois, na residência de *Mr. Harrison*, recebi uma prova que me satisfez sobremaneira. *Mr. Harrison* me escreveu notificando-me que recebera uma mensagem de um Espírito dizendo-lhe que efetuasse uma sessão com a médium *Florence Cook* e mais uma ou duas pessoas que simpatizassem com ela. Era possível que se manifestasse *Mrs. Stewart*, falecida recentemente e a quem ele havia conhecido.

Convidou-me para essa reunião e, também, a

Mr. Kislingbury, secretário da "Associação Nacional de Espíritos da Inglaterra". A sessão efetivou-se em uma pequena sala da Associação, a qual não tinha móveis nem tapetes. Em um ângulo prendeu-se uma cortina velha para formar o gabinete escuro. Atrás dela colocamos uma almofada para que a médium apoiasse a cabeça.

Miss Cook é uma mocinha delgada, de olhos pretos e cabelos anelados. Nesse dia envergava um vestido cinza guarnecido de fitas. Antes de começar a sessão disse-me que, de tempos àquela parte, sentia-se muito nervosa ao cair em transe, e isso a tal ponto que, mesmo adormecida, chegava a sair do gabinete. Pediu-me que, se tal sucedesse naquela sessão, ralhasse com ela fazendo-a voltar à cabina, tal como se se tratasse de uma criança. Prometi-lhe isso, e ela se recostou no chão, por detrás da cortina, de sorte que podíamos ver uma parte de seu vestido, pois a dita cortina não chegava ao solo.

De início a médium pareceu não estar satisfeita; queixava-se de que a maltratavam; passado algum tempo, a cortina movimentou-se e vimos aparecer e desaparecer uma mão. Depois surgiu uma forma que andava de joelhos. Saiu para fora do gabinete e em seguida ergueu-se. A luz era insuficiente para reconhecermos as fisionomias. *Mr. Harrison* perguntou se estávamos em presença de *Mrs. Ste-*

Katie King

wart. O Espírito movimentou a cabeça, indicando que não.

— Quem pode ser? — perguntou Mr. Harrison.

O Espírito disse:

— Não me reconheces, mamãe?

Tive um impulso de atirar-me para ela, porém, me contive, e disse:

— Não te movas; irei até aí.

Um instante depois, Florence, minha filha falecida, se assentava em meus joelhos. Tinha os cabelos compridos e flutuantes; seus braços e seus pés estavam desnudos; sua roupa não tinha forma definida, antes dava a impressão de que se envolvera em alguns metros de musselina e, ao contrário de todos os que eu já vira, esse Espírito trazia a cabeça descoberta.

— Florence, minha filha — disse eu. — És tu realmente?

— Abri mais o gás e vede minha boca.

Então pudemos ver seus lábios disformes, tal como os tinha ao nascer, o que os médicos, que a haviam examinado, disseram constituir um caso muito raro. Minha filha só viveu alguns dias. Havia crescido no Mundo dos Espíritos e dava a impressão de ter uns dezessete anos.

Ao ter a prova de sua identidade, comecei a chorar sem conseguir articular uma única palavra.

Miss Cook se movimentava por detrás da cortina e saiu para fora exclamando:

— É demais! Não posso!

Assim podíamos ver, a um só tempo, a médium e o Espírito de minha filha. Isso, entretanto, durou pouco tempo. Ao ver a médium, minha filha correu para o gabinete. Reprovei Miss Cook duramente, dizendo-lhe que voltasse para o gabinete. Ela obedeceu; minha filha tornou a voltar dizendo:

— Não a deixes sair. Ela me dá medo.

— Mas Florence, — disse-lhe eu, — neste mundo, somos nós, os mortais, que temos medo das aparições. Contigo dá-se o contrário. És tu que temes a médium!

— Tenho medo de que ela me mande embora! — respondeu.

A médium não tornou a sair do gabinete e Florence permaneceu conosco bastante tempo ainda. Passou os braços em torno de meu pescoço e me abraçou repetidas vezes dizendo que só aparecera com os lábios daquela maneira para me convencer de que era realmente ela. Exortou-me a me aproximar das idéias espíritas alegando que encontraria nelas muitos consolos.

— Muitas vezes duvidas, mamãe querida, e pensas que teus olhos e teus ouvidos te enganaram; precisas crer sem vacilações. Não penses que sou desfigurada em espírito; vim ter contigo assim para

ficares convencida. Lembra-te de que sempre estou contigo.

Eu não podia falar. Sentia-me tão emocionada ao pensar que tinha entre os braços a filha que havia depositado em um ataúde !!! Não estava morta e se transformara em uma jovem! A voz se me embargara na garganta. Apenas, apertava-a contra o peito, sentindo o coração batendo contra o dela. Por fim, e porque a força ia diminuindo, Florence me deu o último beijo e desapareceu no gabinete deixando-me estupefacta e maravilhada com tudo quanto se passara.

Depois da desapareição de minha filha, se materializaram dois Espíritos, porém, para desencanto de *Mr. Harrison*, *Mrs. Stewart* não se apresentou.

Eu soube, depois, que minha filha estivera vinte minutos conosco; isso era tempo demais para uma materialização.

Estive em outras sessões, com diversos médiuns, e em outras tantas tive contato com o Espírito de minha filha, do qual recebi excelentes conselhos. Entre outras coisas, ela me disse:

— Mamãe, não te deixes entristecer: o passado, passado está. Enterra-o nas satisfações que nos ficaram!

* * *

Em *There is no death*, a mesma Florence Mar-

ryat conta o seguinte a respeito das aparições de Katie King:

“As sessões espíritas não podem ser realizadas sob luz muito forte. O calor e a própria luz dispersam os fluidos reunidos pelos Invisíveis para suas manifestações.

Uma noite perguntei a Katie King por que motivo não podia mostrar-se sob uma luz mais forte. Katie só permitia que se acendesse um bico de gás e este bem amortecido. Ela explicou:

— Já vos disse várias vezes que não posso sofrer a intensidade da luz forte. Não sei “o porque”; porém, se duvidais de minhas palavras, acendi todas as luzes e vereis o que sucederá. Previno-vos, entretanto, de que se fizerdes essa prova a sessão estará dada por terminada e eu não poderei reaparecer de novo. Podeis escolher.

As pessoas presentes se consultaram e decidiram tentar a experiência a fim de ver o que sucederia. Queríamos aclarar definitivamente a questão. Anunciamos a Katie nossa decisão e ela consentiu em fazer o ensaio. Mais tarde soubemos que, com aquilo, estávamos infligindo-lhe grande sofrimento.

O Espírito se colocou de pé, apoiado à parede do salão, cruzou os braços sobre o peito, e nós acendemos os três bicos de gás (a sala media uns dezesseis pés quadrados).

O que produziu em Katie foi extraordinário. Só

pôde resistir um instante; depois vimo-la como que derreter-se ante nossos olhos, como um bocado de cera junto a vivas labaredas. Primeiramente, os traços de seu rosto se desfizeram: já não podíamos distingui-los. Os olhos se fundiram em suas órbitas; desapareceu-lhe o nariz; a testa pareceu entrar para dentro da cabeça. Depois, os membros cederam e todo o seu corpo calu como desmoronam os edificios, ficando apenas a cabeça sobre o tapete; e, finalmente, um pouco de tecido branco que desapareceu como se tivesse sido puxado. Quedamos, silenciosos, olhando o local onde Katie acabara de desaparecer. Assim terminou essa memorável sessão.

As pessoas que compareciam às reuniões pediram várias vezes a Katie que lhes desse pedaços de seu vestido como uma recordação e ela atendeu de muito bom grado. Algumas tomaram a precaução de colocar o retalho que ela lhes dera em um envelope selado; todavia, ao chegarem em suas casas, admiravam-se de ver que o tecido desaparecera.

Katie nos disse muitas vezes que nada podia materializar-se o suficiente para durar muito tempo... *"sem tomar demasiada força da vitalidade do médium, o qual se enfraqueceria muito"*.

Em determinada sessão, depois de ter cortado um pedaço de seu vestido, eu lhe disse.

— Vai ser preciso remendá-lo.

Ao que ela respondeu:

— Agora vou mostrar-lhes como trabalhamos no Mundo Espiritual.

Colheu a parte dianteira da saia, fez com ela várias pregas, e, usando tesouras, cortou-a em vários lugares. Ao abri-la havia uns trinta ou quarenta furos. Então comentou:

— Não é verdade que parece um crivo?

Dito isto, vimo-la sacudir pausadamente o vestido. E, em seguida, todos os buracos desapareceram. Ao notar nossa perplexidade, disse:

— Cortai os meus cabelos!

Nessa sessão Katie exibiu uma vasta quantidade de cachos que lhe desciam até à cintura. Tomei uma tesoura e me pus a cortar, decididamente, os seus cabelos, e isso tão rapidamente quanto podia, enquanto ela dizia:

— Podeis cortá-los todos, mas, como já vos disse, não podereis conservá-los.

Assim, pois, pus-me a cortar mechas atrás de mechas, mas, à medida que estas caíam no solo, outras surgiam em seu lugar. Então ela me disse que examinasse seus cabelos para ver se era possível ver onde haviam sido cortados. Por mais que procurasse não encontrei nenhum vestígio de corte. Os cachos que haviam caído no solo tinham desaparecido.

Na tarde de 9 de maio de 1874, Katie King me conduziu, atendendo ao meu pedido, para trás da

cortina, onde pude ver muito vagamente os objetos que me rodeavam; aproximei-me de *Miss Cook* e lhe segurei a mão, enquanto, com a outra, peguei a de *Katie*, a qual se apoiava em meu ombro. Estou certa de que, naquela sessão, duas inteligências distintas estavam ao meu lado e posso jurar que a personalidade de *Katie* diferia completamente da personalidade de *Miss Cook*.

No dia 13 de maio, tornei a ver, uma vez mais, simultaneamente, as duas formas. *Katie* permitiu que todos os assistentes àquela sessão se aproximassem da cortina. Aumentaram a luz e todos pudemos ver a médium com seu vestido azul e, ao seu lado, o Espírito vestido de branco.

Na sessão de 21 de maio, que foi a última, *Katie* me permitiu vê-la por detrás da cortina; disse-me que colocasse minha mão sobre seu coração e posso afirmar que registrei suas pulsações; se ela é uma "força psíquica", assemelha-se perfeitamente a uma mulher.

Katie havia pedido que, para esta última sessão se preparasse uma cesta de flores e fitas. Sentou-se no solo, entre nós, e distribuiu todos os ramos como uma recordação. O meu era composto de lírios do vale e de gerânios rosa-pálido; este ramo, guardo-o; as flores apenas murcharam. *Katie* escreveu em minha presença umas quantas palavras que me entregou com as flores. Eis aqui o que di-



O Espírito Katie King fotografado enquanto se materializava.

ziam: "Annie Owen Morgan (Katie King) a sua amiga Florence Marryat. Amizade. Pensai em mim, 21 de maio de 1874.

A despedida foi tão patética como se a morte nos devesse separar. Katie parecia não querer deixar-nos. Saiu para ver-nos, pela última vez, ocupando-se principalmente de *Mr. W. Crookes*, a quem dedicava grande amizade. Depois desapareceu para sempre e nunca mais tornou a ser vista.

Os cépticos e os descrentes poderão continuar duvidando, apesar dos testemunhos; mas não poderão crer que a médium *Miss Florence Cook* fosse capaz de *tornar a tecer*, instantaneamente, o tecido do seu vestido que tínhamos visto tão furado; isto excede à capacidade humana. Entretanto, teimarão em que *Miss Cook* desvestia os trajes brancos do Espírito que se havia manifestado, e vestia os seus com a rapidez do relâmpago; esta idéia lhe parecerá mais plausível do que adotar a hipótese espírita, tão mais simples. Se não se admite a presença espiritual de Katie King, por força, tem-se de atribuir um poder sobrenatural a *Miss Cook*, a médium, coisa ainda mais difícil de ser acreditada.

Mas, não tomei da pena para discutir e sim para, simplesmente, relatar aquilo que testemunhei.

Certa noite Katie King pediu-me que a acompanhasse até detrás da cortina do gabinete. Ai, para minha surpresa, desvestiu o seu amplo e belo vesti-

do branco e ficou inteiramente nua à minha frente.
Disse:

— Não te assustes! Desejo desta forma provar-te que sou realmente uma mulher.

E era-o, de fato, uma linda mulher, dotada de todos os órgãos que constituem o organismo feminino. Depois desta prova eu não podia mais duvidar.

TESTEMUNHO DO PROFESSOR WILLIAM CROOKES

3 de fevereiro de 1.874

Tenho-me esforçado tanto quanto possível para evitar controvérsias, falando ou escrevendo acerca de um assunto tão *inflamante* como os fenômenos chamados espíritas. Reduzindo o número de casos em que meus adversários atribuíram meu silêncio a outros motivos e não aos verdadeiros, nunca contestei os ataques e falsas interpretações que meus estudos ergueram contra mim.

Apenas contesto os casos em que algumas linhas de minha parte possam destruir falsas suspeitas contra alguém. E, quando esse alguém é uma jovem sensível e inocente, é meu dever apresentar o peso de meu testemunho em favor daquela que eu creio injustamente acusada. Entre todos os argumentos apresentados, referindo-se à mediunidade de *Miss Cook*, são raros aqueles que podem levar um leitor imparcial, embora sem confiança no juízo e veracidade do narrador, a exclamar: "*Eis aqui, por fim, uma prova absoluta!*"

Encontro neles afirmativas e exageros que podem ser intencionais, conjeturas e suposições in-

findáveis, algumas insinuações de fraude, uma certa parcela de vulgaridade; mas ninguém apresenta uma afirmação positiva, baseada na realidade dos sentidos, quando a forma que se denomina Katie é vista fora da cabina e se torna possível dizer se o corpo de *Miss Cook* se encontra nele ou não.

Creio que toda a questão se encerra nisto, isto é, em que se prove, como um fato, essa alternativa. As demais questões são secundárias, mas a prova tem de ser absoluta, não pode basear-se em um raciocínio por indução, nem ser aceita imediatamente, porque os selos estão intactos, bem assim os nós e as costuras, pois tenho muitas razões para estar seguro de que a força que obra esses fenômenos é como o amor que zomba das fechaduras.

Eu esperava que, entre os vários amigos de *Miss Cook*, alguns que acompanharam a série de sessões, quase que desde o início, e que, ao parecer, foram muito favorecidos no tocante às provas recebidas, já tinham dado o seu testemunho favorável. Todavia, à falta de testemunhos que se seguiram aos fenômenos desde o princípio, há uns três anos, se já-me permitido, a mim, que não fui admitido senão às últimas horas, testemunhar um fato que ocorreu em uma sessão para a qual fui convidado por *Miss Cook*, e que se realizou alguns dias depois da desagradável ocorrência que motivou essa controvérsia.

A sessão deu-se na residência de *Mr. Lux-*

moore; o gabinete era uma saleta separada por uma cortina da sala onde se encontravam os assistentes. Uma vez cumprida a formalidade normal de inspecionar a câmara e examinar as aberturas, *Miss Cook* penetrou no gabinete. Ao fim de algum tempo, Katie surgiu ao lado da cortina, mas se retirou em seguida, explicando que a médium não estava bem e não caía em transe suficientemente profundo de modo que ela pudesse distanciar-se sem deixá-la em perigo.

Eu que permanecia a alguns pés de distância da cortina, por detrás da qual se encontrava *Miss Cook*, ouvia seus contínuos gemidos e soluços, como se se encontrasse em sofrimento. Esse mal-estar durou, a intervalos, quase toda a sessão e "em certo momento, enquanto a forma de Katie estava diante de mim, ouvi, distintamente, o som de um soluço idêntico aos que escapavam de *Miss Cook*, vindo de detrás da cortina onde a médium se encontrava.

Quanto à figura, tinha toda a aparência de vida e realidade, e, segundo o que me era dado observar à difusa claridade que reinava no cômodo, os traços se pareciam muito aos de *Miss Cook*, mas eu estava certo de que os soluços que vinham lá de atrás eram os de *Miss Cook*. Ora, ela não podia estar fora e dentro do gabinete ao mesmo tempo. Essa prova me parece assaz convincente, e é difícil que uma simples suposição da parte de meus antagonis-

tas possa destruí-la, por mais ardilosa que seja, principalmente porque eu estava com todos os meus sentidos tão atilados quanto possível.

Os leitores desta publicação me conhecem muito bem e acreditarão, pelo menos é o que supponho, que não adoto precipitadamente uma opinião, nem lhe pedirei que fiquem de acordo comigo se lhes trouxer provas insuficientes. Talvez a minha presunção seja excessiva ao crer que o pequeno incidente mencionado tenha para eles a mesma importância que tem para mim. De qualquer forma permito-me dizer que os que julgam duramente *Miss Cook* devem suspender seus ajuizamentos neste assunto até que eu traga certa prova, que, presumo, será suficiente para resolver a questão.

Apenas peço que tenham por definitivo que tudo quanto à primeira vista parece duvidoso implica necessariamente decepção, e que suspendam também seus julgamentos até que eu volte a tratar do assunto.

**SIR WILLIAM CROOKES A MR.
CHOLMONDELLY — 1874**

Sir,

A citação feita por *Mr. Pennel*, em sua missiva ao "*The Spiritualist*", é tirada efetivamente de uma carta que eu lhe dirigi. Em resposta a seu quesito, tenho a honra de lhe confirmar que vi simultaneamente *Miss Cook* e *Katie* à claridade da lâmpada de fósforo, que era suficiente para me permitir distinguir com perfeição tudo quanto descrevi. O olho humano tende naturalmente a abraçar um ângulo tão grande quanto possível; por isso as duas figuras se achavam ao mesmo tempo em meu campo visual; mas, sendo a luz fraca, e a distância, entre as duas figuras, de vários pés, eu era levado a dirigir a minha lâmpada e também os olhos, ora sobre o rosto de *Miss Cook*, ora sobre o de *Katie*, conforme desejava ter um ou outro em campo visual mais favorável. Desde então *Katie* e *Miss Cook* foram vistas simultaneamente por mim mesmo e por oito outras testemunhas, em minha casa, à plena luz elétrica. Nessa ocasião o rosto de *Miss Cook* não era visível, pois que sua cabeça estava envolta em um chale espesso; mas verifiquei de maneira indubitável que ela se

achava realmente ali. A tentativa que se fez de dirigir a luz sobre o seu rosto, quando ela estava em transe, produziu conseqüências sérias.

Não é talvez destituído de interesse para o senhor saber que antes que Katie se tivesse despedido de nós, consegui obter dela várias fotografias boas, tiradas à luz elétrica.

Londres, 28 de maio de 1874.

* * *

1874 — No decurso dessa experiência, eu estava mui profundamente compenetrado de sua importância para que desprezasse qualquer medida de averiguação que me parecesse de natureza que pudesse torná-la mais completa. Tendo conservado durante todo o tempo em minha mão a de *Miss Cook*, ajoelhado junto dela, aproximando a lâmpada de seu rosto e vigiando sua respiração, tenho base suficiente para estar persuadido de que não fui mistificado por meio de um manequim ou de uma trouxa de vestidos; quanto à identidade de Katie, estou igualmente convencido. Sua estatura; seus modos, seu rosto, sua conformação, seu traje, assim como seu sorriso gracioso eram indubitavelmente os mesmos que tinha visto por tantas vezes: o exterior de Katie me era tão familiar quanto o de *Miss Cook*, pois que eu o tinha olhado frequentemente durante muitos minutos, à distância de algumas polegadas e perfeitamente iluminado.

TESTEMUNHO DO DR. GEORGES H. DE TAPP

Este senhor, membro da Sociedade Espírita de Dalston, conheceu *Miss Cook* quando sua mediunidade começou a florir, motivo pelo qual está em condições de oferecer grande número de informes, sobretudo no sentido de bem estabelecer a diferença que existia entre a médium e o Espírito Katie King.

Ele explica que... "as dessemelhanças entre Katie e *Miss Cook* eram, as mais das vezes, notáveis; não apenas no tocante aos traços, mas também ao físico e às atitudes. Algumas vezes, a semelhança entre elas ocorria, mas era apenas quase imperceptível.

"Quando vi pela primeira vez o Espírito inteiramente formado, este media cinco pés e seis polegadas, estando erecto e com os pés desnudos. Katie King era bem feita de corpo e bem torneada; possuía a cintura fina e os quadris proporcionais; *Miss Cook* perto dela parecia delgada e pequena, mesmo porque era uma adolescente de apenas quinze anos. Katie esteve várias vezes ao meu lado e chegou mesmo a apoiar-se em mim por alguns minutos. Isso me

permitiu examinar detidamente o seu rosto, pois a luz era forte e intensa. Certa vez ela colocou seu braço direito em minhas mãos, dando-me oportunidade de senti-lo e vê-lo; desse exame resultou que eu pude perceber que era mais roliço e maior que o de *Miss Cook*; as mãos eram maiores e as unhas perfeitas e completamente diferentes das unhas da médium que tinha o feio costume de roê-las.

Outro pormenor prova igualmente a diferença entre as duas. De certa feita, enquanto com um braço sustinha o de Katie, com a outra mão o percorri ligeiramente, de cima a baixo. Tive a impressão de uma pele muito fina e lisa como se fosse de cera ou de mármore; todavia, o braço era morno e parecia ter a mesma temperatura de uma pessoa em bom estado de saúde. Desse exame resultou também que não encontrei ossos nos pulsos; ao aperceber-me disso atilei-me para observar melhor. Ao perceber a minha surpresa, Katie riu-se e me disse:

— Espera um momento.

Então passeou um instante entre os presentes e depois tornou a se aproximar de mim. Passou o braço pelo meu e chamou minha atenção para seu pulso: Maravilha! Existiam os ossos.

Em outras duas situações observei que Katie possuía uma cabeleira abundante, levemente anelada e que lhe chegava até à cintura; a cor desses cabelos era de um castanho doirado. *Miss Cook* usa-

va-os mais curtos, sem frisar e de um castanho tão escuro que quase chegavam ao negro. Os olhos de Katie não tinham sempre o mesmo tom: algumas vezes eram de um azul claro, outras de um negro intenso. Estas diferenças foram notadas por várias testemunhas.

É preciso confessar que nada há mais difícil de se averiguar do que a cor dos olhos, pois seu matiz transmuta conforme os reflexos emitidos pelos objetos que cercam os olhos.

Em outra sessão, Katie, ao sair do gabinete, ergueu seu braço direito, de modo que todos pudemos ver que era de uma cor tão escura que parecia negro; depois deixou-o cair ao longo do corpo e tornou a erguê-lo; nesse breve espaço de tempo o braço havia recobrado sua cor natural, branco como o esquerdo.

Em uma das sessões brinquei com Katie; esta se aborreceu e de súbito me desferiu um soco no peito que me fez cambalear; surpreendido com esta reação que me produzira algum dano, colhi imediatamente seu pulso direito. Ele cedeu sob a pressão como se fosse de cera. Soltei-a ao mesmo tempo que lhe apresentava minhas desculpas por haver esquecido as condições estabelecidas, pois temia que a médium sofresse as conseqüências de minha imprudência. Katie me tranquilizou dizendo-me que, tendo

sido o meu ato involuntário, ela podia impedir que causasse danos à saúde de *Miss Cook*.

As vezes mal havia transcorrido *quarenta segundos* após o desaparecimento de Katie, as cortinas eram abertas e todos podíamos ver *Miss Cook* que, lentamente, saía do transe. Era, pois, impossível que em tão curto espaço de tempo a médium pudesse trocar de roupa, calçar-se, esconder os vestidos brancos e flutuantes com os quais aparecera o Espírito e, ainda, desfazer o penteado.

Miss Cook geralmente se apresentava vestida de preto, espartilhada e com botinhas altas que exigiam tempo para ser abotoadas e isso constitui uma prova a mais em favor da identidade do Espírito e da médium. Katie estava sempre descalça e, mais tarde, deixou-se ver dentro do gabinete, ao lado de *Miss Cook*.

A diferença entre a cor dos cabelos de *Miss Cook* e de Katie era tão notável que alguns supuseram a existência de uma peruca. Essa suspeita mostrou ser infundada quando *Sir William Crookes* e *Mrs. Ross-Church* examinaram esses cabelos até à raiz, na própria cabeça de Katie. Algumas mechas deles, examinados ao microscópio, mostraram ser naturais, embora um tanto grossos para uma mulher".

London Society, fevereiro de 1874.

Cartas publicadas no "Psychische Studien"

"PSYCHISCHE STUDIEN, 1874, pg. 342:

A experiência de *Mr. Varley* foi repetida por *Sir William Crookes* sozinho e, dessa vez, a médium foi introduzida na Corrente. NÃO OBSTANTE, KATIE KING SAIU INTEIRAMENTE DE TRÁS DA CORTINA. *Sir William Crookes* teve a precaução de não deixar aos fios de cobre senão a extensão precisa para permitir à médium mostrar-se na abertura da cortina, no caso de ela deslocar-se. Katie surgiu e caminhou cerca de 6 ou 8 pés fora da cortina. Via-se que não era retida por fio algum e a observação do galvanômetro não acusou nenhuma anormalidade em momento algum. Além disso, Katie, a instâncias de *Sir William Crookes*, mergulhou as mãos em um recipiente que continha iodeto de potássio, sem que resultasse, por isso, a mínima oscilação da agulha do galvanômetro. Se os fios condutores estivessem em comunicação com sua pessoa, a corrente se teria dirigido pelo caminho curto que lhe oferecia o líquido, o que teria ocasionado um desvio maior da agulha.

(O sr. Harrison, editor do "*The Spiritualist*", que assistiu à experiência e que publicou em seu jornal o relatório acima citado, mandou inserir em "*The Medium*" a notícia seguinte, com a aprovação de *Sir William Crookes* e *Mr. Varley*.)

Sr. Diretor.

Por causa de minha presença em muitas sessões recentes, no decurso das quais *Mr. Varley* e *Sir William Crookes* dirigiram uma corrente elétrica fraca através do corpo de *Miss Florence Cook* durante todo o tempo em que ela se achava no gabinete, quando *Katie* se encontrava fora dele, algumas pessoas que tomavam parte da sessão pediram que eu lhes comunicasse os resultados obtidos naquelas experiências, com a esperança de que essa medida protegesse de acusações injustas uma médium leal e sincera.

Quando *Katie* saiu do gabinete, nenhum fio metálico aderiu à sua pessoa; durante todo o tempo em que se conservou no aposento, fora da cabina, a corrente elétrica não sofreu interrupção alguma como teria acontecido inevitavelmente se os fios se tivessem soltado dos braços de *Miss Cook* sem que suas pontas fossem repostas em contato.

Admitindo mesmo que tal fato se tivesse dado, a diminuição da resistência ter-se-ia posto em evidência, imediatamente, pela agulha do galvanômetro. Nas experiências de que se trata foi evidentemente demonstrado que *Miss Cook* estava no gabinete enquanto *Katie King* se mostrava fora dele.

As sessões se efetuaram; uma no aposento de *Mr. Luxmoore*, outra no escritório de *Sir William Crookes*. Antes de lhe dirigir a presente, fiz a sua



Detalhe de Katie King, separada da fola em que é vista com *Sir* William Crookes.

leitura perante *Mr. Varley* e *Sir William Crookes*, que deram a sua aprovação.

11, Ave Maria lane, 17 de março de 1874

William H. Harrison

1874 — pg. 342

A menor deslocação dos polos da bateria, que estavam fixados nos braços de *Miss Cook* pelo adesivo, teria INEVITAVELMENTE produzido uma mudança na força de resistência oferecida pelo corpo da médium.

Ora, foi em tais condições que a figura de *Katie* apareceu por muitas vezes na abertura da cortina, mostrou as mãos e os braços, depois pediu papel, um lápis e escreveu perante os assistentes.

Antes de a médium cair em transe, pediu-se-lhe que fizesse movimentos com os braços; a mudança da superfície metálica, posta em contato real com o papel e o corpo, produziu um desvio que se elevou de 15 a 20 divisões e às vezes ainda mais; por conseguinte, se, no decurso da sessão, a médium tivesse feito o menor movimento com as mãos, seguramente o galvanômetro tê-lo-ia indicado. Na experiência, *Miss Cook* representava um cabo telegráfico no momento do confronto”.

Psychische Studien, 1874, pg. 342:

1874, pgs. 388 e 389.

Ninguém veio afirmar, de maneira categórica, baseando-se no testemunho dos sentidos, que no momento em que a aparição, denominando-se Katie King, era visível no aposento, o corpo de *Miss Cook* se achava ou não no gabinete. Parece-me que toda a questão se reduz à solução desta alternativa. Demonstre-se o bom senso de uma ou de outra dessas suposições e então todas as questões secundárias cairão por si mesmas; mas essa prova deve ser absoluta e não baseada em circunlóquios ou na pretensa integridade dos selos dos nós e das costuras.

"Katie declarou que supunha estar, daquela vez, capaz de mostrar-se ao mesmo tempo com *Miss Florence Cook*. Ela convidou-me a apagar o gás e a voltar com minha lâmpada-de-fósforo ao aposento que servia então de gabinete. Procedi de acordo com seu desejo, depois de ter pedido a um de meus amigos, perito estenógrafo, que escrevesse cada uma das palavras que eu pronunciasse quando estivesse no gabinete; eu sabia quão pouco devia confiar na memória, além do que era lícito. As notas tomadas estão arquivadas. Andei com cautela no aposento que então se achava às escuras, e procurei às apalpadelas por *Miss Cook*, que encontrei deitada no chão. À luz fosfórea, divisei a moça vestida de veludo preto, como chegara para a sessão. Ela me parecia privada dos sentidos; não fez movimento al-

gum quando lhe segurei a mão e aproximei-lhe a luz do rosto; e continuou a respirar tranquilamente.

Levantei a lâmpada e, lançando um olhar em redor de mim, vi Katie em pé, justamente por trás de *Miss Cook*. Ela vestia um amplo vestido branco como nos tinha aparecido havia pouco. Segurando sempre a mão de *Miss Cook*, ajoelhado no soalho, dirigi alternativamente a lâmpada para cima e para baixo a fim de iluminar a forma inteira de Katie e de me certificar, assim, que tinha realmente defronte de mim essa mesma Katie que eu apertara em meus braços alguns momentos antes e que não era ludíbrio ou ilusão de um cérebro sobreexcitado. Sem dizer coisa alguma, ela me fazia acenos com a cabeça e sorria-me com amável semblante.

Por três vezes examinei cuidadosamente *Miss Cook*, deitada a meu lado, para ficar convicto de que a mão que eu segurava pertencia a uma mulher viva, e por três vezes, dirigi o clarão da lâmpada sobre Katie, examinando-a com atenção aguçada, até que não me ficasse dúvida alguma acerca de sua realidade objetiva. Finalmente, *Miss Cook* se moveu, e, imediatamente, Katie me acenou para que me retirasse. Dirigi-me à outra extremidade do aposento e não vi mais Katie; porém, só me retirei dali quando *Miss Cook* despertou e duas das pessoas que tinham tomado parte na sessão entraram trazendo luz.

DEPOIMENTOS PRESTADOS ATRAVÉS DO "THE SPIRITUALIST, SEMANÁRIO QUE CIRCULOU EM LONDRES ENTRE 1.869 e 1.881, FUNDADO POR MR. W. H. HARRISON. EXERCEU FORTE INFLUÊNCIA NA OPINIÃO PÚBLICA DESDE QUANDO TINHA POR TÍTULO "THE SPIRITUALIST NEWSPAPER". ATÉ 1.888 FOI O PORTA-VOZ DA "BRITISH NATIONAL ASSOCIATION OF SPIRITUALISTS".

1874, pg. 389.

A estatura de Katie King é variável: em minha casa eu a vi excedendo em seis polegadas a de *Miss* Florence Cook. A noite passada ela era maior que *Miss* Cook apenas quatro polegadas e meia; mostrava-se descalça. Seu pescoço estava descoberto e eu pude verificar que ela tinha a pelo sedosa e igual, enquanto que *Miss* Cook tem no pescoço a marca de larga cicatriz, muito visível e que se sente ao tato. As orelhas de Katie não são furadas; *Miss* Cook, pelo contrário, usa habitualmente brincos; Katie é muito loura, *Miss* Cook muito morena; os dedos de Katie são mais afilados que os de *Miss* Cook e seu rosto é mais largo.

1875, pg. 22.

Tenho à vista um cacho proveniente da opulenta cabeleira de Katie; com sua permissão cortei-o,

depois de ficar convicto, (apalpando-o até às raízes), de que tinha nascido realmente em sua cabeça; esse cacho é de um castanho muito claro, ao passo que os cabelos de *Miss Cook* são de um castanho-escuro que os faz parecer negros.

1875, pgs. 21 e 22

Uma das mais interessantes fotografias é aquela em que sou reproduzido ao lado de Katie. Ela estava de pé, com os pés descalços, em determinado local; depois da sessão vesti em *Miss Cook* uma roupa semelhante a que era usada por Katie, coloquei-a exatamente na mesma posição em que Katie estava, e retomei o local que ocupara antes; para fotografá-la, fez-se uso dos mesmos aparelhos, com a mesma iluminação. Essas duas chapas superpostas são conformes quanto à minha estatura pessoal, porém Katie é maior que *Miss Cook* cerca de meia cabeça e parece uma mulher alta ao seu lado. Em muitas fotografias as dimensões de seu rosto a distinguem de sua médium de maneira notável; as mesmas imagens denotam ainda outras desseme-lhanças".

1875, pg. 19.

Só de algum tempo a esta parte, Katie me permite fazer o que desejo: tocá-la, entrar no gabi-

nete e sair dele, como me apraz; acompanhei-a frequentemente de perto quando ela entrava na cabina. Então, eu a via ao mesmo tempo que a médium; porém, as mais das vezes, só encontrava a médium, que estava imersa em transe e deitada no soalho, ao passo que Katie tinha desaparecido subitamente.

Na última semana antes de seu desaparecimento definitivo, Katie aparecia quase todas as noites nas sessões que eu organizava em minha casa a fim de achar-me em condições de fotografá-la com o auxílio de um ajudante.

Minha biblioteca servia de gabinete escuro. Uma porta de duas bandeiras conduz desse aposento a um laboratório. Uma das bandeiras foi retirada e substituída por uma cortina, a fim de permitir a Katie passar mais facilmente. Os amigos que assistiam às sessões se instalavam nesse laboratório, de frente da cortina; as câmaras escuras eram dispostas por detrás deles, todas preparadas para receber a imagem de Katie à sua saída do gabinete, bem como tudo quanto se achasse no aposento, no instante em que se abrisse a cortina. Todas as noites três ou quatro negativos foram obtidos em cada uma das câmaras escuras, o que perfazia, na média, cerca de quinze fotografias diferentes, muitas das quais se inutilizaram no ato de serem reveladas, outras enquanto se graduava a intensidade da luz. Possuo, ao

todo, (*) quarenta e quatro negativos, sendo alguns mal sucedidos, outros sofríveis, e outros bem acabados.

todo, quarenta e quatro negativos, sendo alguns mal sucedidos, outros sofríveis, e outros bem acabados.

Ao entrar no gabinete, *Miss Cook* deitava-se no soalho, com a cabeça sobre um travesseiro, e caía logo em transe. Durante as sessões fotográficas, *Katie* envolvia a cabeça de sua médium em um chale, para impedir que a luz incidisse em seu rosto. Muitas vezes levantei a cortina de um lado quando *Katie* se encontrava junto de *Miss Cook*. Então, sucedia que todos os assistentes, em número de sete ou oito, podiam ver, ao mesmo tempo, *Katie* e *Miss Cook*, graças à intensa iluminação elétrica. Nessas ocasiões não víamos, é certo, o rosto da médium por causa do chale em que era envolto, mas podíamos ver suas mãos e pés, observar seus movimentos que denotavam desconforto sob a influência da luz, e podíamos ouvir os gemidos que ela às vezes deixava escapar. Possuo uma fotografia que as apresenta juntamente, mas *Katie* está sentada diante de *Miss Cook*, de maneira que encobre sua cabeça”.

(*) *Essas chapas, ao que consta, ou o que delas restou, estariam sob a guarda de Mr. Maurice Barbanell. Não foi tarefa fácil obter as fotos aqui apresentadas, algumas delas absolutamente desconhecidas do público.*

Nota do organizador.

DEPOIMENTO DE MRS. LUXMOORE

Lá pelo fim da primeira sessão, Katie nos disse que suas forças diminuíam e que ela ia desaparecer completamente. De fato, sob a influência da luz que se tinha deixado penetrar no gabinete, a parte inferior de seu corpo desapareceu, e ela diminuiu a tal ponto, que tocou o soalho com a região occipital: o resto do corpo já não existia. As últimas palavras que nos dirigiu foi um pedido: queria que cantássemos durante alguns minutos, sem deixarmos os nossos lugares.

Katie fez o seu reaparecimento. Tinha ela o mesmo aspecto que antes e nós conseguimos ainda tirar uma fotografia.

Pouco depois que a batemos Katie abriu a cortina e pediu-nos que a ajudássemos; ela parecia já não ter corpo e apresentava um aspecto dos mais estranhos: sua cabeça estava quase ao nível do solo, sustentada apenas pelo pescoço; por debaixo da cabeça via-se a vestimenta branca.

Se a figura de Katie não tivesse sido fotografada por muitas vezes durante aquela sessão, *ad visum*, antes e depois de sua desmaterialização, certamente Mr. Hartmann ter-se-ia valido dessa circuns-

Round her she made an atmosphere of life,
The very air seemed lighter from her eyes;
They were so soft and beautiful, and wise,
With all we can imagine of the skies;
Her ever-growing presence made you feel
We would not be idolatrous to kneel.

"Mr Crookes and Katie King photographs
in electric light, June 1874."

Detalhe do verso em
que Sir William Crookes
louvava a beleza de Katie
King. Sua redação é de
próprio punho, e cons-
titui uma preciosidade
entre os documentos
espíritas.

tância para apresentar um argumento em favor de sua teoria favorita, segundo a qual a aparição de Katie não seria mais do que uma alucinação. Mas, desde o momento em que Katie foi fotografada, não havia alucinação; sua desmaterialização seria apenas a alucinação provisória. Assim, teríamos, para o mesmo fenômeno, duas explicações absolutamente contraditórias: em dado momento é a médium que entra em cena; no momento seguinte, ocorreria a alucinação.

Assim, encerrada em um gabinete que tem apenas 37 polegadas de comprimento por 21 de largura, a médium troca de trajes, veste de novo seus vestidos ordinários, entra em seus laços. Despe duas vezes seus esplêndidos vestidos brancos, e que são reais, pois foram fotografados, depois exibe sobre essa vestimenta a alucinação de sua cabeça. Em vão se procuraria o sentido e os motivos de uma encenação tão bizarra.

Katie tentou escrever em cima de seus joelhos mas encontrou dificuldades. Pediu um objeto duro para colocá-lo sob o papel. Deram-lhe um livro, e, então, ela escreveu:

"Meu prezado amigo,

Pediste-me que escreva algumas palavras a respeito da obra que estás escrevendo acerca do Juiz John Worth Edmonds. Desejo um grande êxito ao teu trabalho. O Juiz Edmonds é um homem impo-

luto e sincero. Transmite-lhe, por favor, afetuosas lembranças de minha parte e dize-lhe que o tenho em grande estima, embora ele não me conheça. Os fluidos diminuem e, por isso, termino enviando-lhe minhas afetuosas saudações.

Sou a amiga sincera,

Katie King

Verdadeiro nome: Annie Morgan.

O Espírito entregou-me esta carta que eu li em voz alta para que todos ouvissem.

Em seguida, Katie observou:

— *Noto que está sem endereço.*

Ela recolheu a carta, abriu-a e escreveu o meu nome em seu dorso. Solicitei a Katie que me permitisse tocar em seu vestido e obtive consentimento. Aproximei-me e toquei-o com as duas mãos, tendo a impressão de que era feito de um tecido branco e leve, porém sólido, semelhante a uma gaze. Em seguida, Katie deu a volta à sala, apertando a mão de todas as pessoas. Durante a sessão suas mãos e rosto tinham um colorido rosado, dando a impressão de vida; suas faces coradas ofereciam-lhe uma aparência de extrema juventude; suas atitudes eram distintas e graciosas. Essa impressão se fez mais forte quando ela se inclinou para recolher duas folhas de papel que tinham caído no assoalho, as quais ela colocou sobre a mesa.

Este fato fortaleceu a impressão que todos os presentes havíamos tido, ou seja, que durante hora e meia tínhamos conversado com uma mulher viva, inteligente e que, ao invés de andar, parecia deslizar graciosamente entre nós. O seu constante cuidado parecia voltado para a médium, na qual se situava a sua fonte de vida, o laço que a sustentava. Em resumo, fomos testemunhas de fatos absolutamente inusitados e maravilhosos.

Finda a sessão, pudemos verificar que as cordas que prendiam *Miss Cook* estavam intactas; ela se encontrava adormecida em transe profundo e seu vestido não tinha a menor semelhança com o usado por *Katie King*; na ausência desta podíamos verificar que a aparição a *Miss Cook* eram duas individualidades completamente distintas uma da outra.

TESTEMUNHO DE MR. BENJAMIM COLEMAN

No dia 18 de novembro de 1.875, realizou-se, na residência de *Mr. Luxmoore*, uma sessão. O local escolhido foi o salão social, e, em um canto da lareira, improvisou-se o gabinete escuro, com o auxílio de algumas cortinas espessas. Uma lâmpada nos iluminava. Os assistentes eram em número de catorze. Sentamo-nos perto do gabinete, de modo que pudéssemos ver-nos distintamente uns aos outros. Durante a sessão a lâmpada não foi apagada.

Miss Cook tomou a iniciativa de colocar uma cadeira baixa dentro do gabinete, nela tomando assento. *Mr. Luxmoore* pediu a *Mr. Blackburn* e a mim que amarrássemos a médium, usando uma cinta de couro para atar-lhe as mãos. Os nós foram costurados e selados; em seguida, com a mesma cinta, prenderam-lhe o tronco, costurando-lhe a cinta às costas e prendendo-a ao soalho por meio de um grampo de ferro, permitindo-lhe a folga de uns poucos centímetros a fim de que se pudesse mover. Em vista disso, era-lhe impossível afastar-se da cadeira. Tomadas todas essas precauções, passamos a aguardar os acontecimentos.

Estes não se fizeram esperar. Dentro de poucos instantes, a figura de Katie King movia-se livremente por todo o salão que, por sinal, era bastante grande. Trajava vestido branco, leve, flutuante, preso à cintura por um cinto; as mangas eram largas e chegavam-lhe até os pulsos; uma espécie de capuz cobria-lhe em parte os cabelos, descendo pelos ombros e eu tive a impressão de que a indumentária era aberta por aplicações de renda. No salão saudou os presentes, cumprimentado cada um deles e se dirigindo, em especial, a um assistente, que, pela primeira vez, comparecia a uma sessão espírita. Perguntou qual era o seu nome e, logo em seguida, indaguei-lhe se estava descalça. Ela respondeu que sim e levantou o seu vestido a fim de que vissemos os seus pés descalços. Desejosa de que todos se satisfizessem, colocou, de maneira muito natural, um dos pés sobre os joelhos de Mrs. Corner, dizendo-nos:

— Deste modo todos vós podereis verificar que meus pés estão descalços, não é mesmo?

Haviam preparado lápis e papéis, que se encontravam sobre a mesa. Perguntei-lhe se poderia escrever algumas linhas.

— Sim! — respondeu o Espírito. — Vou tentar.

E assentou-se à mesa.

— O que devo escrever? — perguntou.

Respondi-lhe que preparava um livro sobre o grande juiz Edmonds. Poderia ela enviar-lhe uma mensagem?

CROMWELL FLEETWOOD VARLEY

Célebre consultor de eletricidade da *Atlantic Telegraph Company* e da *Electric and International Company*, foi atraído para a pesquisa psíquica em 1850. Investigou a hipótese de que os estalidos na mesa fossem o resultado de uma força elétrica, mas os testes demonstraram que a hipótese era inteiramente infundada. Nos anos que se seguiram assistiu a toda uma gama de curiosas experiências psíquicas, descobrindo que ele possuía o poder mesmérico da cura, tendo obtido o restabelecimento da saúde de sua própria esposa. *Mrs. Varley*, por sua vez, veio a descobrir que possuía a faculdade da clarividência e, caindo em transe, previu o curso exato que teria a moléstia de que era portadora. Depois do nascimento de um dos seus filhos, Varley foi uma noite despertado por três fortes "raps". Dirigiu-se como que impelido para o quarto de sua esposa onde encontrou a enfermeira intoxicada e *Mrs. Varley* rígida no leito, em estado cataléptico.

Conheceu Daniel Dunglas Home, o famoso médium da Idade Vitoriana. Descrevendo suas experiências na *Dialectical Society*, em 1869, concluiu dizendo:

"Entretanto estou ainda bastante perplexo para poder sentir-me apto a me confessar satisfeito. Afortunadamente, quando eu voltava para casa, um fato ocorreu, o qual desfez em mim qualquer elemento de dúvida. Não obstante me encontrar sozinho em meu gabinete de trabalho, pensando e analisando, detidamente, o que havia testemunhado, ocorreram várias batidas. Na manhã seguinte, eu recebi uma carta de Mr. Home na qual ele me dizia: *"Quando o senhor estava sozinho em seu escritório, ouviu vários sons. Isso me foi muito agradável"*.

Ele afirmou que os Espíritos tinham-lhe dito que me acompanhariam e estavam capacitados para produzir sons. Tenho a carta em meu poder agora para demonstrar que a imaginação não teve nada que ver com o acontecimento".

Ele deu expressivos testemunhos de outras experiências pessoais. No Inverno de 1864, estando em Beckenham, foi acordado no meio da noite por outras batidas. Mrs. Varley jazia deitada ao seu lado mergulhada em transe e ele viu o fantasma transparente de um homem vestido com uniforme da Aviação Militar. Pediu-lhe que empregasse a voz de sua esposa para lhe dar notícias de seu irmão que se encontrava em Birmingham. Experiências mais interessantes estavam à sua espera. Em sonhos, viu e ouviu o duplo de sua cunhada. Na manhã seguinte, ela confirmou tudo; havia acidentalmente clorofor-

mizado a si mesma e experimentara o que era a vida fora do corpo. Todas essas experiências e outras similares foram confirmadas por sua esposa.

Em 1860, encontrando-se em Halifax, desdobrou-se ansioso por controlar os movimentos de seu duplo. Sonhou com a explosão de uma bomba e despertou assustado; alguns minutos depois, pela janela de seu quarto, assistia à cena exatamente como ocorrera e fora testemunhada por seu duplo.

Em New York travou contato com vários médiuns e fez várias experiências na residência de C. F. Livermore, o banqueiro. Entre eles achava-se Miss Kate Fox. Seus esforços por descobrir as leis que governam os fenômenos psíquicos foram infrutíferos. Começou a suspeitar de que poderes que estavam além da eletricidade e do magnetismo eram acionados. Suas experiências pessoais, extremamente variadas, levaram-no a acreditar... *"que nós podemos deixar os nossos corpos; que, depois que morremos, continuamos a viver exatamente como antes. Nós não somos nossos corpos apenas. Sob certas condições somos capazes de estabelecer comunicação com aqueles que deixamos na Terra e eu também estou convicto de muitos fenômenos são causados (animismo) pelos Espíritos de pessoas ainda presas aos seus corpos e que tomam parte nas experiências"*.

Quando Sir William Crookes iniciou suas fa-

mosas investigações relacionadas aos fenômenos do Espiritismo, Varley participou delas, como uma espécie de assistente do famoso químico, construindo meios para o controle elétrico dos fenômenos.

Seu depoimento público valeu-lhe a contrariedade de se tornar o objeto das críticas abusivas do Dr. Carpenter, — de triste memória, o qual, em outubro de 1871, publicou um artigo no *Quartely Review*, assegurando aos leitores que havia graves dúvidas quanto à habilidade científica de Varley. Em virtude de suas atividades no campo do Espiritismo viu o insigne sábio cancelarem o seu nome do quadro da *Royal Society*, da qual fora membro durante pouco mais de três meses. Aliás, a Society iria tomar infelizes posições em relação a cientistas do gabarito de *Sir Willam Crookes* e *Sir Alfred Russel Wallace*.

* * *

“A experiência de que vou falar foi realizada no aposento de Mr. Luxmoore.

O aposento de trás foi separado do da frente por meio de uma cortina, para impedir a entrada da luz; ele devia servir de gabinete escuro. Antes de começar a sessão, tomou-se a precaução de inspecionar com cuidado esse gabinete escuro e de fechar as portas à chave. O aposento da frente era iluminado por uma lâmpada de parafina com um an-

teparo que coava a luz. Colocou-se o galvanômetro em cima da lareira à distância de 11 pés da cortina.

Os assistentes eram *Mr. Luxmoore*, *Sir William Crookes*, *Mrs. Crookes*; *Mrs. Cook* com sua filha, *Mr. Tapp*, *Harrison* e eu (*Varley*).

Miss Cook ocupava uma poltrona no aposento de trás. Fixou-se com esparadrapo, em cada um de seus braços, um pouco acima dos punhos, uma moeda de ouro, à qual estava soldada uma ponta de fio de platina. As moedas de ouro estavam separadas da pele por três camadas de papel mata-borrão branco, de grande espessura, umedecidos em uma solução de cloridrato de amônio. Os fios de platina corriam ao longo dos braços até as espáduas e eram presos com cordões, de maneira que deixavam os braços em liberdade para qualquer movimento. As pontas de fora dos fios de platina eram reunidas a fios de cobre, cobertos de algodão e iam ter ao aposento iluminado onde se achavam os experimentadores. Os fios condutores estavam ligados a dois elementos *Daniell* e a um aparelho de confronto. Quando tudo ficou pronto, fecharam-se as cortinas, deixando a médium, *Miss Cook*, às escuras. A corrente elétrica atravessou o corpo da médium durante todo o tempo da sessão...

Essa corrente, originando-se nos dois elementos, atravessava o galvanômetro, os elementos de

resistência, o corpo de *Miss Cook* e voltava em seguida à bateria.

Antes da introdução de *Miss Cook* na corrente, quando estavam reunidas as duas moedas que formavam os polos da bateria, o galvanômetro marcava um desvio de 300.º.

Depois da introdução de *Miss Cook*, as moedas foram colocadas nos braços da médium, um pouco acima do punho e o galvanômetro não marcou mais de 220.º.

Assim, pois, o corpo da médium, introduzido na corrente, oferecia uma resistência à corrente elétrica equivalente a 80 divisões da escala.

O OBJETIVO PRINCIPAL DAQUELA EXPERIÊNCIA ERA PRECISAMENTE CONHECER A RESISTÊNCIA DO ESPÍRITO A CORRENTE ELÉTRICA".

“THE SPIRITUALIST”

1.873, pg. 217

RELATÓRIO

Nós, abaixo assinados, desejamos testemunhar, uma vez mais, que na sessão com *Miss Cook*, a 12 de maio, Katie saiu do gabinete; ela tinha a estatura habitual e fez-se ver sob as mesmas condições da sessão de 7 de maio corrente, e, ainda mais: *Miss Corner*, que estava sentada à esquerda do gabinete, em lugar que lhe permitia ver tudo quanto se passava aí, declarou que tinha visto *Miss Cook* e *Katie* ao mesmo tempo.

A posição ocupada pelos demais assistentes, que formavam o círculo, não lhes permitia ver o interior do gabinete. A não ser esse fato, teria sido inútil, talvez, publicar um testemunho que não passaria da repetição de nossas experiências anteriores.

Amelie Corner — 3, Saint Thomas' Square Hackney.

Caroline Corner — 3, Saint Thomas' Square Hackney.

J. C. Luxmoore — 16, Gloucester Square, Hyde Park.



Miss Florence Cook, que depois de seu casamento, passou a se chamar Mrs. Elgie Corner e foi viver em Usk, no País de Gales.

William H. Harrison — Chaucer Road, Herne Hill Park.

G. R. Tapp — 18, Queen Margaret's Grove, Mildmay Park, London. S.

Semelhante testemunho teria podido ser dado desde a primeira experiência por *Mr. Luxmoore*, pois que ele estava sentado perto do gabinete, no qual se achava a médium e também porque, no momento em que *Katie*, abrindo a cortina, se apresentou para ser fotografada, ele podia olhar para o gabinete e ver a médium — do mesmo modo que *Miss Corner* no caso presente. A sinceridade escrupulosa de *Mr. Luxmoore* não lhe permitiu fazer imediatamente essa declaração, como se pode inferir de um trecho do discurso que pronunciou em Grover Street, em outubro de 1873, quando se tratava da fotografia espírita.

TESTEMUNHO DE MR. DAWSON ROGERS

Miss Florence Cook casou-se e vive atualmente em Usk, no País de Gales, rodeada pelo marido, *Mr. Elgie Corner*, com quem se casou em 1.874, e por seus filhos. A declaração que foi publicada é da autoria do diretor da revista espírita *Light*, publicada em Londres. *Mr. Dawson-Rogers* era membro do conselho da rainha. Eis o que escreve:

"Eu, Eduardo Dawson-Rogers, residente na cidade de Londres e jornalista científico, certifico haver visto várias vezes os fenômenos espíritos denominados materializações, ou seja, o aparecimento de uma outra forma humana, que não é a do médium, sair do gabinete dentro do qual é posta a médium. Observei em rigorosas condições experimentais impostas pelo professor William Crookes, ilustre químico e membro da Real Sociedade da Grã-Bretanha. Naqueias condições, era de todo impossível a fraude.

A aparição passeava em meio aos investigadores, sentados diante do gabinete, conversando com eles e permitindo que fosse tocada pelos assistentes. Uma vez, quando a aparição estava fora do

gabinete. o professor Crookes entrou e afastou as cortinas que ocultavam a médium. Pudemos então todos, ali reunidos, ver a médium e a aparição ao *mesmo tempo*.

Este testemunho oficial está firmado

E. Dawson-Rogers.

“THE SPIRITUALIST”

1877, pg. 176

Os polos opostos de uma bateria foram postos em comunicação com dois vasos cheios de mercúrio. O galvanômetro e a médium foram em seguida introduzidos no circuito. Quando Katie King mergulhou os dedos nesses vasos, a resistência elétrica não diminuiu e a corrente não aumentou em força; mas quando *Miss Florence Cook* saiu do gabinete e introduziu os dedos no mercúrio, a agulha do galvanômetro indicou um desvio considerável. Katie King oferecia à corrente uma resistência cinco vezes maior do que *Miss Florence Cook*.

1877, n.º 246 — pg. 218

A forma feminina, que se apresentava com o nome de Katie, estava sentada no soalho, aquém da porta que comunicava com a sala que servia de gabinete escuro. Nesse gabinete, podíamos ver, durante toda a sessão, aquela que julgávamos ser *Miss Florence Cook*. Sua cabeça não estava voltada para nós, de maneira que não podíamos ver-lhe o rosto, mas podíamos distinguir-lhe os vestidos, as mãos e os sapatos. Katie estava no chão, fora do gabinete. Muito perto dela estavam sentados, de um lado, *Mr. William Crookes*, do outro, *Mr. Tapp*. Entre as de-

mais pessoas presentes achavam-se os pais da médium, Mrs. Ross Church, eu e ainda outras cujos nomes me escapam. Katie cortou a barra de seu amplo vestido em cerca de dez retalhos e os distribuiu entre os assistentes; os recortes que fez no vestido eram de diversas dimensões e podia-se facilmente introduzir a mão em alguns. Irrefletidamente eu lhe disse:

— Katie, se pudesses reconstituir o tecido como tens feito outras vezes. . .

É conveniente adiantar que tudo isso se passava à luz do gás e em presença de numerosas testemunhas. Apenas eu tinha externado o meu desejo e ela dobrou tranquilamente a parte recortada do vestido com a parte que deixara intacta e imediatamente descobriu-a outra vez. Aquela operação não durou mais do que três ou quatro segundos. A barra de seu vestido surgiu inteiramente restaurada e não se via mais nem um único corte. Mr. William Crookes solicitou que lhe permitisse examinar o tecido e Katie acedeu. Ele tocou toda a parte que fora cortada, centímetro por centímetro, atentamente, e declarou que não havia ali a menor solução de continuidade, corte ou costura, nem vestígios ou marcas de qualquer outra natureza. Mr. Tapp pediu permissão para proceder da mesma forma e, depois de longo e minucioso exame, repetiu o mesmo”.

DEPOIMENTO DE MR. W. H. HARRISON

A figura de Katie surgiu aos nossos olhos com a cabeça envolta em um fino véu branco, a fim de, segundo nos explicou, "impedir que os fluidos a favorecessem por mais tempo". Explicou que somente o seu rosto estava materializado e todos nós pudemos ver-lhe os traços distintamente.

Percebemos que ela tinha os olhos fechados e nesse estado se manteve durante trinta segundos. Depois desapareceu. Pouco tempo depois, ouvi-lhe a voz, que me dizia:

— Willie, veja, eu sorrio!

Depois dirigiu-se a *Sir William Crookes*, exclamando:

— Crookes, aumente a luz.

Imediatamente foi atendida e todos nós pudemos ver a figura de Katie brilhantemente iluminada. Tinha uma expressão jovial, risonha e descontraída, e de seus olhos parecia partir um brilho ligeiramente malicioso.

A cor de sua tez não era mate e os traços indeterminados como em sua primeira aparição a 22 de abril, pois que nos disse:

— Já sei controlar o fenômeno de melhor maneira.

Quando vimos Katie aparecer à plena luz, seu rosto parecia naturalmente colorido, tanto assim que todos quantos estávamos presentes exclamamos:

— Agora sim! Vamos-te perfeitamente.

Katie retrucou:

— Muito bem! Então aplaudi-me.

Batemos palmas calorosamente; Katie demonstrou a sua alegria esticando o braço por entre as cortinas e golpeando a parede com um leque que achou ao seu alcance. Depois, bateu na porta com a aldrava. Em seguida, nós nos retiramos para ceiar, mas com a intenção de recomeçar a sessão e prosseguir nas experiências.

Mr. Thomas Blyton, um amigo da casa, reuniu-se a nós quando voltamos à sala. Sua presença não pareceu constituir obstáculo à produção dos fenômenos. Katie reapareceu como antes, pedindo que apagássemos a luz até que ela ordenasse o contrário. A um sinal dela, acendemos um fósforo, à cuja luz pudemos ver, por um instante, o seu rosto; dentro de poucos instantes, reapareceu de novo, pedindo que fizéssemos mais luz quando se sentisse melhor materializada, condição em que podia suportar os raios luminosos. Em dado momento, ela disse:

— Crookes, não me olhes fixamente. O teu olhar causa-me dano.

Em outra ocasião lamentou-se alegando que a luz da lâmpada trazia-lhe danos; seus raios fatigavam-na muito; durante toda a sessão se inquietou com a intensidade da luz e com a distância entre os assistentes e o gabinete escuro. Por vezes pedia-nos que cantássemos em coro durante a sessão. Os Espíritos pedem amiúde que se faça assim para que a atenção dos presentes se dirija não para os fenómenos aguardados e sim para a música e o estribilho cantados. A música parece não ajudar as materializações, mas ocupa o pensamento que, assim, não contraria, com vibrações adversas, as operações em curso.

Ao findar-se a sessão, Katie cortou uma tira de suas gazes brancas e disse-nos:

— Vede, um tecido de minha fabricação.

Eu redargui:

— Deixa-o cair, Katie, de modo que todos possamos vê-lo. Ou, então, permite que cortemos um pedaço dele.

Ela respondeu:

— Não posso. Entretanto, observai bem!

Retirou a mão que estava fora da cabina, e o tecido, como se não encontrasse nenhuma resistência por parte da grossa cortina, atravessou-a. Ela repetiu o feito: a gaze tornou a passar através da

cortina. Este é um fenômeno digno de nota: uma substância aparentemente material passa através de uma outra substância material e sólida. Todos pudemos ver este fato. Acreditei que houvera resistência entre os dois tecidos. Todavia, quando Katie disse:

— Olhal!

Percebi que houvera uma modificação na composição do tecido, que passou, em seguida, através da cortina, sem nenhuma dificuldade.

Mr. Blyton dá idêntico testemunho do fato, acrescentando que os traços fisionômicos de Katie eram muito naturais e humanos. Afirma, também, o seguinte:

“Quando pedimos para ver o seu traje mais de perto, o Espírito nos ofereceu dele um pedaço de regular tamanho. Parecia musselina. Quando ela retirou o braço para dentro da cabina o alvo tecido fugiu de nossas mãos e desapareceu contra o tecido da cortina”.

As sessões prosseguiram com êxito crescente. As forças de Katie King aumentavam cada vez mais. Não obstante, durante algum tempo, ela só permitia uma baça luz enquanto se materializava. Sua cabeça surgia invariavelmente envolta no leve tecido branco e nós tínhamos a impressão de que ela não se materializava inteiramente para poupar o fluido. Após certo número de sessões, Katie conseguiu

mostrar-se em plena luz, com o rosto descoberto e seus braços e mãos completamente formados.

Por volta desse tempo, *Miss Cook* permanecia quase sempre desperta quando o Espírito se materializava. Entretanto, quando as condições atmosféricas eram desfavoráveis, caía em transe sob influência do Espírito, fato este que aumentava o seu poder. Parece que desse modo impedia também que a atividade mental da médium perturbasse as forças magnéticas. Daí para a frente, Katie não tornou a apresentar-se sem que a médium estivesse mergulhada em transe.

Outras sessões foram realizadas com o objetivo de serem obtidas as materializações de outros Espíritos através da mediunidade de *Miss Cook*. Para isso houve a necessidade de retornar-se outra vez às sessões com pouca luz. Os resultados foram bastante imperfeitos. Renunciou-se, pois, a tais ensaios e passou-se unicamente a tentar a obtenção de fenômenos tão distintos quanto possível fosse. Todavia, duas vezes surgiram aparições de pessoas conhecidas e cuja autenticidade foi comprovada.

Materializações semelhantes às obtidas com *Miss Florence Cook* foram obtidas frequentemente na América, na mesma época, em sessões com luz fraca. O médium Daniel Dunglas Home, *Mrs. Mary Hardy*, *Maud Lord*, *Jennie Lord Webb* e os senhores *Bastan* e *Taylor* também obtiveram aparições na obs-

curidade e à meia luz. Essas formas que falavam e se deixavam tocar, eram vistas imperfeitamente pelos presentes, mas, apesar disso, muitas foram as pessoas que se convenceram de sua realidade.

Miss Kate Fox, célebre médium, também obteve materializações de Espíritos em presença de Mr. Livermore, do Dr. Gray e de Mr. Groute; todos esses senhores se asseguraram da realidade objetiva das formas espirituais que se apresentavam.

Todavia, as manifestações mais belas e extraordinárias tiveram por testemunhas apenas umas doze pessoas. Aproximadamente, um ano transcorreu entre o dia em que Katie King fizera os seus primeiros esforços e a noite em que pudera sair do gabinete e passear em plena luz. Começou-se desde então a exercer uma vigilância extrema para provar a realidade da presença do Espírito. As testemunhas eram pessoas cuja honorabilidade estava acima de qualquer dúvida e cuja presença era uma garantia para que se alcançasse o objetivo que se perseguia: obter a verdade.

Quando a aparição se tornou visível, apesar da iluminação plena da casa, apresentando-se sólida e tangível, pôde ser submetida a diversas provas por parte dos cientistas que a observaram. Esses senhores ficaram perfeitamente convencidos de que tinham diante de si um Espírito cuja aparição escapava a todas as leis conhecidas.

No que diz respeito a *Miss Cook*, não tendo necessidade de ganhar dinheiro, seus pesquisadores não precisavam preocupar-se em oferecer-lhe nenhum auxílio pecuniário para se manter. *Mr. Charles Blackburn*, de *Manchester*, com sábia liberalidade, que a ciência deve agradecer, fez uma importante doação espontânea a *Miss Cook*, a partir do início de sua mediunidade, o que lhe bastava para sua manutenção. Graças a isso, foi possível tomar todo o tempo necessário a *Miss Florence Cook* sem trazer-lhe nenhum prejuízo econômico, pois a jovem era pobre e careceria de trabalhar para auxiliar a seus pais.

Assim, as manifestações seguem seu curso.

Foi durante a primavera de 1873 que decidimos celebrar toda uma série de sessões com o objetivo de conseguir fotografar *Katie King*. As chapas foram batidas por mim. O estranho caso levava-me a estudos constantes e pareceu-me que uma série continuada de sessões teria grande influência no desenvolvimento da mediunidade de *Miss Florence Cook*.

O nosso grupo se reunia na residência de *Mr. Cook* e o escopo principal era obter a fotografia da forma materializada. Por esse tempo o Espírito já conseguia falar claramente com os assistentes e se tornar visível.

Na sessão de 7 de maio, *Katie King* se tornou

visível à plena luz, fato que não se dera até então. A penumbra que se fazia no decorrer das reuniões não permitia obter a fotografia e, em vista disso, a própria Katie sugeriu que fosse empregada a luz do magnésio. O conselho foi acatado imediatamente.

Nas primeiras vezes que tentamos, Katie só pôde submeter-se à luz do magnésio uns poucos instantes, aparecendo na abertura da cortina, e desaparecendo no instante seguinte, a fim de obter forças no fluido da médium e dos assistentes. Os Espíritos nos dizem que o corpo flúidico de que se servem para se tornarem visíveis e ouvidos, é composto quimicamente através dos fluidos do médium e dos assistentes, fluido que eles condensam antes de se materializarem.

DEPOIMENTO DE MRS. CASTELLAN

“The Spiritualist”, pg. 102 — 1.874.

Katie nos disse que supunha ser possível mostrar-se juntamente com *Miss Cook*. Eu abaixei a luz do gás, e, em seguida, com a lâmpada de fósforo, entrei na peça que servia de cabina. Em todos os meus movimentos havia muita precaução. Estava perfeitamente às escuras e foi tateando que encontrei *Miss Cook*. Estava deitada sobre o tapete.

Ajoelhando-me, deixei que o ar entrasse na lâmpada e, à sua luz, vi a jovem vestida de veludo negro, — o qual usava no início da sessão, e dava a impressão de se encontrar completamente insensível. Não fez nenhum movimento quando lhe tomei a mão; devia estar mergulhada em transe profundo. Cheguei a lâmpada bem para perto de seu rosto e verifiquei que continuava a respirar normalmente.

Erguendo a lâmpada, olhei em torno de mim. Vi Katie que se mantinha de pé junto de *Miss Cook*. Estava vestida com gazes brancas e flutuantes, como aliás, a vimos durante a sessão.

Tendo uma das mãos de *Miss Cook* presa na minha, ajoelhei-me e iluminei a figura de Katie por

inteiro. Queria convencer-me de que realmente via Katie King e não um fantasma produzido por meu cérebro.

Ela não falou, mas fez um gesto de cabeça, indicando o seu reconhecimento. Por três vezes examinei *Miss Cook*, deitada junto a mim, sempre mantendo sua mão na minha. Esta, era a mão de uma mulher viva. E três vezes virêi a lâmpada para ver Katie. Examinei-a com atenção até que não me ficou nenhuma dúvida de que ela estava bem ali. Finalmente *Miss Cook* esboçou ligeiro movimento e Katie fez sinal para que me afastasse.

AS ÚLTIMAS APARIÇÕES DE KATIE KING

Texto inserto por *Mr. Harrison* em "The Spiritualist", no qual descreve a sessão de despedida de *Katie King* efetuada em Londres a 21 de maio de 1874:

"As pessoas que presenciaram esta sessão foram: *Sir William Crookes*, *Mrs. Corner*, *Mrs. Ross Church* (*Florence Marryat*), *Mr. Harrison*, *Mr. G. R. Tapp*, *Mr.* e *Mrs. Cook*, seus filhos e uma criada chamada *Mary*.

"As 7 horas e 25 minutos da noite, *Sir William Crookes* acompanhou *Miss Cook* ao gabinete escuro. Uma vez aí, esta se deitou no solo, pondo-se-lhe uma almofada sob a cabeça. As 7 e 28 minutos ouviu-se a voz de *Katie King* e às 7 e 30 ela se apresentava do lado de fora da cabina completamente materializada. Seu vestido era de tonalidade branca particularmente pura. Trazia o colo descoberto e mangas curtas. *Katie* tinha os cabelos muito compridos, de cor castanho-dourado, que caíam formando graciosos cachos que desciam pelas costas até à cintura. Trazia nas mãos um grande véu branco com o qual cobriu o rosto, uma ou duas vezes, no

decorrer da sessão. Assim fazendo, podia acumular forças fluídicas que lhe permitiram resistir por mais tempo ao calor da sala.

"A médium vestia um traje de merinó azul-claro. Durante a sessão e enquanto Katie permanecia diante nós, a cortina do gabinete esteve levantada e todos pudemos ver perfeitamente a médium em transe, tal como ficara ao iniciarem-se os trabalhos, isto é, deitada no tapete e com um xale vermelho sobre o rosto a fim de preservá-la dos raios luminosos. *Durante toda a sessão houve sempre bastante luz.*

"Katie nos falou de sua partida e aceitou um ramalhete que Mr. Tapp havia levado, um ramo de açucenas que ela ofertou ao prof. Crookes.

"Todos os assistentes sentaram-se muito perto dela. Katie pediu a Mr. Tapp que desfizesse o ramo e espalhasse as flores pelo solo, à sua frente. Então, ela sentou-se, de modo oriental, e pediu aos assistentes que fizessem um círculo em seu redor. A maioria sentou-se também no solo e Katie formou com as flores outros tantos ramos, tantos quantos a pessoas que estavam na sala, e amarrou-os com uma fita azul.

"Escreveu algumas palavras de despedida aos seus amigos, assinando-as com o nome de "*Annie Morgan*", nome que, dizia, tivera na Terra. Escreveu também algumas palavras para sua médium e esco-



Miss Florence Cook, (Mrs. Elgie Corner pelo casamento), em uma das últimas fotografias de sua vida. Ela desencarnou no dia 24 de abril de 1904.

lheu um bonito botão de rosa para que ela o guardasse como lembrança sua.

"Katie King pediu tesouras e cortou uma grande mecha de seus cabelos, que repartiu entre os assistentes. Depois colocou o braço no do prof. Crookes e passou pela sala, apertando as mãos de todos. Sentou-se de novo e cortou vários pedaços de seu véu e de seu vestido, os quais distribuiu também entre os assistentes. Pediu que os incorporassem aos tecidos tal como fora feito em outras sessões. Nesse momento Katie se encontrava entre o prof. Crookes e Mr. Tapp. Ele tomou o retalho que restava e o sacudiu com vivacidade, e, instantaneamente, o véu e o vestido ficaram tal como estavam no início da sessão. Todos os buracos haviam desaparecido. As pessoas que estavam sentadas junto à porta do gabinete examinaram imediatamente o véu e afirmaram que ali, onde haviam visto buracos de algumas polegadas de diâmetro não havia agora nem cortes nem costuras de nenhuma espécie.

"Katie deu, em seguida, suas últimas instruções ao prof. Crookes, quanto à conduta que deveriam seguir relativamente às ulteriores manifestações prometidas por ela por meio da médium. Estas instruções foram anotadas e entregues ao prof. Crookes.

"Katie parecia fatigada, e disse, com sentimento, que se via obrigada a partir, pois seu poder

diminuía. Deu adeus a todos da maneira mais amável, e nós lhe agradecemos pelas maravilhosas manifestações que nos proporcionara.

"Katie fitou, afetuosamente, a cada pessoa pela última vez, com expressão muito triste; depois deixou cair as cortinas do gabinete e não se viu mais nada. Mas ouviu-se quando ela despertou a médium, a qual lhe suplicava, chorando, que permanecesse mais um pouco. Katie lhe respondeu: "*Minha querida, não posso mais; já terminei minha missão. Que Deus vos proteja!*" Em seguida, ouviu-se um beijo de despedida.

A médium surgiu do lado de fora do gabinete e veio ao nosso encontro abatida e profundamente confusa. Katie disse-nos que não tornaria a materializar-se na Terra, que passara três anos muito tristes e penosos, purificando-se, por estas provas, produzindo manifestações psíquicas, e que, em resultado disso, merecera viver em uma esfera espiritual mais elevada. Acrescentou, também, que algumas vezes se comunicaria com sua médium, por meio da psicografia, e que *Miss Cook* poderia vê-la, em qualquer momento, contanto que estivesse adormecida magneticamente.

NARRATIVA DO PROF. WILLIAM CROOKES

Tendo tomado parte muito ativa nas últimas sessões realizadas com *Miss Cook* e havendo obti-

do numerosas fotografias de Katie King por meio da luz elétrica, julgo que algumas minúcias serão interessantes para "Spiritualist".

No decorrer da semana que precedeu a despedida de Katie King, Miss Cook realizou várias sessões em minha casa, à noite, a fim de se poder fotografar Katie com luz artificial. Cinco aparelhos completos de fotografia foram preparados para esse fim. Consistiam em cinco câmaras escuras, uma do tamanho de uma chapa fotográfica e as demais estereoscópicas. Deviam dirigir-se ao mesmo tempo sobre Katie, a cada vez que aparecia, de modo que a fotografasse em ângulos diferentes. Foram empregados cinco banhos sensibilizadores e fixadores. As chapas eram previamente limpas, ficando prontas para serem usadas a fim de que não houvesse nenhum contratempo nem atraso na operação que eu mesmo executava com o auxílio de um ajudante.

Minha biblioteca servia de gabinete escuro; esta tem uma porta de duplo batente que se abre para o laboratório; retiramos uma de suas folhas e a substituímos por uma cortina, para que Katie pudesse entrar e sair do gabinete com facilidade. Por detrás dos assistentes se colocaram as câmaras prontas a fotografar Katie, quando esta saísse, e, igualmente, o interior do gabinete, a cada vez que erguesse a cortina. Todas as noites cada câmara batia três ou quatro chapas que, somadas, davam umas quinze



Sir William Crookes vê o Espírito Katie King e Miss Florence Cook ao mesmo tempo. A fotografia está prejudicada por inúmeras reproduções e retoques.

fotografias por sessão. Algumas se perderam ao ser reveladas e outras ao regularmos a luz. Apesar disso possuo quarenta e quatro negativos, alguns maus, outros excelentes.

Katie pediu aos assistentes que se mantivessem sentados e dessem observância às condições necessárias. Só eu não precisava submeter-me a essas medidas, pois ela mesma deu-me permissão para fazer o que gostasse, tocá-la, entrar e sair do gabinete quando quisesse. Segui-a várias vezes ao interior deste e, em diferentes situações, pude ver a médium e ela ao mesmo tempo; todavia, geralmente, não encontrava senão a médium em estado letárgico, repousando sobre o canapé. Katie e seus vestidos brancos haviam desaparecido.

No decorrer dos seis últimos meses *Miss Cook* fizera inúmeras visitas a minha casa e não raras vezes permanecera por uma semana inteira. Quando vem só traz consigo uma pequena mala que jamais fecha à chave. Durante o dia está constantemente em companhia de *Mrs. Crookes*, comigo ou com qualquer outro membro de minha família. Além disso não dorme só e assim é que inexiste absolutamente ocasião para que possa preparar alguma coisa mesmo que fosse de caráter menos complicado do que seria necessário para fazer o papel de Katie King.

Eu mesmo dispus a biblioteca para que pu-

desse servir de gabinete escuro e, como de costume, depois que *Miss Cook* jantou, e conversou um bom espaço de tempo conosco, se encaminhou diretamente para o gabinete e, a seu pedido, fechei com a chave a segunda porta, guardando essa chave em meu bolso no decorrer de toda a sessão. Depois disso apaguei o gás deixando a jovem na obscuridade.

Ao entrar no gabinete, *Miss Cook* se estendeu no solo, apoiou a cabeça em uma almofada e logo caiu em transe. Durante os ensaios fotográficos *Katie King* cobria a cabeça da médium com um xale vermelho para impedir que a luz incidisse em seu rosto.

Várias vezes ergui a cortina quando *Katie* estava de pé ao lado da médium e então não era raro que os sete ou oito assistentes vissem *Miss Cook* e *Katie* ao mesmo tempo, iluminadas pela branca luz da eletricidade. Embora não pudéssemos ver o rosto da médium, distinguíamos seus pés e mãos, viamo-la movimentar-se penosamente sob a influência daquela intensa luz e algumas vezes ouvíamos seus queixumes. Tenho uma foto de *Katie* e da médium juntas, porém *Katie*, sentada, oculta a cabeça de *Miss Cook*.

Enquanto eu ia tomando parte cada vez mais ativa nas sessões, a confiança que *Katie* tinha em mim crescia gradualmente até o ponto de não que-

rer realizar nenhuma sessão se eu não me encarregasse das disposições requeridas. Queria que eu sempre estivesse perto dela e próximo ao gabinete. Desde que se estabeleceu essa confiança e quando ela compreendeu com satisfação que eu cumpriria as promessas que lhe fizesse, aumentou muito a força dos fenômenos e eu obtive provas que teria sido impossível obter se me tivesse comportado de outra maneira.

Katie me fazia constantemente perguntas com referência às pessoas que assistiam às sessões, e ao local que ocupariam na sala, pois ultimamente se mostrava nervosa em consequência de certas sugestões despropositadas que consideravam a força como algo a exigir para que as investigações fossem ainda mais científicas.

Uma dessas fotos mais interessantes é aquela em que estive de pé ao lado de Katie. Ela apóia os pés sobre determinado lugar no solo. Depois de batida essa foto fiz com que Miss Cook vestisse algo parecido às roupagens de Katie; ela e eu nos pusemos no mesmo sitio e em idêntica posição. Fomos fotografados pelas mesmas câmaras, colocados absolutamente como na primeira foto e iluminados pela mesma luz. Quando examinamos esses retratos *as minhas figuras coincidiram*, porém Katie era meia cabeça mais alta do que Miss Cook e igualmente mais corpulenta. Em muitas outras fotos a largura de



Foto arduamente obtida nos arquivos londrinos. Vê-se Florie Cook deitada sobre a cadeira e o fantasma Katie King por detrás. Foto inédita.

seu rosto e talhe diferem consideravelmente da médium.

As palavras e mesmo as fotografias são impotentes para reproduzir a formosura perfeita do rosto de Katie e dar uma idéia da graça de seus movimentos. As fotos podem assinalar o contorno de seu rosto, mas como seria possível reproduzir a pureza perfeita de sua pele e a expressão constantemente cambiante de seus traços, ora velados pela tristeza, quando recordava episódios de sua vida passada, ou sorrindo, com toda a inocência de uma menina, quando meus filhos se reuniam em seu redor e ela lhes contava episódios de suas aventuras na Índia!

Em seu derredor criava-se uma atmosfera de vida; seus olhos, doces e belíssimos, pareciam iluminar o ar com celestes eflúvios; sua presença cativava tanto que se experimentava o desejo de se lhe ajoelhar aos pés.

Vi Katie, recentemente, e tão bem iluminada pela luz elétrica, que me foi possível acrescentar às citadas diferenças entre Katie e sua médium, algumas outras. Tenho absoluta convicção de que *Miss Cook* e *Katie King* são *duas individualidades perfeitamente distintas*, pelo menos no que diz respeito a seus corpos. A pele de Katie é fina, enquanto a de *Miss Cook* possui pequenas manchas. O cabelo de *Miss Cook* é de um castanho tão escuro que parece negro, enquanto que o de Katie, do qual possuo uma

mecha que ela me permitiu cortar em uma sessão, depois de assegurar-me de que não era postiço, — é de um lindo castanho doirado.

Uma noite contei a pulsação de Katie; estava regular: 75 pulsações por minuto, enquanto que a da médium, poucos instantes depois, alcançava 90, como lhe era habitual. Apoiando minha cabeça sobre o peito de Katie, ouvi o seu coração batendo, com maior naturalidade ainda que o da médium, a qual, depois de terminar a sessão, permitiu-me fazer com ela a mesma experiência.

Examinados da mesma maneira, os pulmões de Katie pareceram mais sadios do que os da médium, que, naquela época, seguia um tratamento médico motivado por um reumatismo de que sofria.

Aos vossos leitores parecerá sem dúvida interessante que, aos outros relatos e sobretudo aos de *Mrs. Ross Church*, relativo à última aparição de Katie King, se junte o meu, pelo menos o que posso narrar.

Quando chegou o momento de nos despedirmos de Katie, pedi-lhe o favor de ser o último a vê-la. Depois de chamar os assistentes, um a um, e dizer-lhes algumas palavras em particular, ditou instruções gerais como orientação futura e a proteção que devia ser dispensada a *Miss Florence Cook*.

Dessas instruções, que foram estenografadas, vou transcrever a seguinte:

"O professor William Crookes se portou sempre muito bem em relação a mim e deixo Florence em suas mãos perfeitamente certa de que não faltará com a confiança que nele depositei. Em todas as circunstâncias imprevistas poderá agir melhor do que eu mesma, pois tem mais recursos".

Tendo terminado suas instruções, Katie me convidou a entrar com ela no gabinete e permanecer aí até que desaparecesse.

Depois de haver deixado a cortina cair, conversei comigo algum tempo; em seguida, se dirigiu ao outro lado do gabinete para despertar a médium que jazia sem conhecimento no solo, e, inclinándose para ela, tocou-a, dizendo: "Florence, desperta. É preciso que eu me vá!"

Miss Cook despertou e, com lágrimas nos olhos, lhe pediu que ficasse por mais algum tempo. "*Não posso, querida; minha missão está cumprida. — Deus seja louvado!*", — respondeu o Espírito e prosseguiu falando com a médium durante alguns minutos até que os soluços de Miss Cook impediram que a conversa prosseguisse. Seguindo as instruções dadas por Katie, adiantei-me para sustentar a médium que havia desmaiado e soluçava convulsamente no solo. Olhei, ao meu redor, mas Katie e seu alvo vestido haviam desaparecido. Quando Miss Cook se acalmou trouxeram uma luz e eu a tirei para fora do gabinete.

As sessões quase diárias com que ultimamente vinha me favorecendo *Miss Cook* provaram suas faculdades e desejo dar a conhecer, quanto possível, quão grato lhe estou por sua boa vontade de auxiliar-me em minhas experiências. Apesar de serem muito difíceis as experiências que lhe propunha, aceitava e submetia-se com a maior boa vontade; suas palavras são francas e ela sempre diz o que pensa e jamais observei nela que, nem ao menos remotamente, pudesse traduzir um desejo de me mistificar. Verdadiramente, não creio que pudesse levar uma fraude até o fim, ou que a intentasse sequer, pois que seria indubitavelmente descoberta. E quanto a imaginar, que uma inocente menina, de quinze anos, tenha sido capaz de conceber e sustentar, durante três anos, e com pleno êxito, uma tão grande impostura, tendo-se, durante todo esse tempo, submetido a todas as exigências, suportado as investigações mais minuciosas, tendo consentido que a controlassem minuto a minuto, antes e depois de cada sessão e tendo alcançado os maiores êxitos em minha própria casa e na de seus pais, sabendo que seria submetida aos mais severos controles científicos.

Admitir que *Katie King*, que há três anos afirma ser essa personalidade, seja o resultado de uma impostura, violenta a razão e o bom senso.

Não seria justo terminar este artigo sem ex-

pressar minha gratidão a *Mr.* e *Mrs.* Cook pelas facilidades que me proporcionaram, auxiliando a prosseguir em minhas observações e experiências. Meus respeitos, também, e de todos os espíritas, a *Mr.* Charles Blackburn, por sua generosidade, que permitiu a *Miss* Florence Cook consagrar todo o seu tempo ao desenvolvimento de suas faculdades e, ultimamente, aos exames científicos.

WILLIAM CROOKES